

REVISTA DA SEMANA

Nº 14

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

CR\$ 2,00 em todo o Brasil

5-4-47





O NOVO FILME DE GINGER ROGERS

Ginger Rogers já empreendeu até agora uma brilhante carreira artística. Hoje o seu nome alcançou um tal prestígio em Hollywood que ela já mereceu até um busto... Na foto abaixo podemos ver o famoso escultor Yucca Salmonich dando os últimos retoques em um busto seu. O último filme de Ginger Rogers, o qual a apresenta num de seus papéis mais importantes até aqui interpretados na tela, é "No limiar da glória" (The magnificent Doll). Trata-se de um romance histórico, que representa ao mesmo tempo uma das mais belas páginas da história política dos Estados Unidos. Na fotografia acima, à esquerda, Ginger Rogers aparece numa cena amorosa de "No limiar da glória", ao lado de Burgess Meredith. A seguir, uma interessante pose da "estrela".





O governo brasileiro resolveu internar, em Campo Grande, o maior Cesar Aguirre, participante do movimento revolucionário paraguaio contra o facchido ditador Higinio Morinigo, que veio, há dias, ao Rio. O caso despertou vários protestos, mas o deputado Luis Viana, em discurso, na Câmara, defendeu o senhor Raul Fernandes, ministro das Relações Exteriores, autor da medida reputada de simpatias para com o fascismo guaraní. A verdade, entretanto, é que o maior Cesar Aguirre não tinha o que fazer no Brasil, ficando-lhe muito mal largar as fileiras dos combatentes democráticos exatamente no mais acoso da luta. O fricote turístico deu como resultado o internamento, medida decerto antipática, em razão da causa por que se batem os revolucionários paraguaios, mas à qual o maior Cesar Aguirre bem podia ter escapado, ficando ao lado dos seus, no campo da luta...

Os jornais de domingo deram alguns palpites sobre a constituição do secretariado do senhor Otávio Mangabeira no governo da Bahia. Uma das figuras dadas como escolhidas pelo ilustre homem público para auxiliá-lo no governo constitucional do grande Estado é o senhor Anísio Teixeira, a quem seria entregue a pasta da Educação. Essa escolha representaria, na verdade, uma solução magnífica. Anísio Teixeira é um técnico de renome internacional e foi por isso mesmo que o eminente professor inglês Julian Huxley o convidou para elaborar no UNESCO, organismo cultural da Organização das Nações Unidas, com sede em Paris. É a administração escolar de Anísio Teixeira no Distrito Federal foi, na verdade, uma obra admirável, que nem os anos sombrios do Estado Novo conseguiram destruir totalmente. A deputada Conceição Santamaría, que se fez conhecer nos palcos brasileiros, do Norte ao Sul do país, sob o nome de Regina Maura, está fazendo figura brilhantíssima na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Em razão do destaque que tem logrado, é bem possível que ela seja eleita deputada federal, na renovação da Câmara. Para a sua consagração não falta sequer um processo por calúnia, com a ameaça do senhor Luis Dias Batista, administrador do Departamento de Profilaxia da Lepra, serviço contra o qual há inúmeras e justificadas queixas. José Mojica hoje é frade num convento de Cuzco, no Peru, mas apesar disso a Twentieth Century Fox ainda continua a ganhar bons dólares com seus velhos filmes musicados, como "Entre a cruz e a espada", que é uma das "reprises" do momento. Por falar em cinema: nossos leitores de Copacabana queixam-se do péssimo som do aparelho do cinema Pirajá, onde todos os atores falam em segredo, mesmo nas cenas de maior violência dos filmes... Diz-se que a monarquia vai ser restaurada na Espanha e que o ditador fascista Francisco Franco será sob o novo regime, investido nas funções de "chefe do governo" (como Mussolini ao tempo de Vitor Emanuel). No caso de morte do caudilho, uma regência trina assumiria essas funções. Membros do triunvirato a que caberá a sucessão: o presidente das Cortes, o arcebispo de Toledo e o tenente-general do Exército. Afinal, já é alguma coisa: Franco finalmente admite, ao menos, que não é imortal... Dizem os jornais que o deputado valadrista José Maria Alkimim, sabendo que o senador Melo Viana ia passar a semana santa em Minas, convidou-o a ir a Bocanuva, onde estão se concentrando sábios de vários países, afim de observar o novo eclipse total do sol. Entretanto, o senador Melo Viana, — que, embora do PSD, foi adepto da candidatura Milton Campos, — teria declarado: "Não, obrigado... Eu assisti, ainda há bem pouco tempo, a um eclipse total em Minas"... O senador não disse, mas toda gente sabe que ele se referia ao eclipse total do senhor Benedito Valadares... "Um milhão de mulheres" é o título do novo "show" musical que Chianca de Garcia está preparando para o Carlos Gomes. Houve alguém que achou pequeno o palco do referido teatro para tanta mulher junta... Mas o renovador do nosso teatro de revistas diz que somente a estrela, Salomé, recém-vinda da Bahia, vale por uma porção delas juntas... O governo da Inglaterra pediu o pronunciamento da Rússia, da França e da China, sobre a questão da Palestina... A consulta já vem tarde. O que ali tem acontecido não encontra justificativa alguma, representando uma política errada e nefasta, em contradição com a linha seguida na Índia e, ainda agora, no Egito, desocupado pelos soldados britânicos depois de 55 anos de ocupação. A Inglaterra também quer que a ONU se manifeste. Isso significa que anda em busca de apoio moral para a sua política na Palestina. Se a ONU disser que está muito bem, que é isso mesmo, a posição da Inglaterra não melhorará e a ONU estará moralmente aniquilada. A Holanda aboliu o racionamento de calçados. Mas o Brasil, que não foi invadido, ainda continua com vários produtos racionados. Até quando? A Radiobras iniciou o seu serviço direto com a Alemanha. Quer dizer que os membros da Sociedade de Amiguinhos da Inocente Alemanha Nazista já podem se corresponder com seus sócios correspondentes da Grosse Deutschland... Cuidado com esses telegramas... Em São Paulo estão se organizando os portugueses democratas, que já organizaram um comitê, dirigido pelo senhor Joaquim Duarte Baptista. Finalidade: torpedear a ditadura de Oliveira Salazar. Desceu de Petrópolis o general Eurico Gaspar Dutra, que ora está residindo no Palácio do Catete, por se achar em obras o Palácio Guanabara. A 4 de maio, o presidente irá ao Rio Grande do Sul, afim de inaugurar a ponte internacional, sobre o rio Uruguai, entre Uruguai e o Passo de los Libres. O Congresso Nacional já autorizou o chefe do governo a cruzar a ponte para o lado argentino. E o senhor Nereu Ramos, nessa ocasião, estará, pela primeira vez, no exercício da presidência da República, conforme preceitua a Constituição. Está se eternizando a apuração do pleito nos Estados do Rio Grande do Norte, do Piauí e de Pernambuco. Está havendo muita chicana e muita politicagem. É preciso que esses três casos sejam decididos sem demora, afim de que a reconstitucionalização do país não sofra delongas. Quem perdeu, perdeu. E o melhor é tratar de entregar logo a rapadura, como se diz na linguagem popular do Nordeste. O Congresso Nacional foi convocado para deliberar sobre o primeiro veto presidencial. Mas chegou-se, então, à conclusão de que havia regimento, para regular os trabalhos da Câmara e do Senado em conjunto. Foi apresentado um projeto de regimento, nomeou-se uma comissão para estudar o veto e emitir parecer, — e o resto ficou para depois. Cada vez que o senhor Café Filho faz um discurso na Câmara dos Deputados, os donos de botequins pedem um novo aumento do preço do cafezinho... Não há nenhuma relação de causa e de efeito entre as duas coisas, mas é uma verdade patente... Foi condenado à morte o almirante Jean Joseph Laborde, um dos colaboradores franceses, que grandes dificuldades criaram aos aliados, sendo confiscados os seus bens. O Teatro Municipal abriu-se, este ano, para uma peça nacional, "Quando se vive outra vez", do senhor Ernani Fornari, interpretada por Maria Sampaio, Rodolfo Mayer e Mario Salaberry, com bonitos cenários de Hans Sachs. E por hoje, fiquemos por aqui! Até ao próximo sábado...



No dia seguinte . . .

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dores no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

As vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não for prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos forem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre**.

De ação suave e gosto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprego desse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante

OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

CONCURSO DE CONTOS — São estas as bases do nosso concurso permanente de contos: 1º — So serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre os quais os nossos leitores possam discernir com pleno conhecimento e com facilidade; 2º — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos; 3º — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana na publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem; 4º — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas; 5º — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração no envelope: "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA"; 6º — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

* * *

CONCURSO DE TEATRO — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer.

* * *

CONCURSO DE ROMANÇOS — Foram recebidos os seguintes originais: "Eterno estribilho", de Raul Vital, "Alvaro Gonçalves", de Paulo Lúcio Rizzo, "O destino e que nos leva", de Graciema P. Genóire, "Angustiado estou por ti", de Henrique Consoni Junior, "Heróis e pecadores", de Jary Gomes, "Vereda luminosa", de Leda S. de Andrade, "Paixão e sensualismo", de Antonio Tibiriça, e "Alvorada", de Betina Diniz, além de um romance sem nome de autor e sem título, que começa com a frase: "Eram sete horas menos dois minutos". Ao autor desse trabalho, rogamos a gentileza de se identificar. "Atlântida Soterrada", do Sr. Mário (pseudônimo), "Um cachorro e outras pessoas", de Alberto Leal, "Tempestade", de Adelino Volfar (pseudônimo) e "Vila São Jorge", de Eduardo Grotto Carretero.

Todos os originais já foram por nós distribuídos à comissão julgadora, constituída pelos escritores João Luso e Berlio Neves.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.º ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

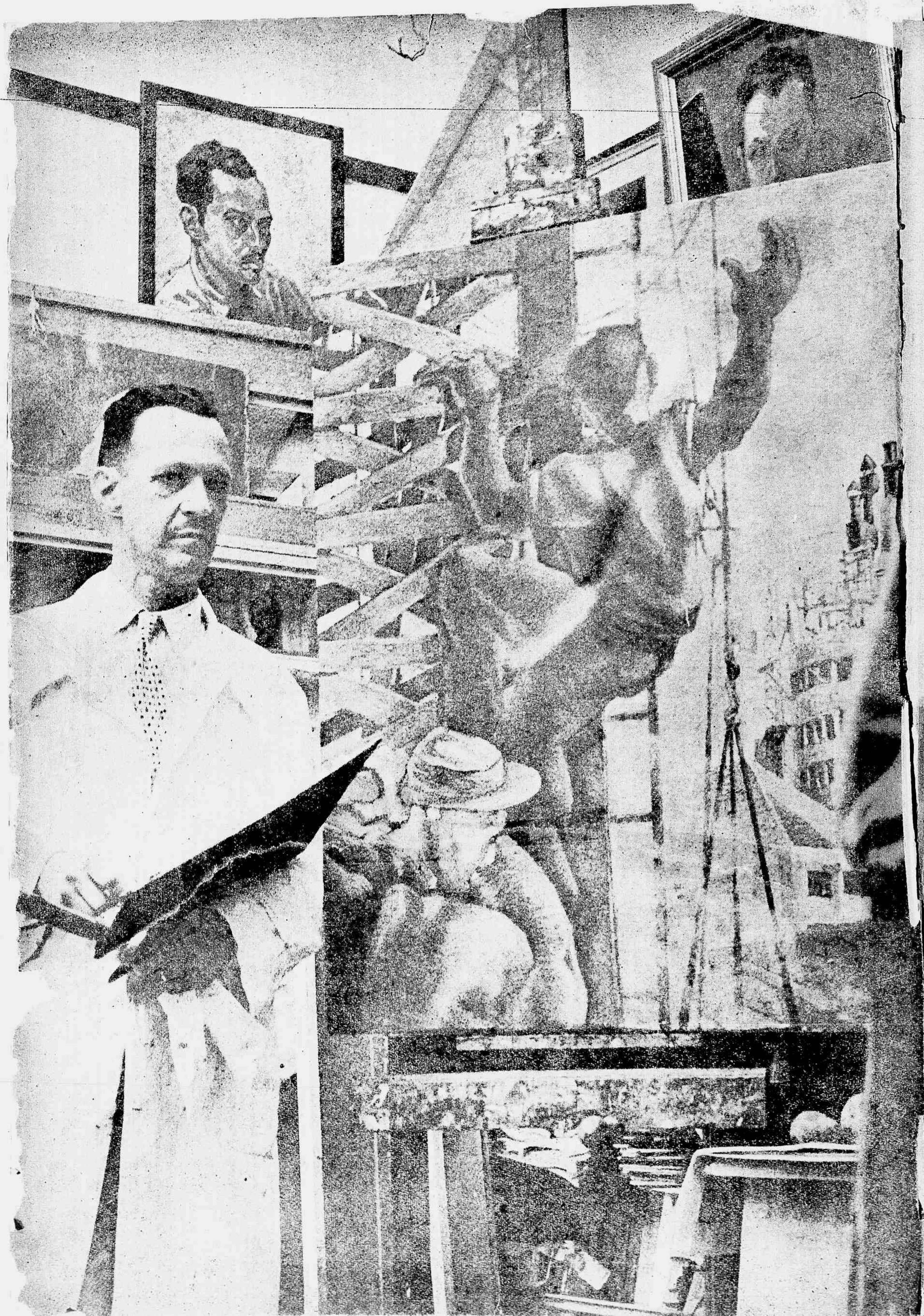
R. CARIOCA N.º 28

Foaltheria

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



SERA' PRECISO OUTRO 29 DE OUTUBRO PARA AS ARTES PLASTICAS?

Uma classe inteira preterida nas suas conquistas e nobres aspirações por um Narciso totalitário — Os pintores e escultores se manifestam contra seu inimigo número um — A Gilda das belas-artes... — Será ele o homem da capa prateada? — Bomba atômica sobre o líder da Cervejaria de Munique da Avenida Rio Branco — O Senhor Clemente Mariani fará mesmo nada?

Reportagem de NEY MACHADO



Fotos de ARNALDO VIEIRA

As artes plásticas, no Brasil, permanecem em uma situação vergonhosa. Profundamente vergonhosa e lastimável, vergonhosa não só para os artistas, mas para o Brasil inteiro. A democracia se fez sentir em tudo o mais menos nas belas artes. Porque, ao contrário disso, o regime que ora prevalece em coisas de pintura e de escultura, é puramente fascista. O "Salão Oficial", os prêmios de viagem que eram anualmente distribuídos, — e que foram mesmo em 1930, com revolução e tudo, — foram suprimidos por um capricho burocrático. Mudou o ministro da Educação. Foi-se o paulista Ernesto de Souza Campos que foi uma calamidade. Veio o bahiano Clementino Mariani. Renasceram as esperanças dos nossos artistas. Mas até agora o ministro não fez nada. E o senhor Osvaldo Teixeira, — que, em dezembro de 1944, ao ser entrevistado, dizia que o seu desejo supremo "era continuar a servir sempre ao presidente Getúlio Vargas", — continuou a ser um ditador na Escola de Belas Artes e no Museu, — um ditador mesquinho e de mau gosto, conquistando incompatibilidades cada vez mais numerosas para o governo do general Eurico Gaspar Dutra nos nossos meios culturais e artísticos. Os artistas, contudo, ainda não desesperaram. Estão fazendo um novo esforço, um supremo esforço, para

fazer com que suas vozes sejam ouvidas. E parece que as artes plásticas no Brasil, caminham, finalmente, para a sua redenção.

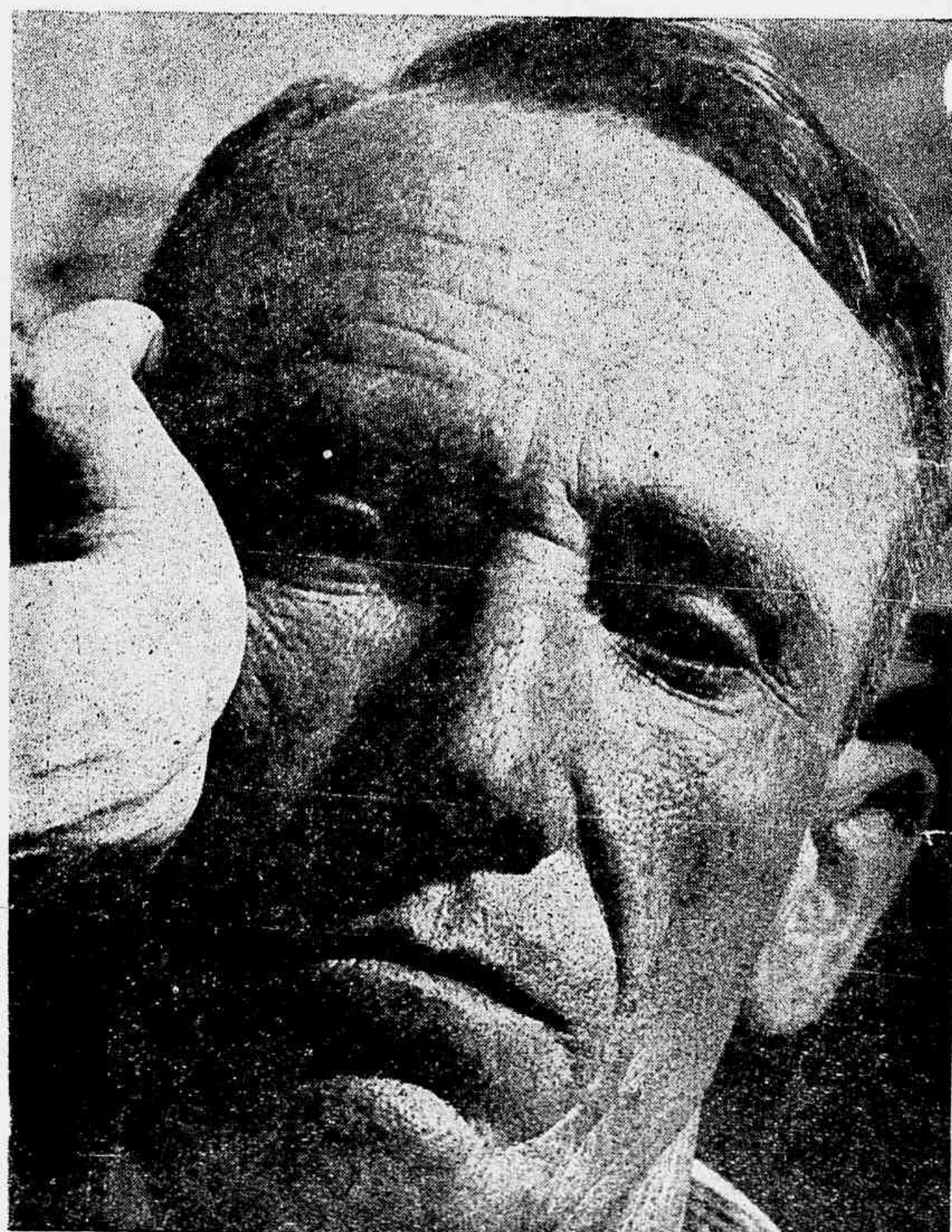
A rebelião contra a sua ditadura do Narciso do Museu começou há coisa de um ano, quando aquele diretor recebeu como um presente do céu a anulação do decreto que estabelecia o regulamento do Salão de 1946, redigido sob a orientação da maioria dos nossos artistas e levado à assinatura do senhor Getúlio Vargas pelo então ministro Gustavo Capanema. Este regulamento, decente e honesto, que refletia as aspirações da classe, por isso mesmo desgostava ao diretor-perpétuo do Museu. Aproveitando-se da invalidação feita por atacado de todos os atos governamentais em 29 de outubro de 1946 (infelizmente o regulamento também o fora naquela data) pelo governo provisório, do ministro José Linhares, levou o diretor-perpétuo à aprovação do senhor Souza Campos o seu próprio regulamento para o Salão pretendendo dirigir, sozinho, os destinos das artes plásticas no Brasil. E o ex-ministro da Educação se deixou levar pelos cantos de serela do diretor-perpétuo, sancionando o seu incrível regulamento fascista. Neste regulamento entre outras coisas, a Comissão Organizadora e a Comissão do Juri seriam escolhidas pelo ministro da Edu-

cação dentre uma lista apresentada pelos artistas, não dando estes escolherem diretamente os membros das duas comissões. Outro detalhe interessante é que o presidente da Comissão Organizadora, de escolha direta do ministro (leia-se nas entrelinhas: "diretor-perpétuo"), se incumbiu de arrumar os quadros nas paredes do Salão, passando cima das atribuições da Comissão Organizadora. Que objetivo secreto dessa medida?...

CRIME AINDA SEM PUNIÇÃO

Está claro que os nossos artistas não se submeteram àquela farsa. Protestaram, foram ao ministro e pediram revalidação do regulamento-Capanema. O dr. Souza Campos fez ouvidos moucos. Organizou-se um memorial com mais de duzentas assinaturas — de pintores, escultores intelectuais — mostrando ao governo as falhas do regulamento rejeitado e pedindo providências para a organização do Salão. Nada conseguiram. O resultado dessa orientação fascista imposta (ou pretensamente imposta, ao nosso mundo artístico, foi um verdadeiro crime contra a cultura nacional. Não se realizou o Salão de 1946, isso depois de cinquenta anos de ininterruptas exposições. O certame,

A esquerda: Portinari, líder da pintura moderna no Brasil, acha que Osvaldo Teixeira, incompatibilizado como está com toda a classe de artistas plásticos, só tinha uma coisa a fazer: pedir demissão do seu cargo de diretor do Museu Nacional de Belas Artes. A direita: José Pancetti, um dos nossos melhores pintores modernos, foi escorraçado pelo senhor Osvaldo Teixeira do Museu de Belas Artes. Sua última exposição, por isso mesmo foi realizada em Copacabana. Na página ao lado: o modernista Eugênio Sigaud vem lutando há muito tempo para a realização de um "Salão" que não esteja subordinado à vontade de um único homem. Ao lado está o seu último quadro, "O bate-estacas", feito para o "Salão" de 1946, que não se realizou.



Ada Malagoli, prér de viagem ao estrange, pela Di-
visão Moderna, outro vanguardeiro na luta pela defesa dos
direitos da classe. "E' preciso haver democracia nas elei-
ções das Comissões e dos jurís — diz-nos Malagoli — e é
por isto que estamos nos batendo".

época do Braisl, desde a vinda da Missão Artística Fran-
cesa, surgiu ao mundo das artes plásticas nacionais um
pintor com essa coragem de pleitear os poderes ignomí-
nos que o mediocre diretor do Museu enfeixou nas suas
mãos, para negar todos os princípios democráticos da arte.
A não-realização do Salão no ano de 1946 e a frente única
dos modernos e acadêmicos contra o sórdido regulamento
colocaram Osvaldo Teixeira na página mais negra da his-
tória das nossas belas-artistas. Seus quadros, sem nenhuma
qualidade, vão desaparecer, expulsos das paredes pela
boa pintura e pelo esclarecimento do público — mas o seu
regulamento será sempre lembrado pelos artistas como
uma Pearl Harbor.

A "GILDA" DAS BELAS ARTES...

O diretor perpétuo há mais de dez anos dirige, com
ampos poderes, o nosso Museu. Que benefícios trouxe a
sua gestão naquela casa para as belas artes? Henrique
Pongetti, com a sua "verve" inimitável, nos responde:

— Como diretor do Museu Nacional de Belas Artes o
senhor Osvaldo Teixeira se limita a comprar os quadros
dos seus endeusadores profissionais e a transformar o edi-
fício da E.N.B.A. — de qualquer modo o nosso Louvre I
— num mufuá vergonhoso de quadrecos, de fotografias,
de bonecos, de estampas. Nunca se viu rebaixamento maior
de classe naquele pobre edifício, outrora aberto apenas aos
pintores de verdade. Agora, como político no sentido pe-
jorativo da palavra — parcialidades, unilateralidades, fu-
tricas envenenadoras do meio, intoleráveis caprichos e in-
compreensão — o homem é a "Gilda" dos diretores do Mu-
seu: nunca houve outro como ele...

A BOMBA ATÔMICA

A Sociedade Brasileira de Belas Artes, sociedade au-
tônoma que tem como escopo a defesa dos direitos dos
artistas plásticos possui, inscritos, mais de oitocentos as-
sociados. Foi uma das primeiras a rejeitar o regulamento
no ano passado. A SBBA entregara em 1945 ao ministro da
Educação um ante-projeto de regulamento para o ano se-
quinte. Se o ministro tomou conhecimento dessa preciosa
colaboração não se sabe, porque tal ajuda nunca veio à
tona. Para resolver o impasse criado e para que não se
realize a ameaça de não haver Salão novamente este ano,
a SBBA resolveu apresentar um ante-projeto de regula-
mento, cujos artigos já foram discutidos em reunião da
classe, a portas abertas. Este regulamento — "tertius",
praticamente já vitorioso poderá resolver satisfatoriamente
a questão e será uma verdadeira bomba atômica sobre o
diretor perpétuo. Jogará por terra o "condottierismo" do
dirigente do Museu de Belas Artes que não poderá mais
arrumar os quadrinhos nas paredes da "sua" casa.

O HOMEM DA CAPA PRETA

Estamos entrevistando o presidente da SBBA, o pintor
acadêmico Henrique Sálvio. Explica-nos primeiramente por-
que a sociedade não aceitou as condições do regulamento
do ano passado:

— Rejeitamos por vários motivos, entre os quais a
falta de autonomia do juri e também a falta de garantia
dos e'eitos pelos artistas para as Comissões Organizadora
e Julgadora.

— A Sociedade não interveio na elaboração do fami-
gerado regulamento do senhor Osvaldo Teixeira?

— Não sei se o Osvaldo é o tal homem da capa
preta. Mas posso lhe garantir que o decreto assinado pelo
ministro Souza Campos constituiu surpresa absoluta para
nós que dele só tivemos conhecimento quando de sua
publicação no "Diário Oficial".

O ante-projeto que será brevemente levado direta-
mente ao novo ministro estabelece uma divisão fundamen-

Palavras textuais de Henrique Pongetti: — "Osvaldo Tei-
xeira é a "Gilda" dos diretores do Museu. Nunca houve
outro como ele"... — Os intelectuais, em sua maioria,
apoiam o movimento de libertação das artes plásticas ini-
ciado há quase um ano pelos nossos pintores e escultores.
O ilustre escritor foi fotografado na revista de arte "Rb",
de que é um dos diretores.

RESISTÊNCIA

Todos esses fatos que resumidamente expusemos acima
criaram um ambiente de solidariedade em todos os nossos

circulos culturais em favor dos nossos artistas. Escritores,
jornalistas e o próprio povo se identificaram na mesma
causa. Agora, o movimento toma novo e maior alento.
Ouvimos pintores, escultores, jornalistas e escritores, vozes
unâniimes em condenar a supressão do "Salão". O primeiro
que procuramos foi Henrique Pongetti, diretor de uma re-
vista de artes, teatrólogo dos melhores, cronista saboroso
e um dos animadores desinteressados dos nossos movi-
mentos artísticos. A nossa primeira pergunta — que acha-
va do regulamento do diretor-perpétuo — respondeu-nos:

— O regulamento-Osvaldo Teixeira só poderia nascer
da absoluta inconsciência de um ministro, aliada à valda-
de mórbida e ao topete de um falso artista. Em nenhuma



A Escola Nacional de Belas Artes. Neste prédio estão pessimamente instalados os diversos cursos da escola e também o Museu Nacional de Belas Artes, desde a sua criação, em 1937. A melhor solução seria transferir-se dali a ENBA passando o Museu a ocupar todas as dependências do prédio. É o último reduto do fascismo. Será preciso um novo 29 de outubro para mudar a situação vexatória que ainda persiste.

tal. Separa as atribuições burocráticas das atribuições artísticas. Das primeiras ficará encarregada a Comissão Administrativa, composta por funcionários do Ministério da Educação, de nomeação a critério do ministro. A Comissão Organizadora composta por artistas, democraticamente eleitos pela própria classe, se incumbirá da parte técnica e especificamente artística, havendo duas Comissões Organizadoras, uma para a Divisão Geral e outra para a Moderna. Os jurís, por sua vez, como sempre um para cada Divisão terão os seus julgadores, em número de três escolhidos do seguinte modo: um, pela Comissão, outro designado pelo Ministério da Educação e o terceiro, eleito diretamente pelos artistas. Como se vê os artistas terão sempre maioria absoluta para julgar os seus próprios trabalhos. Dessa forma cai completamente a intervenção política dentro do julgamento dos trabalhos artísticos. A Cesar o que é de Cesar, e ao diretor-perpétuo nada mais que as suas funções de diretor. Quando muito poderia ser designado membro do júri eleito pelo ministro, minoria contra os seus outros dois colegas de julgamento, voto vencido, se quisesse atrapalhar.

FALAM OS "MAQUIS" — ONDE É LEMBRADO JOAQUIM SILVÉRIO...

Os que vêm lutando há um ano por um regulamento digno e democrático, são muitos: Frederico Barata, Eugênio Sigaud, Honório Peçanha Campofiorito, Levino Fanzeres, Adalberto Matos e dezenas de outros. Estamos na residência de Sigaud, em Humaitá, onde o pintor modernista nos mostra as duas telas que preparara para o inexistente Salão de 46. "Cidade" e "O bate-estacas". Sigaud é engenheiro-arquiteto militante e seus últimos quadros se ocupam quase que exclusivamente de cenas da construção de arranha-céus. Sigaud sabia do propósito da entrevista e mal nos viu atacou o assunto:

— O senhor Osvaldo Teixeira é o Joaquim Silvério da nossa arte. Em seu decênio de direção no Museu destruiu mais de oitenta por cento do patrimônio daquela casa. Não digo isso acereamente. Faça um exame rápido na pinacoteca e encontrará inúmeras telas furadas, "chassis" podres, cupim comendo obras primas!

Enquanto o pintor vasculhava uma gaveta, prosseguiu:

— Quando nós dizemos que esse diretor possui mentalidade fascista, não estamos inventando. Lela o que disse esse homem no livreto "Getúlio Vargas e a Arte no Brasil", editado pelo DIP em 1940.

Pedimos licença para transcrevê-lo. Diz ele: — "Se Getúlio Vargas não fosse, por certo, esse admirável "condottiere" esse magnífico Chefe de Estado, o Brasil não seria tão digno dos brasileiros. Foi ele que tudo unificou, acabando com todos os litígios, com bandeiras com discussões e conflitos de toda a ordem e de resultados negativos, com obras efêmeras, com a política absurda e destruidora da vontade da Nação, com um "PARLAMENTO SEM EXPRESSÃO QUE NADA PRODUZIA PARA O PAÍS", etc., etc..."

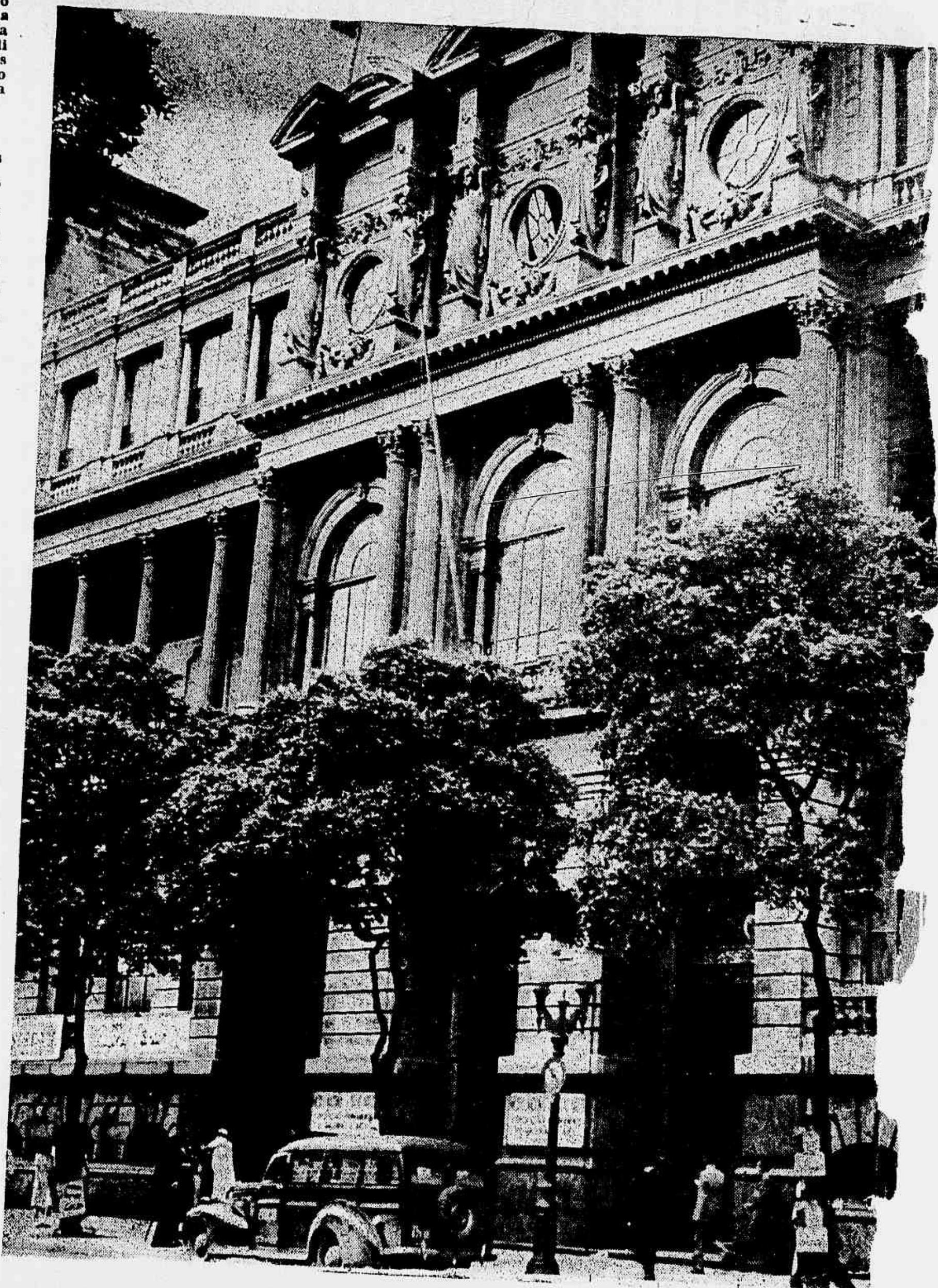
Aí está o retrato da mentalidade do responsável pelo nosso Museu de Belas Artes...

OSVALDO TEIXEIRA E A "CERVEJARIA DE MUNICH"

Campofiorito, prêmio de viagem da Escola Nacional de Belas Artes, pincelou simbolicamente a decadência do "homem que fica".

— O descalço com que o senhor Osvaldo Teixeira tem cuidado do Museu e dos interesses das nossas artes plásticas em geral fez com que hoje em dia ele não possua um único amigo dentro da nossa grande classe. A própria turma da "Cervejaria de Munich" que o quindou àquela situação já o abandonou. Se nela se mantém deve única-

Um grupo de alunos da Escola Nacional de Belas Artes falando ao repórter da REVISTA DA SEMANA. Ali também há revolta contra o senhor Osvaldo Teixeira, a cujo capricho se deve a supressão do "Salão" e dos seus prêmios, pela primeira vez no Brasil. Que estímulo podem ter estes jovens, que, no futuro, aspirarão as recompensas do "Salão".





Malagoli e Quirino Campofiorito transmitem suas impressões ao reporter. Segundo Campofiorito a classe abandonada pelo diretor do Museu, também o abandonou por completo. "Nem mesmo a turma da Cervejaria de Munich que o elegeu permanece ao seu lado agora".

ao seu prestígio junto ao presidente Dutra. Nosso presidente, infelizmente, não tem ouvido os apêlos que a classe lhe tem feito.

Ado Malagoli, prêmio de viagem pelo Salão, comenta e acrescenta:

Sálvio, presidente da Sociedade Brasileira de Belas Artes, most. reporter os itens mais importantes do regulamento que está sendo elaborado por essa sociedade, com o concurso de todos os artistas. Este regulamento é verdadeira bomba-atômica sobre o atual diretor do Museu. O caricaturista Alvarus, ao lado, classificou o do ano passado como "uma coisa horrorosa".

— Se de um lado ele pouco cuida do Museu, as exposições que faz de seus próprios trabalhos são realizadas com o máximo carinho.

A conversa volta ao ante-projeto do regulamento que a Sociedade Brasileira de Belas Artes está elaborando e

Campofiorito cita um artigo, o de número dezenove, que diz textualmente: — "Não serão admitidas obras que atentem ao decoro público, ou que encerrem, clara ou veladamente, alusões desairosas a pessoas ou a instituições, ou ainda que envolvam propaganda política". O artista opina que esta sujeição seria uma arma perigosíssima se o julgamento ficasse a critério de políticos, ministros ou instituições religiosas que poderiam cercear, partidariamente, obras de real valor artístico e completamente apolíticas. Realmente isto poderia se dar. Mas, e vai aqui o nosso esclarecimento, o presidente da SBBA, autora do ante-projeto, garantiu-nos que a rejeição ou não dos quadros, de baixo das diretrizes que traça o artigo dezenove, será feita exclusivamente por pintores e escultores (membros da Comissão Organizadora), não havendo intromissão de opiniões de terceiros, que não sejam da própria classe.

A OPINIÃO DO ESCULTOR LEÃO VELOSO

O nome do escultor Leão Veloso é conhecido e admirado por todas as correntes artísticas do país. Há muitos anos não concorre aos prêmios do Salão e ali só aparece, como ele mesmo nos diz, como visitante. Sua opinião é portanto insuspeita sob todos os aspectos. Nada nos adiantou sobre o regulamento do ano passado nem sobre o que hoje está sendo estudado, pois vive apenas no seu atelier. O reporter foi quem o informou das últimas novidades sobre esse assunto. Falando-se do regulamento de 1946, ouviu ao seu autor e, a uma pergunta sobre o mérito de Osvaldo Teixeira como artista respondeu-nos o entrevistado:

— A minha impressão é que Osvaldo foi uma grande promessa que se não realizou. Um artista que teve valor, mas que não chegou onde poderia ter chegado. Porque esse desvio é difícil explicar. Política? Convencimento pela bajulação que recebe? Não sei. Talvez um dos motivos seja a ausência de auto-crítica que o Osvaldo Teixeira possui. Quanto à sua direção no Museu não me posso externar, pois como lhe disse estou afastado do ambiente e não tenho contactos pessoais ou profissionais com esse diretor.

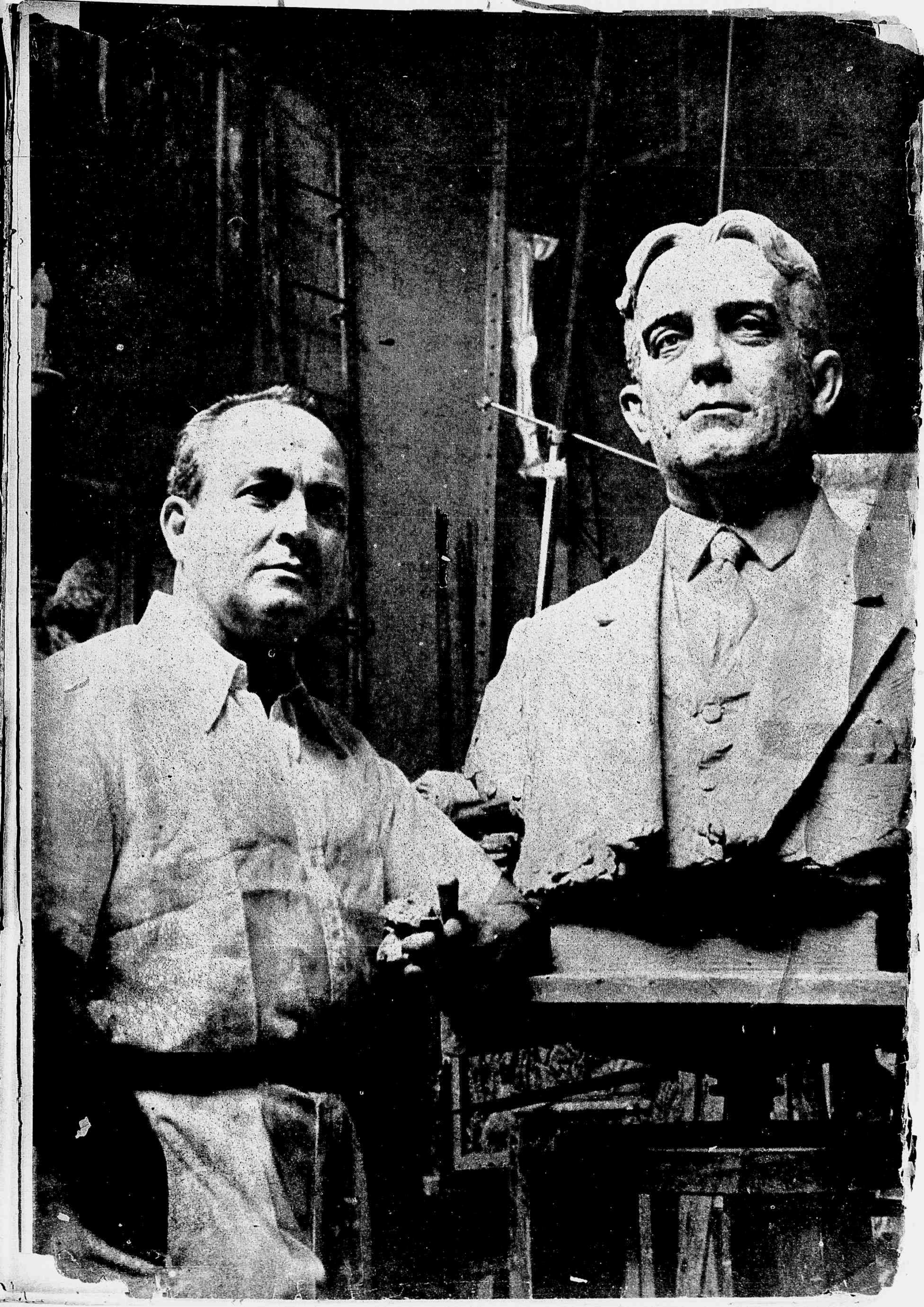
Sobre a provável substituição do diretor do Museu, Leão Veloso opinou:

— Talvez fosse melhor não ser o diretor um artista,

(Continua na pág. 58)

Na página ao lado: o escultor Leão Veloso ao lado do seu último trabalho, o busto de Afrânio Peixoto, que será entregue à cidade de Petrópolis. "Osvaldo Teixeira, como artista, é uma promessa que não se realizou", diz-nos esse mestre da escultura.









Joana D'Arc, interpretada por Ingrid Bergman, diz ao hesitante delfim (Romney Brent), sentado à mesa, que vozes celestiais a aconselham a não transigir com a venalidade da corte, mas a levar avante a guerra de libertação da França. Os outros atores são Kevin Mc Carthy, Harry Irvine, Roger De Keven e Martin Rudy — e é assim vestidos que todos eles aparecem na peça de Maxwell Anderson, que vive apenas do texto e da representação, sem efeitos de luz ou o ouroel das lantejoulas.

INGRID BERGMAN, GRANDE FIGURA DO PALCO E DA TELA

Em Nova York, faz sucesso sem precedentes em "Joan of Lorraine", a mais notável obra dramática de Maxwell Anderson — Uma peça dentro de outra peça... — Quando um autor tem a coragem necessária para tratar de um tema difícil e, ainda por cima, ironizando Bernard Shaw — A Joana D'Arc mais bela e mais inspirada que o teatro já apresentou.

Por HAMILTON WOOLLCOTT

(Do "Broadway Reporter")

Fotos da KEYSTONE PRESS AGENCY



Exclusividade de REVISTA DA SEMANA no Brasil.

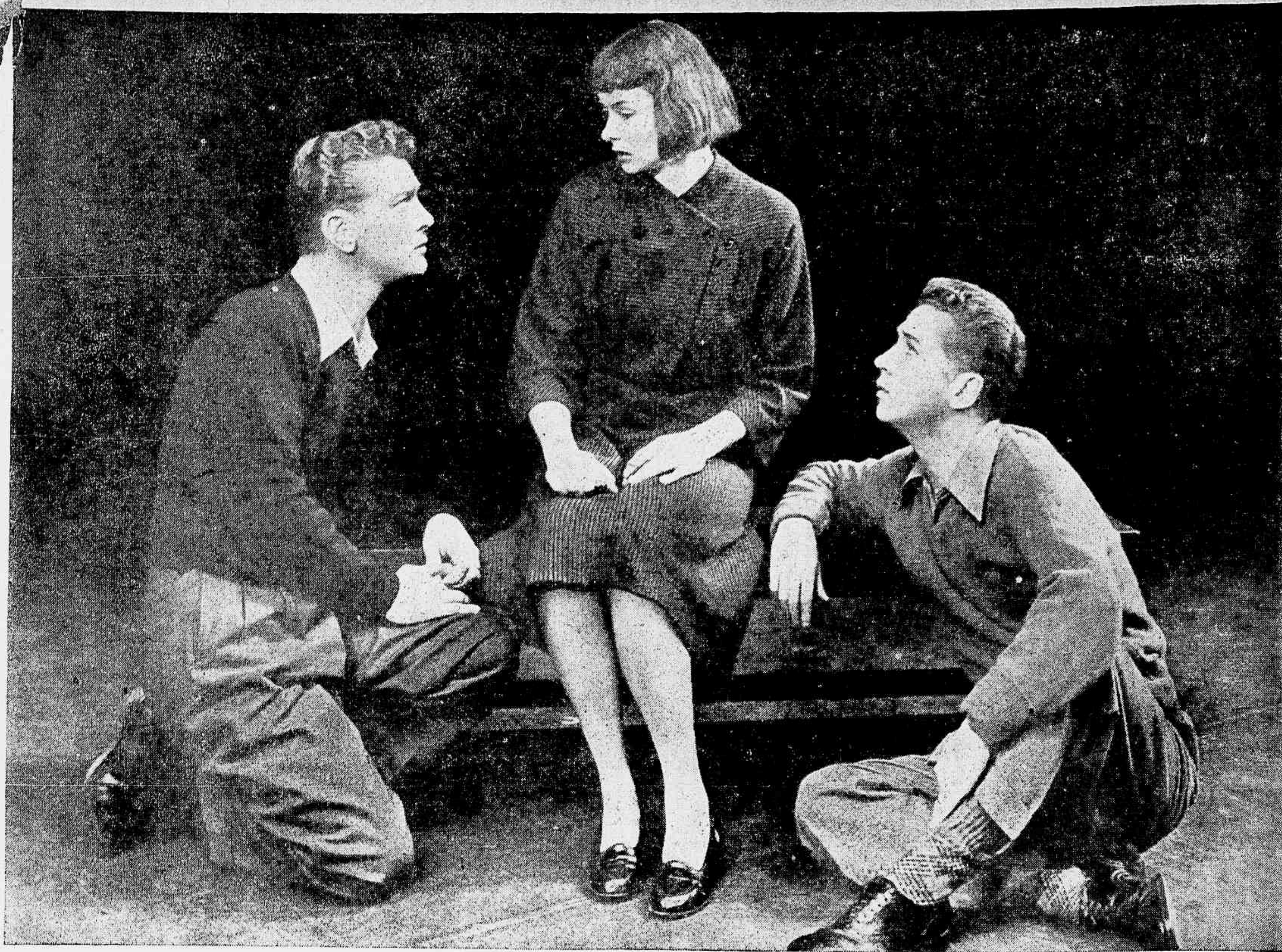
NOVA YORK, março — Muitas celebridades voltam da bilheteria do Teatro Alvin, em Nova York, desconcertadas por não poderem obter ingressos para "Joan of Lorraine" a grande peça dramática de Maxwell Anderson, com Ingrid Bergman no principal papel, senão para daqui a dois ou três meses. As lotações se esgotam com enorme antecipação e o próprio Charles Boyer, companheiro de Ingrid Bergman nos filmes "A meia luz" e "Arco do Triunfo", vindo a Nova York, não conseguiu assistir à peça

famosa se não fosse a gentileza de um casal que comprara um camarote e, vendo o artista ilustre descoroado, ofereceu-lhe um dos lugares no camarote, ou mesmo todo ele, exigindo o artista francês a presença do casal amável, a seu lado, para que utilizasse o convite. "Joan of Lorraine", a peça que ela representa na Broadway, assinala sua segunda aparição na cena americana, tendo a primeira sido em "Lilliom", de Ferenc Molnar, em 1940, com Burgess Meredith. Em "Joan of Lorraine" o autor, Maxwell Anderson, detentor do Prêmio Pulitzer, com a peça "Both of your houses", consagrado, ainda, com as peças "Winterset" e "High Tor" e considerado, unanimemente, o homem destinado a continuar a renovação do

teatro americano iniciada em 1914 por Eugene O'Neill, nos dá uma interpretação inspirada e comovente de Joana D'Arc, como santa e patriota, virando pelo avesso a tese de Bernard Shaw, de que ela era, antes de tudo, uma negociadora de talento, uma política habilíssima, afinal levada à parede por uma força mais poderosa e mais sutil do que a sua, — a Igreja Católica. Mas não se trata, propriamente de uma peça exclusivamente tecida em torno da vida de Joana D'Arc. Trata-se de uma peça em que a vida de Joana D'Arc, em vez de ser apenas representada, é discutida, é debatida, é comentada, intervindo o autor, de quando em quando, com extraordinária habilidade e

Na página à esquerda: Condenada à morte, na fogueira, Joana de Lorena espera a hora final. E' assim que Ingrid Bergman a interpreta. A "estrela" da peça, — ou seja, Mary Gray, — em que o seu papel se biparte, declara: "Eu sei que Joana não transigia com a sua alma, — e foi por isso que ela preferiu morrer!"

(Continua na pág. 54)



Em cima: uma cena de "Joan of Lorraine", na qual a atriz Mary Grey (Ingrid Bergman), ensaia o papel de Joana D'Arc, ao lado de seus irmãos, João e Pedro (Kenneth Tobey e Bruce Hall). Para o público, supõe-se que os três estão num aprisco, cuidando de uma ovelha doente. Em baixo: os inquisidores visitam Joana no cárcere (cena com Ingrid Bergman, Joseph Weiseman, Lewis Martin, Stephen Robert, Sam Wanamaker e Brooks West. Na página à direita: Ingrid Bergman, vestindo uma longa veste decorada com a flor de lis da França dedica suas armas e sua vida a Deus, numa das mais belas cenas da peça de Maxwell Anderson.





DE BOM HUMOR



— Alô ? Alô ! PXB-3... PXB-3... Pode sair de casa, Julietta. Eu já estou me aproximando da bilheteria...



— Mas eu já disse que não quero comprar um terno ! Eu apenas reclamo contra um engano no imposto sobre a renda !



— Eu não sabia que você vinha almoçar em casa e disse para despejar em qualquer lugar...

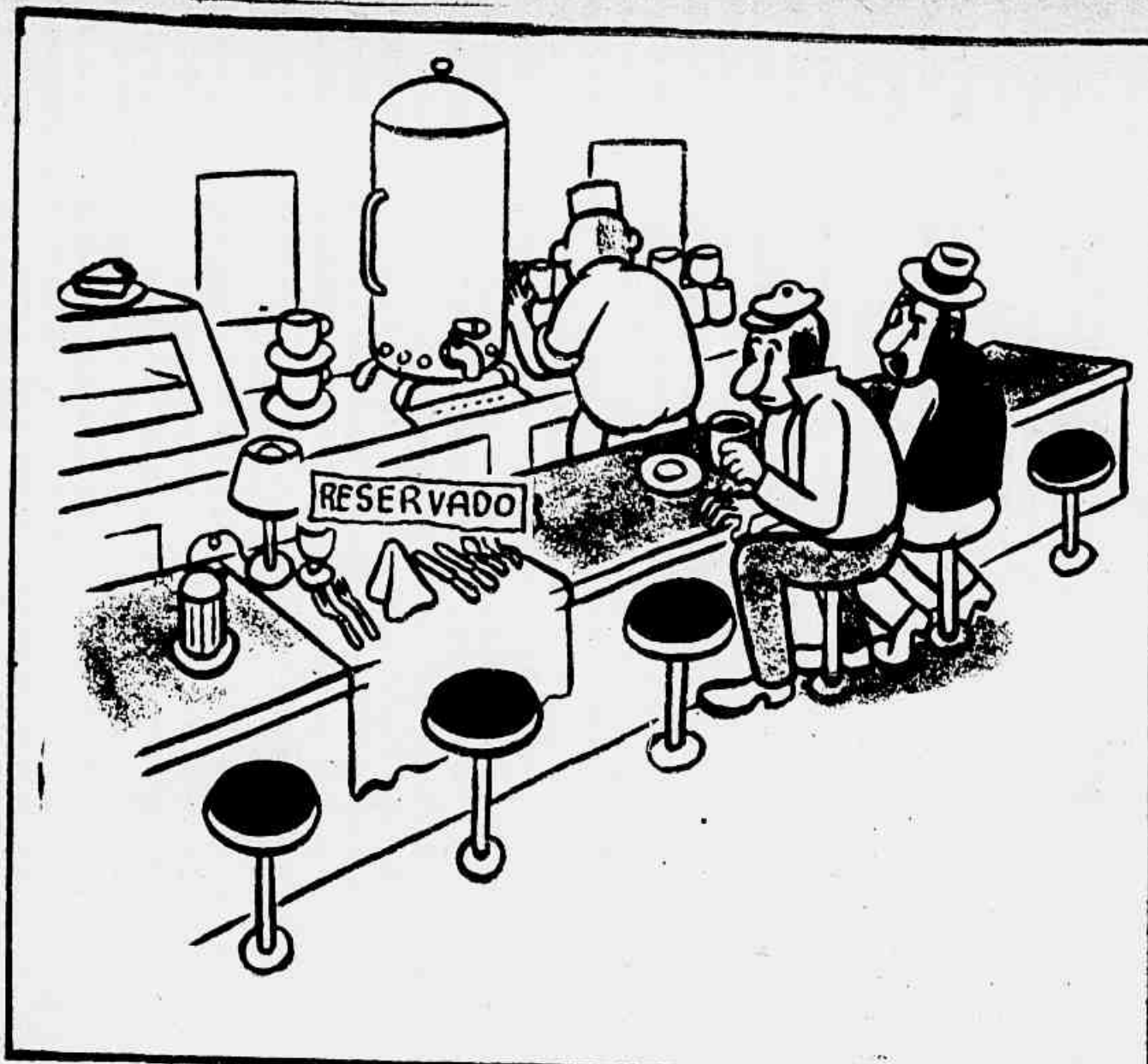


— Fiquem sabendo que resolvi estabelecer minha autoridade aqui ! Quebrei e está quebrado !



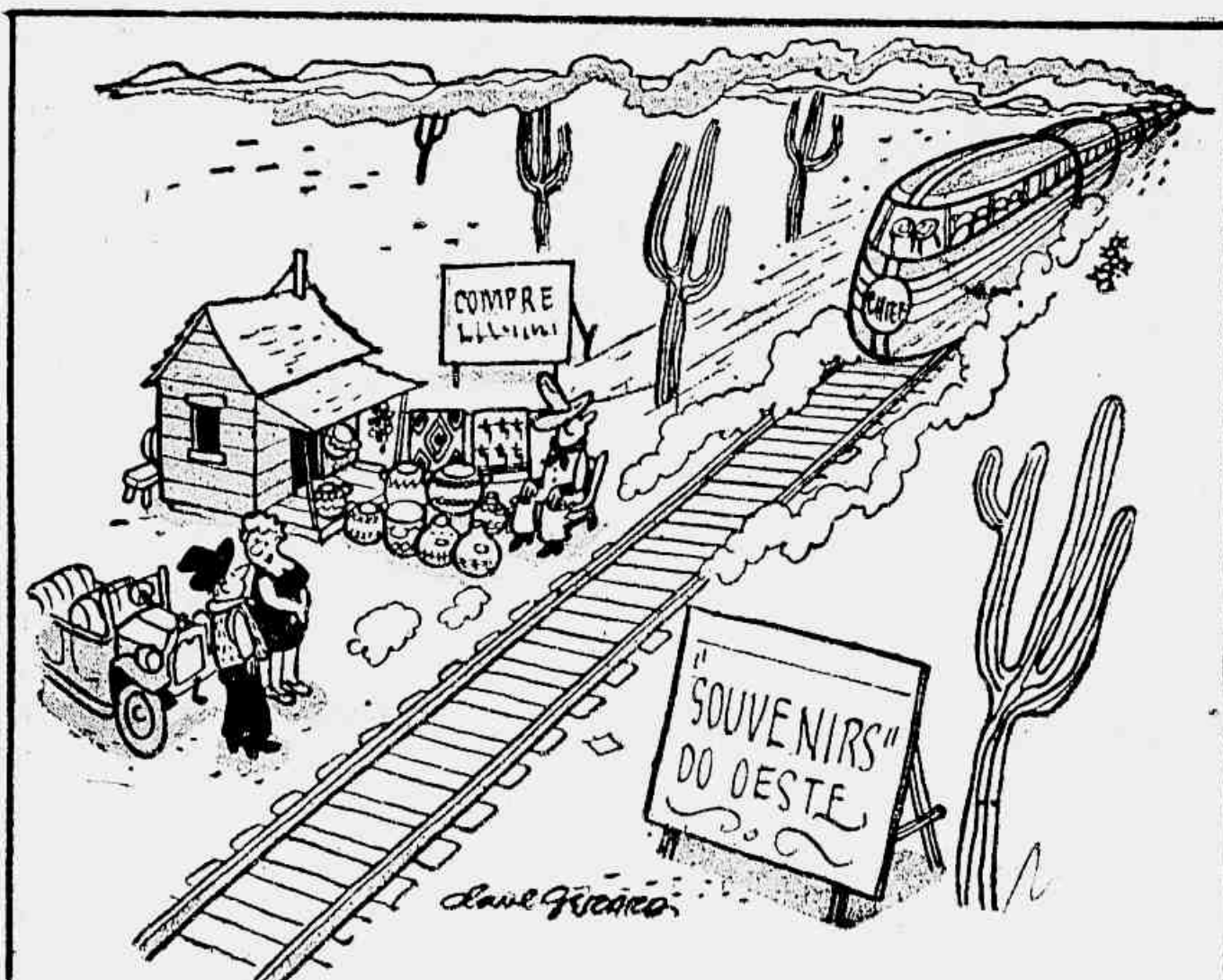
CRISE GASTRONOMICA

— Espere até ver a maneira interessante pela qual servem azulejos aqui...



TOM
HENDERSON

— Ele costuma dizer que dirige o estabelecimento com um pé nas costas...



Dave Friedman

— Ele está convencido de que esse trem um dia começará a fazer paradas aqui...



Charles Montgomery

— Vocês se divertirão muito mais quando nós tivermos comprado um projetor...



Stan Hunt

— Não tenha receio, minha senhora... Já vi, acidentalmente, que na última página ele diz: "Apesar de tudo, amo-te e perdoo-te"...



Bill Fink

— Querida, creio que eu devia ter protestado um pouco, quando o Alfredo disse que ele pagaria a conta sozinho...

MÚSICA

OLIVIERO DE FABRITIIS E O MOINHO DE VENTO

E não era D. Quixote — Um gesto, um "crescendo", uma risada-contorção, "psiu!" e galope — Os italianos — Música 1946 e o sentimento sem afetação Claudio Santoro e os que acertaram o passo pelo juri do concurso para a Bolso Guggenheim.

De ROBERTO LYRA FILHO ★ Especial para REVISTA DA SEMANA

A princípio, julguei que estivesse diante de D. Quixote. Que outro personagem poderia aparecer, assim, subitamente, diante do público e abrir-se em gestos largos, imensos, tão longe do ridículo, na sua compenetração, na sua compostura, mantida, miraculosamente, a despeito das atitudes mais ou menos grotescas em que se colocava?

O homem subira para o estrado e a luz o banhava. Continuei observando e acabei por modificar a impressão primitiva. Já não via mais D. Quixote e sim o moinho, o famoso moinho de vento, cujas aspas giravam loucamente, ora num movimento brando, esforçando-se por conter a sua agigantada dimensão, dando-lhe a elegância dos gestos delicados, quase que se tornando menores, pela concentração com que tentavam tornar-se mais suaves, mais suaves... Ora, no tumulto violento, rodopiando, furiosas, cortando o ar pesado, alargando-se, de repente, e impondo-se, tão prodigiosamente crescidas que o milagre deixava os assistentes boquiabertos. Mas — como comprar um homem com um moinho?

Não seria possível imaginar que o tronco, que o ligava à estante, onde a partitura jazia, inerte e espavorida, era o centro donde partiam — asas projetadas — os braços e pernas espalmados? E, então, não se tornaria evidente que a imagem prende o objeto dessa descrição, trazendo-o, vivo, à imaginação dos leitores?

A idéia de D. Quixote estava definitivamente afastada. Optei pelo moinho. Oliviero de Fabritiis regendo, parece um moinho.

OS GESTOS E A RISADA

O regente italiano, que já conhecíamos da temporada do Carro

O maestro Oliviero de Fabritiis.



de Tespis, subiu do vão da orquestra, no teatro de ópera, à plataforma dos concertos sinfônicos. Nesse processo, não perdeu uma única de suas qualidades. O escrúpulo e a honestidade, que caracterizavam suas interpretações, a simpatia com que se identifica com as obras interpretadas e traduz, firme e nitidamente, a sua concepção do que o compositor deixou registrado para guiar, na ressurreição mágica da execução, a maneira pela qual aquelas notas saltarão do papel, para se tornarem presenças definidas, sons materializados, tudo aquilo que registrei, com entusiasmo, ao ouvi-lo, na ópera, confirmou-se, com a OSB.

Mas uma estranha qualidade de imprevisto veio enfraquecer todas as previsões. Quem poderia imaginar aquele o caminho "do vão da orquestra à plataforma dos concertos sinfônicos" seria uma trajetória impressionante pela forma teatral, pela exuberância incontrolada da mímica?

Evidentemente, é estranha a qualquer cogitação puramente musical essa minha preocupação com a presença física do maestro. Vai por conta do temperamento — Em Erich Kleiber, não obstante, foi censurado por demasiado impassível. Assim o julgaram alguns críticos. Oliviero de Fabritiis pode ser censurado — não me furtarei a isso, valendo-me da mesma franqueza que sempre fiz questão de demonstrar — pela sua posição que obstrui a comunicação da mensagem, tantas vezes fugidia da música, da orquestra que está além, ao público que está aquém — porque, no meio, Oliviero de Fabritiis não se posta, com discreção, apagando-se. Ergue-se, ao contrário, descomunal e fantasmagórico, "italianamente" entusiasmado.

A "Cavalcada" não passa sem que ele, talvez inconscientemente se imagine jóquei, no dorso de El Morocco, por exemplo. Um minueto, por outro lado, leva-o a participar das elegantes mesuras peculiares a esta dança. De uma maneira geral, o ritmo dançante lhe dá ímpetos de acompanhá-lo — e ele, frequentemente, cede a esse impulso. Quando julga que a orquestra não vai indo bem, adverte-a com um vigoroso "psiu!", para que se mantenha dócil ao seu comando. Por pouco não explica em voz alta que pretende extrair um pianíssimo caricioso... E, quando ele avista um "prestíssimo" na partitura, desanda no galope arrebatado e, nesse arroubo, ó tristes instrumentistas, a orquestra vai saltando notas, para poder acompanhá-lo. Oliviero de Fabritiis rege com as mãos, os pés, o tronco, a cabeça, e, quando tudo isso não lhe parece suficiente, repete o "psiu!" Aí está.

O INCIDENTE

Houve um incidente, na inauguração da temporada, do qual muito poucas pessoas tomaram conhecimento. Já ia pela metade "Giulietta e Romeu", de Sandonai, quando, numa transição brusca, a orquestra passou de um pianíssimo para um crescendo. Os sons se derramavam vertiginosos sobre o público, quando soou, claramente, a meu lado, uma risada espontânea. Uma senhora olhou para o menino, que deveria ter mais ou menos quinze anos e ostentava, orgulhosamente, talvez as primeiras calças compridas, o riso dele fora instintivo:

— Chi, mamãe, que homem gozado.

A desaprovação dos circundantes não me impediu de lançar um olhar de simpatia e compreensão ao menino, logo repreendido pela progenitora. Porque, a despeito do silêncio que deve ser mantido, durante a execução do concerto, o "homem é gozado", mesmo... Gozadíssimo.

ITALIANOS, BRASILEIROS e "A FRIEZA"

Dando-nos uma série de compositores italianos, como é natural, De Fabritiis escolheu os famosos e insuportáveis "Pinheiros de Roma", de Respighi, a ouverture de "Vespi Sicilliani", de Verdi — que ele não deveria tirar do relativo esquecimento — e "Giulietta e Romeu", de Zandonai, brilhante e ôca, que lembra o nosso Mignone, quando ele é menos feliz.

O ponto alto do concerto é a "Música 1946", de Claudio Santoro. Não quero cobrar, aqui, uma previsão. Mas devo lembrar que, antes de que a consagração internacional da Bolsa Guggenheim provasse que, nele, temos uma das mais importantes figuras da nossa música,

(Continua na página 58)



O trabalho do professor Osvaldo Diniz Magalhães é dos mais apreciáveis no rádio nacional, uma vez que se destina a aprimorar o estado físico de milhares de brasileiros, os quais, gratos aos ensinamentos recebidos, já lhe ofereceram uma confortável vivenda na Tijuca. Sua Hora da Ginástica nasceu ao microfone da Rádio Educadora Paulista, no decorrer de 1932, sendo mais tarde transferida para a Mayrink Veiga, em princípios de março de 1933, onde se manteve até ser inaugurada a Rádio Nacional. Nessa emissora, permaneceu até o lançamento da Globo, quando então, ante vantajosa proposta recebida, se transferiu para o prefixo PRE-3, aí se mantendo até a presente data. Interessando à maioria de ouvintes, esse conhecidíssimo programa se tem proporcionado horas de verdadeira satisfação ao seu criador, mas tem-lhe dado também alguns desgostos, em virtude do desinteresse de nossas autoridades que, até hoje não o prestigiaram de forma alguma, inclusive quando da realização do Congresso de Educação Física, ao qual o conhecido rádio-ginasta compareceu como mero espectador, por não ter sido convidado pelos organizadores. Felizmente, o trabalho do professor Osvaldo Diniz Magalhães é compreendido por milhares de ouvintes, distribuídos pelo Brasil inteiro. Todas as manhãs esses ouvintes sintonizam seus receptores para a PRE-3, com o propósito de se exercitarem. O êxito de "Hora da Ginástica" obrigou o conhecido professor a publicar um livro sobre o assunto, o qual já se encontra na oitava edição, tamanha é a sua procura.



A professora Nilza Magrassi, estrela do rádio e do cinema, iniciou sua carreira artística na Cinédia, depois do que passou a atuar ao microfone. Um dos seus primeiros filmes foi extraído do romance de José Lins do Rego, "Pureza", no qual trabalhou ao lado de Sonia Oiticica, Procópio Ferreira e Sarah Nobre. O sucesso não foi o esperado, apesar de Chianca de Garcia ter sido o diretor. Diante das primeiras experiências, Nilza Magrassi resolveu tentar o rádio, fazendo-o de modo satisfatório. Trabalhou nas principais emissoras, encontrando-se atualmente na Rádio Nacional, onde tem tomado parte em várias novelas e diversos programas. Nos "broadcasts" humorísticos, como "Coisas do Arco da Velha", sua presença é indispensável. Dotada de grande presença de espírito, Nilza Magrassi tem formado uma boa dupla com Brandão Filho. Também nas novelas, essa querida estrela tem interpretado bons tipos. Se no rádio Nilza Magrassi é uma figura vitoriosa, no magistério igualmente desfruta de ótima posição. A princípio foi professora primária, mas, agora, pertence ao corpo docente da Escola de Cinema e Teatro, da Prefeitura. Nilza Magrassi tem hoje milhares de "fans" cheios de entusiasmo e é calorosamente aplaudida sempre que, elegante e encantadora, surge no auditório da PRE-8.

GENTE DE RADIO DE QUATRO EM QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA Por ARMANDO MIGUEIS

MUITO se tem escrito contra Heber de Bóscoli, a propósito de seus programas, "Trem da Alegria" e "Hora do Pato", ambos irradiados pela Mayrink Veiga do Teatro Carlos Gomes. Não queremos entrar no mérito dos mesmos, até porque esta seção não tem finalidade crítica. Heber ingressou no rádio em 1938, concorrendo a uma vaga de "speaker", então existente na PRE-2. Logo a seguir passou para a Cruzeiro do Sul, emissora em que chegou a desempenhar o cargo de locutor-chefe e onde lançou o "Museu de Cera", programa que marcou época no "broadcasting" carioca. Nesse período, substituiu Luis Jatobá nas transmissões da "Hora do Brasil", além de exercer as funções de cronista radiofônico de vários jornais, sendo que num deles assinava uma seção humorística intitulada "Pipocas Venenosas". Da PRD-2 transferiu-se para a Rádio Nacional, criando os programas "Cinema às claras" e "O que é que o teatro tem". Mais tarde lançou o "Trem da Alegria" e a "Hora do Pato", ambos com bastante sucesso. Deixando a PRE-8, Heber de Bóscoli levou esses programas para a Rádio Mayrink Veiga, contando com o concurso de Iara Sales e Lamartine Babo, que o acompanharam. Além de animador, o nosso biografado é também compositor, tendo escrito a marcha "Rosinha", gravada por Orlando Silva, Silvio Caldas e Ciro Monteiro; "La Canga", em parceria com Lamartine Babo, e com Custódio Mesquita "O morro começa ali", que Joel e Gaucho gravaram. Recentemente, Heber de Bóscoli adquiriu por trinta contos o famoso burro ex-sábio Canário.

ELVIRA RIOS é uma das mais notáveis intérpretes das composições centro-americanas, dos boleros e canções de Augustin Lara, Gonzalo Curiel, Gabriel Ruiz, Rafael Hernandez, Alberto Dominguez, etc. Dona de um estilo muito pessoal, de uma voz grave e sugestiva, Elvira Rios triunfou brilhantemente no rádio e nos "night-clubs" norte-americanos, colaborando em vários filmes de Hollywood, como "Feitiço do trópico", no qual cantou canções típicas, ao lado de Dorothy Lamour. Trazida ao Brasil, pela primeira vez, pelo extinto Cassino da Urca, fez sua estréia no nosso rádio, atuando com brilho na rádio Mayrink Veiga. Depois de uma brilhante temporada no Brasil, foi à Argentina, onde se exibiu no teatro e em "night-clubs", filmando, igualmente, em Buenos Aires, com real sucesso. A artista que, em 1940, brilhava no "Rainbow Room", no Rockefeller Center, em Nova York, voltou ao nosso país, ao fim de algum tempo, e participou do elenco teatral da Urca, no Teatro Santana, em São Paulo, até sua dissolução, por culpa dos maus administradores. Agora, de novo no Rio, contratada por um dos nossos "night-clubs", Elvira Rios foi assediada pela Mayrink Veiga, pela Rádio Globo e pela Rádio Nacional, afim de integrar os programas dessas estações. Elvira Rios aceitou o contrato que lhe ofereceu a PRE-8 e é atualmente uma das grandes atrações que a Rádio Nacional vem oferecendo aos seus ouvintes. Elvira Rios é compatriota de Pedro Vargas e Tito Guizar, — quer dizer, nasceu no México.





IRMÃ FLORINDA

Conto de NEYDE DE MORAIS REGO JOPPERT ★ Ilustr. de ANA ZAGORSKI

FOI no meu tempo de colégio. Que suavíssima prisão cheia de piedade e conforto para os refofos do espírito! Que dulçor espalhado pelas salas de aulas, nos parques de recreio, nos bancos da capela, em tudo que existia naquele meu mundo maravilhoso limitado por livros, soalhado de esperanças, de sonhos mal vislumbrados por meus olhos que não iam além dos muros do convento.

Quantas vezes já não voltei pelos caminhos antigos, vendo as mesmas paisagens, os mesmos semblantes, as mesmas flores e saudades que o tempo deixou para trás de meus passos.

Hoje, mais que nunca, amo e venero todas as recordações que se gravaram em minha alma! Sorvo com a memória este perfume de castiçais e lírios desfolhados que se impregnou nos meus sentidos! Apalpo com o coração aqueles afetos mornos que um dia me cercaram numa aliança de ferro que nada seria capaz de romper para abalar minha fé nas cousas boas do mundo!

Lembro-me bem de tudo. Os grandes jardins separando os casarões do internato, o parque do meio rodeado de oliveiras, a torre da igreja muito branca e nua apontando as estrelas.

Fazia o ginásio com a mesma classe que me seguia desde os tempos de cartilha.

Nunca houve reprovações em nossa turma; nunca passamos de ano desfalcadas de um só elemento. Parecíamos um só organismo, um cérebro só, uma vontade unânime e poderosa de acabar os estudos para entrar num capítulo mais excitante da vida.

Como é ingênuo o coração humano! Como lhe causa tédio a despreocupação dos tempos de paz! Vencida a infância assalta-nos uma inquietude, uma ansia de ver outras formas de vida; reclama-se um pouco de sofrimento. Tem-se necessidade de ver as cousas más, de cair na intranquilidade, de pisar em arelas movediças, de vagar pelas trevas. A calma constrange os espíritos fortes; a felicidade causa tédio, a bonança relaxa as defesas morais com que o homem se escuda dos temporais mundanos.

Talvez por isso toda minha turma ansiasse por viver longe do convento, face a face com a vida, longe da quietude santificada que nos anestesiava, tingindo tudo com as cores suaves que os de fora estavam longe de conhecer.

Éramos trinta e duas. Todas internas, severamente encerradas durante os meses de aula. Só passávamos fora uns dias de junho e as férias de dezembro; mas isto não chegava para nos libertar dos hábitos e lembranças que trazíamos do convento.

Todas de uma estupenda facilidade para os estudos, todas excepcionalmente vivas, todas profundamente apreciadoras do lado prático das cousas. Eram-nos preferíveis as lições de química, os apaixonantes fenômenos da física, a geografia relacionada com a evolução da espécie humana, tudo que falasse de vida, de movimento, do lado acessível da existência.

Como em todas as partes, havia entre nós certa quantidade de boas meninas e também uma outra parcela de garotas levadas. Mas estas eram poucas. Umam tinham gênio demasiado, arrufava com as colegas, pregavam-nos peças, punham-nos em situações críticas e desapareciam, roubavam-nos os deveres e as merendas. Mas eram cousas da idade; maldades sem consequência. Nunca surgiu entre nós uma prova evidente de existir na turma um coração realmente duro.

Uma das colegas menos apreciadas era minha vizinha de carteira. Pouco mais velho que eu, refratária aos princípios de ordem e comportamento que regiam a vida no internato, avessa ao recolhimento, às meditações da religião, a tudo que exigisse quietude, compreensão e respeito.

Quando voltava das férias gostava de comentar seus belos passeios, suas aventuras nas praias e festas pois, bonita como era, costumava arranjar legiões de admiradores por onde passava. Isto parecia, a nós outras mais tímidas, uma enorme superioridade. Enquanto não nos esquecíamos de ir à missa aos domingos nem nos atrevíamos a pôr vestidos demasiadamente curtos, Mafalda passava as férias metida em "shorts", mostrando a todos a perfeição de suas pernas que o incômodo uniforme escondia pelo resto do ano.

Quando voltava ao convento vinha dourada de sol, os cabelos viçosos de ar puro; toda ela espalhava um calor vivificante, um cheiro de civilização, uma alacridade mundana que contrastava com a atmosfera mística do internato onde os relógios pareciam haver estacionado séculos antes da época em que vivíamos.

Por dois anos seguidos, Mafalda sentou-se à minha carteira. No refeitório tinha lugar à minha frente, no dormitório nossas camas eram vizinhas.

Fui me enfrontando na vida da colega. Enquanto as outras tinham-lhe antipatia eu me dispunha a compreendê-la, a estudá-la, a escudá-la contra a ogerisa de todas e a dominá-la, se possível fosse, com solicitude, para trazê-la ao caminho das cousas serenas que ela tanto detestava.

Mafalda não tinha pais. Criada por um tio muitas vezes milionário, desconhecia totalmente quem fora sua mãe, quem fora seu pai, qual a origem de seu nascimento e o motivo de sua orfandade. Nada daquilo interessava; nunca sentira curiosidade por sua própria história. Costumava dizer que o passado pertencia aos velhos. Tinha o que desejava: a idolatria do tio, uma fortuna à sua espera, uma inteligência privilegiada e um físico encantador. Que mais poderia querer?

Irmã Florinda era nossa mestra de matemática. Freira de meia idade, meiga e compreensiva, respeitável sem jamais tornar-se ríspida, magnética e transparente como as imagens da capela.

Pairavam lendas sobre sua entrada no convento. Diziam-se coisas de seu passado; um caso de amor, oposições de família, quase um escândalo e finalmente a tomada do hábito que pusera um abismo entre ela e o mundo. Nada se sabia ao certo; nem sei de que onde brotavam tais suposições para vir flutuar como penas levíssimas no espírito das jovens que comigo povoavam aquele pedaço de paraíso. Apenas as nossas curiosidades remexiam cochichos, ensaiavam hipóteses, metiam elhos na penumbra daquele passado para sair sempre e cada vez mais cegas.

Todas as colegas tinham-lhe grande afeição. Emanava de seu ser uma bondade maternal, acolhia-nos sempre com uma palavra suave, repreendia as faltas com o maior dos carinhos, dissolvia hesitações com os mais sábios conselhos.

Estou certa de que qualquer uma de nós, daquelas trinta e duas ginasianas que formaram nossa turma e hoje vivem espalhadas no mundo, sempre que lembrarem seu tempo de internato terão um especial pensamento para a suavíssima Irmã Florinda.

Aproximava-se junho. Todo o bloco excitava-se com a vinda das férias, quinze dias de mundo após seis meses na fronteira do céu.

Mafalda corria de um lado a outro arrumando as malas, não passava quinze minutos sem consultar os móveis, não passava quinze minutos sem consultar os movimentos do relógio.

Finalmente chegou o dia de saída.

Passel as férias sem me avistar com qualquer das colegas e só no princípio do mês reunimo-nos todas dentro dos muros do colégio.

Dias e dias levamos em rodas, descrevendo o que cada qual fizera, pensando avidamente os prazeres alheios em relação aos nossos para apurar quem tivera melhores férias.

Como sempre, Mafalda ganhara. Além de ter conseguido que o tio lhe comprasse uma baratinha encarnada arranjara um namorado; segundo nos disse, um rapaz bonito, moderno, rico e de boa família. Havia passeado juntos, dançando nos principais clubes da cidade, enfim namoraram a sério e ficara assentado que nas férias de dezembro voltariam a se avistar.

Mafalda contou tudo aquilo com seu jeito especial de se valorizar, pormenorizando detalhes, impondo a todas sua indiscutível superioridade.

Notei que as colegas torciam o nariz. Mafalda era-lhes antipática! Só eu me interessei de veras por seu relatório. Admirava-a não sei porque; seu egoísmo fascinava-me. Mafalda parecia um fio de vida nos prendendo ao exterior.

Certa noite, quase à hora de nos recolhermos, um grupo enorme palestrava com Irmã Florinda à entrada do dormitório. Contávamos nossas aventuras durante a folga recém-terminada e a boa freira tinha ouvidos generosos para com nossas tolices. De repente, lá do meio do bloco, uma colega soltou certa frase que seria o início de uma das mais surpreendentes histórias vividas na tranquilidade do nosso colégio.

— Sabe, Irmã Florinda, a Mafalda voltou das férias apaixonada...

Ritmo-nos todas e fitamos a mestra. No seu semblante meigo havia uma ponta de interesse.

— Apaixonada?

Uma outra explicou:

— Arranjou um namorado; vive a falar no caso!...

— Mas não deve ser coisa sobrenatural meninas. Mafalda é inteligente, bondosa e já tem seus dezessete anos.

— Dezoito no próximo mês — corrigiu Mafalda.

Irmã Florinda fitou-a.

— Seria demasiada curiosidade indagar quem é ele? Mafalda ficou ligeiramente vermelha.

— Ora, Irmã Florinda... foi coisa de quinze dias; nem sei se tornaremos a nos ver.

— Combinaram encontrar-se em dezembro! — gritou lá de trás uma indiscreta.

— Então, minha filha?... — insistiu a freira com uma malícia deliciosa.

— Pois bem, Irmã, desde que a senhora insiste: chama-se Rubens Andrade.

— Andrade?!

— Filho de Celso Andrade, o rei do ferro.

— Filho dele?!

Notamos um eco de pavor naquela exclamação. Todos os olhos pregaram-se-lhe no rosto. Girava curiosidade em nossas veias; um silêncio angustioso cercava nosso grupo. Foi a própria Mafalda quem nos livrou daquela tensão.

— Que houve, Irmã Florinda? acaso os conhece?

A freira controlou-se.

— Não, minha filha... Isto é... Penso que já ouvi falar neste nome.

— Alguma coisa contra eles?

— Não, nada! teria graça, minha filha; nem os conheço — e sorriu encubulada, sem saber como se livrar da conversa e dos olhares fixos que todas nós lhe punhamos em cima. Por fim teve uma idéia salvadora: consultou o grande relógio de algebeira e movimentou-se para nos deixar. — Agora vamos dormir. Vamos que já é tarde. Boa-noite, meninas.

— Boa-noite, Irmã — respondemos em côro. Mas ninguém se mexeu. Seguimos com o olhar aquele vulto silencioso que sumia nas trevas e ficamos sem solução. Caíra uma interrogação em nossos cérebros: que teria perturbado a costumeira tranquilidade de nossa mestra? Haveria ligação entre aqueles nomes e o passado da freira? E se assim fosse, que afinidade teria Mafalda com o caso?

O tempo continuou passando. Uma semana atrás de outra semana, mês após mês, no mesmo ritmo de vida.

O namoro de Mafalda não foi coisa passageira. Ela e Rubens começaram a se corresponder secretamente e aquilo punha um ar de mistério em nossas fisionomias e uma eterna intranquilidade em nossos corações onde ecoava ainda a aterrada exclamação de Irmã Florinda naquela noite já distante. Desde então passamos a notar transformações na conduta da freira. Irmã Florinda parecia sempre nervosa, sobressaltada, desconfiando de tudo como se temesse que a observassem. Aproximou-se de Mafalda o mais que pôde. Controlava seus passos, exercia vigilância constante sobre nossa colega, tornou-se-lhe uma sombra.

Mediante régias gratificações o carteiro punha a correspondência de Mafalda num lugar ermo, junto à capela. Ali uma de nós sempre apanhava o que era deixado, pois, apesar de não ser simpatisada, Mafalda contava com nosso espírito de camaradagem. Ademais qualquer coisa nos dizia que a colega tinha relação com o mistério da freira e um constante contacto com a vida daquela por-nos-ia ao par de tudo que ocorresse.

As respostas eram mandadas pelo mesmo processo: deixavam-se as cartas no local combinado e ali o carteiro ia buscá-las.

Um dia, não sei por que cargas d'água, Irmã Florinda descobriu as cartas de Mafalda. Penso que nunca tremi tanto no momento em que vi a religiosa chegar à nossa classe, pedir que fizessemos silêncio e dizer que achara uma carta de Rubens Andrade dirigida à nossa colega.

Aquilo era um crime terrível no convento! Além de só se admitirem cartas de parentes ou responsáveis pelas internadas, toda correspondência passava pela censura do colégio.

Gelamos! Afinal estávamos todas metidas no embrulho! Qual porém não foi o nosso espanto quando Irmã Florinda recomendou absoluto sigilo.

Não queria que o fato chegasse ao conhecimento das Superiores.

Trocamos olhares. Que seria aquilo? Excesso de bondade? Conveniência própria?

Desde então Irmã Florinda duplicou sua vigilância sobre Mafalda. Tornou-se áspera por vezes. E no entanto parecia sofrer quando fugia ao seu natural doce e compreensivo.

Renasceu a nossa curiosidade. Ligava-se seu terror naquela noite e seu sigilo de agora e todas compreendiam estar à frente de um problema. Qual de nós seria capaz de resolvê-lo?

Numa tarde de domingo fui escalada para tomar conta da portaria. Meu serviço era receber as visitas que procurassem as alunas, chamá-las ao parlatório e outras insignificâncias semelhantes.

Mas ninguém apareceu até quase cinco horas. Quando ouvi a campainha da porta dei um pulo da cadeira, larguei o livro que folheava e fui abrir.

Era um senhor bem vestido, magro e alto, com uns cinquenta e poucos anos aparentes e muito polido ao falar.

— Desejo ver uma das religiosas — disse-me.

— Poderia dar-me o nome da que deseja ver?

— Pois não; chama-se Irmã Maria Florinda.

— E a quem devo anunciar?

Ele remeceu os bolsos do colete.

(Continua na página 54)

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DE "REVISTA DA SEMANA"

A CONSERVATORIA INGLESA

QUEM lê história do Brasil nela encontra referência a Juiz Conservador da nação inglesa e também, mais abreviadamente, a uma Conservatoria Inglesa. As duas expressões intrigam o simples leitor de história pátria, sem obrigação pois de sabê-la por miúdo e pois nos seus reolhos.

A Conservatoria Inglesa existiu em Portugal desde o século XV, estabelecida no Brasil nos começos do século passado. Num e noutro país vigorando como instituição singular, a de juiz privativo inglês em terras alheias.

Cumpra subtr em História para conhecer a origem da Conservatoria e o tempo da criação datando de 1450.

Reinava então em Portugal D. Afonso V, o primeiro primogênito régio a quem concedeu o título de príncipe, antes os filhos dos reis portugueses indistintamente alificados infantis, Afonso V o criador em Portugal dos títulos de marquês, visconde e barão.

Afonso V criou igualmente o juízo privativo da nação inglesa por carta régia de 29 de outubro de 1450, renando na Inglaterra, Henrique VI, que de morte violenta morreria na Torre de Londres.

O ato lusitano de 1450 é apontado em obra compendiosa de tratados da autoria do Conselheiro Antonio Pereira Pinto, um dos assinalados diretores do Arquivo Público do Império.

Rio Branco e Cabo Frio bem conheceram e mantiveram em suas bibliotecas os volumes do internacionalista reunidor dos acordos celebrados entre o Brasil e nações estrangeiras.

Não podiam Rio Branco e Cabo Frio ignorar os serviços prestados à consulta pela obra de Pereira Pinto, talvez tido pela ignorância por "um catador de documentos", mas sem os catadores de documentos que seria da História tão trajada de inverdades.

Valha-nos Pereira Pinto para dizer certo um pouco da muito vividoura Conservatoria Inglesa.

Manteve-se como fóro privilegiado a carta régia de Afonso V, dando-lhe vigência em todos os domínios de Portugal, um dos quais havia de ser o Brasil depois de 1500.

Novos atos da corôa lusitana concederam força à carta régia afonsina, maior de todos aqueles atos o tratado de Westminster de 10 de julho de 1654.

Sentava-se então no trono português o primeiro rei de nova dinastia, D. João IV,

D. Pedro II em 1844, quando da extinção da Conservatoria Inglesa.



de certo na Inglaterra Jorge III, governando como regente, em nome do pai, quem seria Jorge IV.

Decorrido mais de século e meio, dia veio em que um rei braçantino, D. João VI, conheceu a necessidade de transferir meia Lisboa para um Rio de Janeiro pequeno.

Nele o Príncipe Regente pôde de fato se considerar rei, tendo por ministro dos Estrangeiros Antonio de Araujo e Azevedo, depois conde da Barca. A 19 de fevereiro de 1810, o Príncipe Regente celebrava tratado de comércio e navegação entre Portugal e Grã Bretanha, nesta reinante Jorge III sob regência.

Era então figura do seu país no Brasil o ministro Strangford a par das negociações do tratado anglo-português e, indiretamente brasileiro.

Mesa diplomática em torno da qual se reúnem negociadores de tratados, lembra mesa de repasto. Embora de natureza diversas as duas mesas têm apetites às vezes devoradores quanto a conquistas, cessões e concessões.

Negociado e concluído o tratado de comércio e navegação de 19 de fevereiro de 1810 dele o 15º artigo manteve a Conservatoria Inglesa vigente o privilégio de britânicos serem julgados por juiz britânico como se estivessem na ilha natal.

Ratificado pelas potências contratantes, Portugal e Inglaterra, o tratado de 1810 vigorava ao declarar-se o Brasil independente em 1822.

O Império do Brasil logrou ter Constituição jurada em 1824, o pacto fundamental abolindo fóro privilegiado por força de artigo constitucional prescrevendo não haver fóro privilegiado nem comissões especiais nas causas cíveis ou crimes.

Celebrada nova convenção de comércio e navegação entre o Brasil e a Inglaterra, em outubro de 1825 determinou o tratado deste ano a supressão do fóro privilegiado britânico em obediência à Constituição Brasileira.

Mas a Inglaterra não ratificando o tratado de 1825 tudo ficou como dantes, situação comum em política e em diplomacia, não faltando o latim do "statu quo" para dizer as cousas tornadas a estado anterior.

Pouco após a anulação do tratado de 1825, apareceu novo tratado, sempre de amizade, comércio e navegação. De inteira amizade não seria o acôrdo para motivar divergências entre partes contratantes, pondo em presença nosso ministro dos Estrangeiros, o marquês de Queluz, e o ministro inglês Gordon.

A discussão do tratado foi larga. O gabinete inglês era presidido por Canning, dentro em breve falecido e seria substituído por um ministério Wellington.

Antecessor e sucessor sustentaram em relação ao tratado de 1827 os mesmos pontos de vistas, diversos o opostos. A cabo de tudo o tratado resultou em nada para novo "statu quo" herdado pela Regência Permanente.

A Constituição do Império no seu artigo 179, tão fecundo em parágrafos, determinára a rápida organização de um Código Civil e Criminal, recomendando-o elaborado nas bases da justiça e da equidade.

Em 1832 era sancionado o Código do Processo Criminal. O ministro da Justiça de 1832 entendeu que com a nomeação de juizes de direito, determinada por aquele Código, deveria ser extinto o cargo de juiz conservador da nação inglesa.

Mas como o caso entendia também com o Ministério dos Estados coube ao da Justiça dirigir-se a quem dirigia a pasta das relações exteriores, ocupada no momento por Bento da Silva Lisboa, depois barão do Cayrú.

Discordou o governo de Sua Majestade Britânica, iniciando-se então um período de reclamações sucessivas, empenhados em divergências a legação inglesa, o Ministério de Estrangeiros nosso, o Conselho de Estado, até pleno, isto da Regência à Maioridade.

Já reinante em 1843 D. Pedro II, ouvido o Conselho de Estado, por decisão imperial foi declarado subsistente o privilégio do fóro britânico visto o governo britânico se recusar a reconhecer como satisfatório o juízo dos jurados instituído em observância da Constituição do Império, instituindo o jurí. Não teria este acaso nada a ver com a Inglaterra sua instituidora? Passado o Equador as idéias podiam mudar.

Continuou a Conservatoria Inglesa até 1844, sempre invocado para sua manutenção o tratado de 1827. Em 1844, porém, era ministro dos Estrangeiros Ernesto Ferreira França, entendido em diplomacia por haver sido ministro servente nos Estados Unidos.

O conselheiro França declarou a cessação da Conservatoria e de modo definitivo

O ministro inglês Hamilton protestou contra a decisão comunicada em nota. Por sua vez usando notas, Hamilton esforçou-se em querer demonstrar a subsistência de juiz conservador britânico. Telmar é hábito de Albion.

Em primeira e segunda nota, Hamilton teimou pela manutenção da Conservatoria. Nada obteve do governo imperial, o qual no momento do tratado de 1827 havia declarado "querer comprovar constantemente sua moderação e boa fé" e na verdade jamais faltou à promessa.

Em 1844 a Conservatoria Inglesa acabou de vez, dando-se disto conhecimento, não somente à legação britânica como às presidências das províncias do Império. Nestas e na Corte, isto é, no Rio de Janeiro, foram remetidos aos juizes respectivos os processos pendentes da Conservatoria Inglesa extirpada para sempre, todo cidadão habitante do território nacional entregue à justiça nacional, fosse qual fosse a sua nacionalidades, desde que delinquisse ou pleiteasse, não podendo a Conservatoria Inglesa se queixar de não haver sido conservada.

A "REVISTA" EM HOLLYWOOD

Carmen Miranda ultimou "Copacabana" — Um banquete dos cronistas estrangeiros com a presença de numerosos "astros" e "estrelas".

Por LUIS SERRANO

(Correspondente especial da REVISTA DA SEMANA em Hollywood).

HOLLYWOOD, março — Por via aérea — Em primeiro lugar, quero dar aos "fans" da recém-casada Carmen Miranda — agora senhora David Sebastian, — a notícia de que a filmagem de "Copacabana", em que ela aparece com Groucho Marx, Russo do Pandeiro e uma porção de outras figuras, já está terminada. O filme é apresentado por uma nova corporação, a Beacon Productions, da qual David Sebastian, Carmen Miranda, Monte Proser e outros são interessados. Vocês nesse filme, verão Carmen Miranda morena, como é naturalmente e também loura, com sotaque francês, na pele de uma falsa francesa, Melle. Fifi, — não nos constando que seja aquela, muito conhecida, do conto famoso de Guy de Maupassant...

Dada essa boa notícia, quero falar-vos, agora, de uma festa nossa, isto é, da Hollywood Foreign Correspondents Association, — o grêmio dos cronistas cinematográficos estrangeiros aqui radicados, no Hollywood Roosevelt Hotel. Por sinal que, nesta última diretoria, a vice-presidência coube a um dos brasileiros que militam em Hollywood, o Alex Viany, que é, na verdade, Alexandre Viana Filho, dos "Diários Associados". Os cronistas estrangeiros também distribuíram seus prêmios — e a entrega destes foi feita pelo "mestre de cerimônias" Douglas Fairbanks Junior — nosso excelente amigo, já uma vez recebido no Rio de Janeiro com grandes demonstrações de amizade. Tivemos na encantadora Janis Paige uma colaboradora preciosa, pois ela serviu de "honorary hostess", ajudando-nos a fazer as honras da casa aos seus colegas. Estiveram presente muitas figuras importantes do cinema, como Edward Arnold, Herbert Marshall e outros. Os nossos premiados, — os quais compareceram à reunião e participaram do banquete, — foram Gregory Peck, como o melhor ator; Rosalind Russell, como a melhor atriz; Clifton Webb, como o melhor



Carmen Miranda, com um penteado-corôa e um vestido daqueles, confabulando com Russo do Pandeiro, num intervalo da filmagem de "Copacabana".



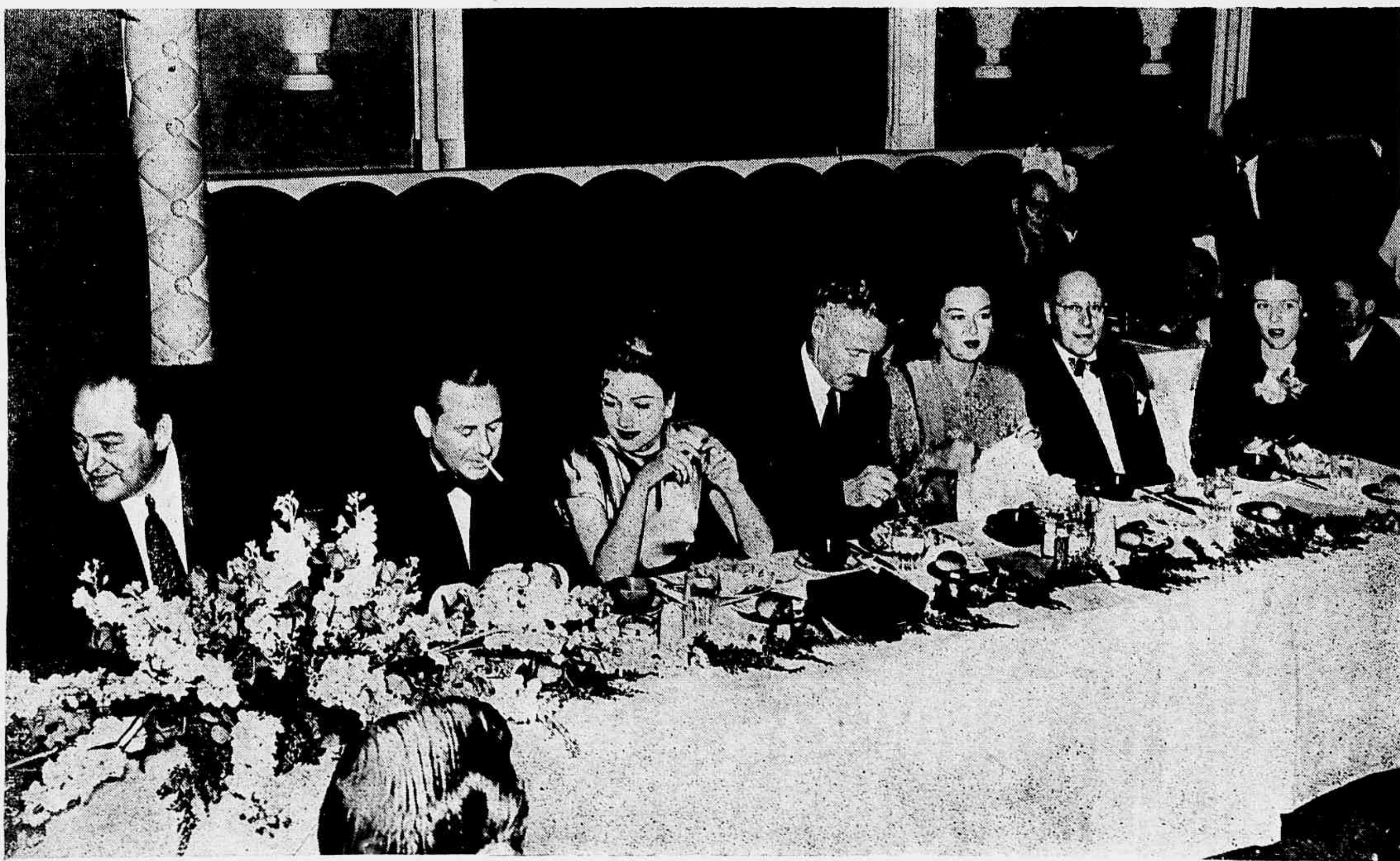
"supporting actor"; Anne Baxter, como a melhor "supporting actress"; e Harold Russell, como a mais natural interpretação do ano. Foram também premiados Frank Capra, como o maior diretor; a Metro Goldwyn Mayer, pelo melhor esforço de aproximação internacional; e os estúdios de Samuel Goldwyn, pelo melhor filme de 1936.

Essas decisões representaram o resultado de um pleito eminentemente democrático e de caráter realmente internacional, pois nele votou gente da Suécia e da Austrália, da Índia e do Brasil, do Egito e de Cuba, da Argentina e do Canadá. Rosalind Russell foi distinguida pelo filme "Sacrifício de uma vida", no qual personifica a famosa Sister Kenny; Gregory Peck por seu trabalho em "Quando fala o coração" e "Duelo sob o sol"; Clifton Webb e Anne Baxter pela sua atuação em "O fio da navalha"; Harold Russell pela sua esplêndida intervenção em "Os melhores anos de nossas vidas"; e Frank Capra, pelo modo com que dirigiu James Stewart e Donna Reed em "A felicidade não se compra" (It's a wonderful life). Foi uma bela festa como vocês poderão ver pelas fotografias que aí estão. Janis Paige ficou emocionada ao ver o seu retrato na capa da REVISTA DA SEMANA e disse: "tão bonito! agradeço por mim ao gravador". E eu fiquei emocionado ao apertar a mão de Bebe Daniels, por quem tive uma paixão quando ainda andava de calças curtas...

Carmen Miranda ensaiando uma cena em que aparece loura e de véu, sob o nome de Melle. Fifi.



Em cima: Janis Paige, a nossa galante "honorary hostess", vendo a REVISTA DA SEMANA, em companhia do nosso correspondente especial em Hollywood, Luis Serrano. O número é aquele em que saiu um lindo retrato dela na capa. Em baixo, — aspecto de uma das mesas, vendo-se entre os presentes Edward Arnold, Ann Baxter e Heber Marshall.





Em cima : Gregory Peck, cercado de jornalistas estrangeiros de Hollywood, conversa com Luis Serrano e diz que se sente muito satisfeito com a honra que acaba de receber. Em baixo, à esquerda, Bebe Daniels, hoje produtora, colaborando com Hal Roach e com a Eagle-Lion, ainda bastante bonita, esteve presente ao banquete; e, à direita, Jane Baxter quando agradecia, ao microfone, a homenagem que lhe foi conferida.





Conto de VIRIATO CORRÊA * Ilustração de A. PACHECO
Especial para REVISTA DA SEMANA

NÃO se esqueça. Amanhã, avisou a Vanda.

— Não falte, insistiu a Lazinha.

E leves, risonhas, alegres, vaporosas, as duas dobraram para a rua do Ouvidor.

Não havia no Rio de Janeiro riaturinhas mais fascinantes do que aquelas duas irmãs diabólicas. Pequenas, vivas, fascinadoras, uma clara — a Lazinha, outra morena — a Vanda (a morena de olhos verdes e a clara de olhos pretos) as duas, com os seus modos desenvoltos e uma escura picante de sorrisos, enram de claridade as casas de todas, os salões, as confeitarias, como os pássaros enchem as florestas de música.

Havia qualquer coisa de mistério envolvendo-lhes a vida.

Ninguém, ao certo, sabia quem eram elas. Sabia-se apenas que eram belas, moças e maravilhosamente prometedoras. Estavam em toda a parte: em Petrópolis, no verão; nas praias, à hora do banho; no Municipal, nas grandes temporadas; nas recepções da Academia; nos cassinos quando; nos chás elegantes, nos festes das embaixadas, e sempre festes, sempre festejadas, vestipelo último e pelo mais caro figurinos.

Onde lhes vinha o dinheiro? Os pais eram ricos? Não iam pai nem mãe. Moravam com a avó materna, em Aguas Fria. Havia herdado alguma fortuna? Ninguém sabia.

Havia amantes? Murmuravam. Mas ninguém dizia com segurança quem eram eles.

★

No dia seguinte, à noite, quando já se dançava vivamente, a casa era uma daquelas vi-

vendas terreas que hoje não se erguem mais, ampla, sólida, confortável, com jardim à frente e vasto quintal arborizado ao fundo. Estava apinhada: gente elegante, gente de realce, gente gozadora.

A Vanda, que completava os seus perigosos desenove anos, deixou de dançar para me receber.

— E Dona Hortência? Quero dar-lhe os meus cumprimentos, disse eu ao entrar na sala de visitas.

— Vovó não está, respondeu a Lazinha, apanhando-me o chapéu. Foi há quinze dias para Barbacena. Devia vir hoje, mas, como se sentisse indisposta, não quis tomar o trem.

Era em janeiro. Um calor horrível. Não se podia respirar nas salas. Desci para tomar fresco no jardim.

— Já devia ter feito isso há muito tempo, disse-me uma voz junto de uma toiga de palmeiras.

Era o Barreto, que eu conhecia de bonde e de porta de confeitaria. Velhote simpático, cheio de saúde, de bom humor e de tagarelice. A sua mania era o cálculo. Reduzia à cifras tudo que aos seus olhos se apresentava, mesmo as coisas que a natureza fez sómente para o encanto do solhos. Diante do Corcovado ou do Pão de Açúcar não levava em conta a bela majestade das suas moles de granito, calculava quanto elas dariam, em dinheiro, reduzidas a paralelepípedos. Só a sua própria vida não sabia calcular: até aquela idade não conseguira fazer fortuna.

— Eu aqui estou neste cantinho há mais de meia hora, contou-me. A temperatura lá dentro é de leitão assado.

— No entanto está uma festa encantadora, disse eu, sentando-me no banco de pedra.

— Ótima. Muita gente fina. Bufê excelente. Em doces, salgadinhos, bebida, jazz, etc., a festa, pelos meus cálculos, não está custando menos de oito, nove ou dez mil cruzeiros.

— Não diga.

— Isso é um cálculo baixo. Deve ir a mais. As coisas estão muito caras. Não sei como, nesta época, há quem se lembre de dar festa.

— Dá quem pode.

— E quem não pode! exclamou ele, com os olhos fusilantes. E depois de um pequeno silêncio, voz baixa:

— Estas meninas podem gastar tanto dinheiro num baile? Fiz-me de ingênuo:

— Elas são ricas.

— Ricas? Quem lhe disse tal história? Não têm vintem.

— E como pode ser tudo isto?

— Sei lá! São mistérios do Rio de Janeiro, mistério das grandes cidades.

— O senhor conhece-as? perguntei.

— Conheci-lhes o pai e a mãe. O pai era um doido, um esbanjador. Pôs fora duas fortunas, a dele e a da mulher. Quis por fora a da mãe, a D. Hortência, mas a velha, esperta, não consentiu. Quando o pai e a mãe das meninas morreram, elas eram pequeninas. A D. Hortência tomou conta delas e criou-as como filhas. Nesse tempo a velha tinha alguma coisa, umas casas em Barbacena, uma fazenda em Juiz de Fora e umas propriedades aqui no Rio. Para viver e viver confortavelmente chegava bem. Mas a educação das meninas levou muito dinheiro. A velha fez questão de metê-las em colégios caríssimos.

— Mas não foi isso que abalou

os bens, disse depois de acender um cigarro. O abalo começou quando as garotas cresceram. Como sabe, são duas loucas. Estão em toda a parte, luxando, gastando, esbanjando. Há mães enérgicas, mas só há avós complacentes. D. Hortência, que não consentiu que o filho desperdissasse a fortuna, arruinou-se com a prodigalidade das netas. Hoje possui apenas esta casa. E já me consta que esta mesma está onerada por uma hipoteca. A velha não sabe dizer não a um pedido das meninas. Conhece-a bem?

— A D. Hortência?

— E' um primor de senhora. Fina, distinta, bondosa. Conhecia-a quando ela ainda não era velha. Já naquele tempo sofria do coração e creio que foi por causa disso que se mudou de Barbacena. Aqui no Rio, lugar baixo, tem vivido bem. Mas a velha é teimosa e, de tempos em tempos, sobe a Minas para visitar velhos parentes. Agora mesmo lá está, segundo me disseram as netas.

Atirando fora a ponta do cigarro:

— Não sei como essas meninas podem viver como vivem, gastando como gastam.

— Talvez...

— Não há talvez, meu caro senhor. Isto só pode ser milagre. Milagre ou mistério, o que vem dar no mesmo. O amigo bem sabe, elas são mal faladas...

— E o senhor acredita?

Fez uma pausa pequenina:

— Quer que eu lhe fale com franqueza? Não. São levianas, estouvadas, malucas, mas até lá, não. Fala-se, mas a verdade é que ninguém apontou ninguém. O que elas são é gozadoras. Para elas a vida, talvez não seja o amor, com os deleites e as sen-

sualidades da carne. Para elas, ao que me parece, a vida é a alegria, o luxo, a alacridade, a folia. Já reparou o brilho de voluptua que têm nos olhos quando estão divertindo. Viu o gozo com que as duas estão dançando?

— E como conseguem dinheiro? perguntei impertinente-mente.

— E eu sei?! E há quem sabe? A verdade é que ninguém se incomoda de saber? A sociedade aceita-as, meu caro amigo, tal qual elas são, sem indagar se praticam misérias.

E segurando-me o braço:

— Que é que isso prova? Que são dignas da sociedade, ou melhor, que são frutos genuínos da sociedade.

★

E ergueu-se. Fomos caminhando pelo jardim.

Uma aléia de tuias coleava para os fundos da casa. Seguimos pela aléia, lentamente. Batido pelo luar, abriu-se aos nossos olhos um vasto terreno arborizado, que só ia terminar à fralda do morro. Eram velhas mangueiras, belos flambuaíans, jaqueiras seculares.

O Barreto parou:

— E eu que não sabia que esta casa tinha tão grande quintal! Isto hoje vale ouro. No entanto não dá renda nenhuma.

Media tudo com os olhos.

— Oito mil metros quadrados, no mínimo. Cabem aqui três grandes edifícios de apartamentos. Quando a velha Hortência morrer, as meninas, se tiverem juízo, farão uma fortuna. Mas, juízo não é para o bico de nenhuma delas.

E pôs-se a calcular quanto custariam os edifícios e as rendas que produziriam.

— Se eu tivesse dinheiro! se eu tivesse dinheiro! exclamava a todo instante.

Fomos caminhando. Lá adiante, junto ao morro, havia um barracão de madeira, desses que servem para guardar coisas velhas e coisas inúteis.

Parámos perto. O Barreto cada vez mais se inflamava de entusiasmo.

— Se isto fosse meu! Nunca, nunca mais eu ficaria pobre. A minha pena é que esta preciosidade vá cair nas mãos daquelas duas moças. Quando a velha Hortência fechar os olhos torrarão isto por qualquer preço. E para quê? Para gastar em festas, rendas, sedas, perfumes e outras bobagens. São duas malucas, duas doidas varridas!

— Fale baixo, avisei. Olhe que há gente no barracão.

— Gente?

— Sim, há luz!

— Sim, há luz, repetiu aproximando-se da porta. Mas não deve haver ninguém lá dentro. E' mais uma prova de que aqui

se põe dinheiro fora. Deixa-se luz acesa num barracão fechado. A quem essa luz é útil. A ninguém, a não ser à Ligth, que é rica. E quanto custa essa luz? Se for uma lampada de cinquenta velas, custará em 12 horas...

E ia começar a fazer os cálculos quando o atalhei:

— Não calcule nada que a noite está muito quente.

Achou graça.

— Eu preciso, realmente, deixar esta mania de reduzir tudo a números.

E aproximou-se do barracão.

— Que haverá aqui dentro? Bobagens. Com certeza sapatos usados, vestidos caídos da moda, sombrinhas velhas, vidros de perfume vazios, todo um arsenal de futilidades que custam rios de dinheiro.

Colou os olhos numa fresta de madeira e, meio minuto depois, chamou-me com voz assustada e trêmula:

— Venha cá. Pode ser que eu esteja enganado. Espie por esta fresta e diga-me o que o senhor vê lá dentro.

Espiei. Senti o coração bater violentamente, e de voz sufocada:

— E' uma mesa, com um corpo em cima e duas velas à cabeceira.

— Foi também o que eu vi, disse ele. E de olhos acesos em cima de mim:

— E' possível que estejamos enganados. Vamos ver melhor.

Havia uma fresta larga pouco adiante da que espíamos. O Barreto colou os olhos na fresta larga, durante um minuto.

— Vejo a mesma coisa. Um cadáver, em cima de uma mesa, com duas velas ao lado. Ora esta!

— Como pode ser isto?

— Não sei. A verdade é que lá está. Venha ver.

Tornei a espiar. Não podia haver dúvida: uma pessoa morta, ou coisa semelhante, sobre uma mesa, tendo velas acesas à cabeceira.

— E' melhor que nos afastemos daqui, lembrei.

— Não senhor, insistiu o velhote. Eu quero ver o que isso é. E aproximou-se da porta.

— Vai forçar a fechadura? indaguei receioso.

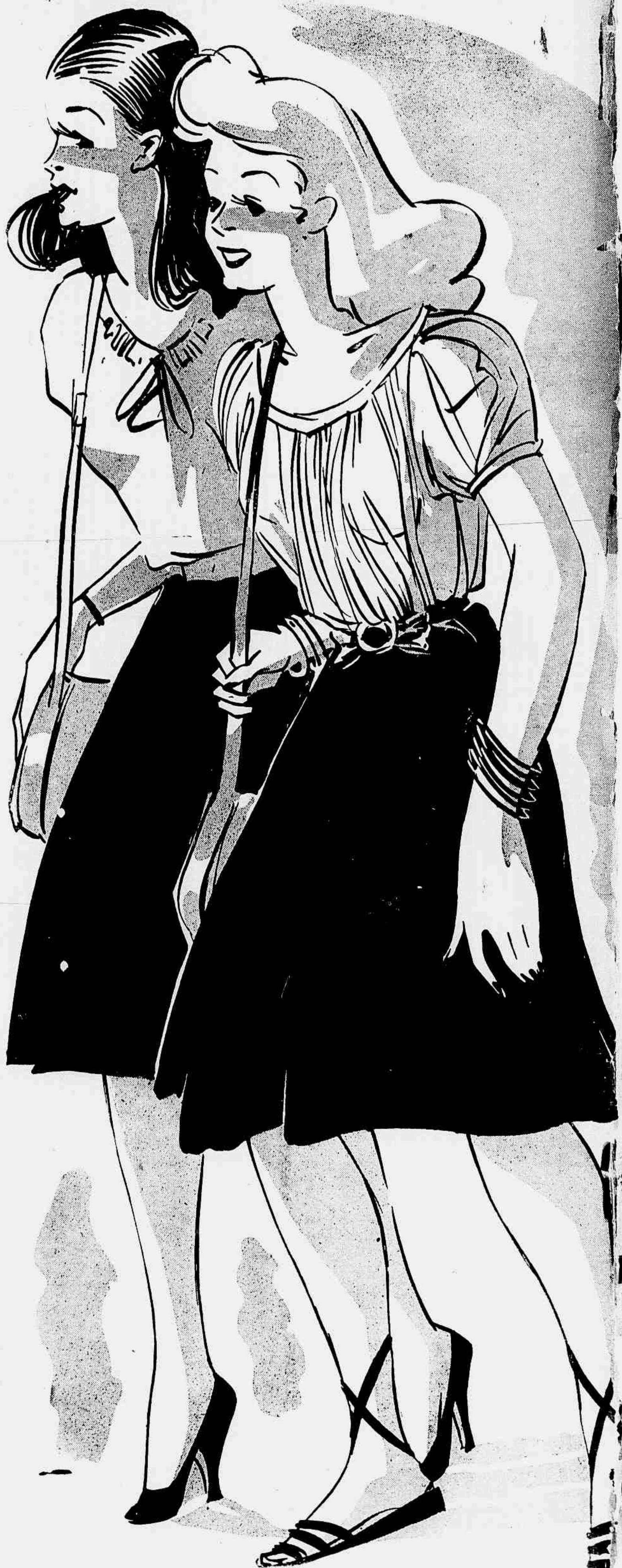
— Vou. Talvez nem seja preciso forçá-la. A porta é frágil, de táboas. Basta um pequeno empurrão. Veja. Não foi nada. Já está aberta.

Entramos. Sobre uma velha mesa de pinho, estreita e nua, o cadáver de uma mulher com o rosto coberto por um lenço.

O Barreto levantou o lenço nervosamente e com a voz rouca exclamou, recuando:

— E' D. Hortência!

(Continua na pág. 33)



UM PREFÁCIO INÉDITO DE MONTEIRO LOBATO

Por NELSON VAINER



Especial para REVISTA DA SEMANA

"PREFÁCIOS E ENTREVISTAS" é o 13º volume das "Obras completas" de Monteiro Lobato, no qual os editores enfileiraram, rigorosamente selecionados, vinte prefácios que o notável escritor paulista escreveu para vários livros de escritores nacionais e estrangeiros, e mais tantas entrevistas que Lobato concedeu em diversas épocas para os maiores órgãos da imprensa nacional. Dentro os prefácios em apreço, não foi incluído um pelo simples fato de não ter sido divulgado pela imprensa ou pela publicação à qual se destinava. Ambos — prefácio e publicação, foram engavetados, graças ao Estado Novo do senhor Getúlio Vargas. Vamos contar o fato com todos os pormenores já que agora se pode escrever à vontade.

Quando naquela tarde sombria de 10 de novembro de 1937, o presidente Getúlio Vargas deu o seu famoso "golpe de Estado", fechando o Congresso, revogando a Constituição de 1934 e, por sua vez, instituindo uma nova Constituição, houve em todo país, uma porção de surpresas. E' claro que os parlamentares ficaram surpreendidos. E os integralistas, também, que esperavam governar a Nação. E muita gente mais.

Ora, nesse dia, numa sala da Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, estavam empilhadas algumas dezenas de clichês para execução de um album de caricaturas que se chamaria "A Realidade Brasileira". Essas caricaturas contavam a história bufa de uma República Nova e de seus pitorescos republicanos e viriam prestar valioso subsídio à nossa História, se não fora o golpe a que acima nos referimos. Instaurado o Estado Novo, a publicação das "charges" tornou-se uma coisa impossível e, assim, o seu autor não teve outro remédio senão desistir do album, que constava das caricaturas, de comentários e de um prefácio.

O album a que nos referimos era de Belmonte e constava de quase uma centena de "charges" entre as quais se incluíam as famosas "Cenas Bíblicas" que alguém no Rio, mandou reproduzir em cartões postais para distribuição aos "interessados" e... à revelia do autor. Quanto ao prefácio para esse album, era de Monteiro Lobato.

Conversando há dias com Belmonte sobre o volume "Prefácios e Entrevistas", tivemos conhecimento desse prefácio até agora inédito. Ora, um trabalho inédito do grande autor de "Urupês" não é coisa que um reporter deixe do lado. Solicitamos uma cópia ao Belmonte e oferecemo-la aqui aos leitores da REVISTA DA SEMANA.



"O BOM PAI"

As mais delicadas jóias vivas que a Natureza, num romântico momento de devaneio afeiçoou, são sem dúvida as Efemérides. Asas translúcidas enredadas de veiazinhas e coloridas de tons suavíssimas; antenas curtas; dois filamentos delicadíssimos na extremidade do corpinho esgalgo a divergirem em mansa curva. Puro mimo aereo. E mimosas até na duração da vida. A Efêmera vive tanto como as rosas de Malherbe — horas apenas. E, nesse período, nada, absolutamente, comem.

Saem duma larva informe que vegeta de um a três anos nas águas mortas. Explodem de lá como gema alada, iluminam o ar por um instante e extinguem-se.

A caricatura lembra as Efemérides — não na suavidade, porque a caricatura tem o veneno da vespa mas no breve da existência. Vive pouco mais que o inseto lindo, porque vive vinte e quatro horas com o número do jornal em que se apresenta ao público. No dia seguinte esse jornal a duração material do papel. A caricatura morre com a Efêmera artística.

De todas as obras de arte nenhuma tem duração mais curta. A arquitetura quase se eterniza nas pirâmides. A pintura varia séculos nos quadros. A literatura acompanha a duração material do papel. A caricatura morre com a folha do dia.

Quem se dê ao trabalho de correr a coleção de certos jornais antigos, onde notáveis caricaturas estamparam sua obra, chega a revoltar-se com o desperdício de talento. Verdadeiras obras primas de sátira de humorismo, de graça, ali fazem munificadas — perdidas para sempre. Isso porque o caricaturista, como jornalista que é, em regra não passa do mais desnaturalado dos pais. Lança diariamente seus filhos ao boeiro da imprensa sem a mínima preocupação de lhes prolongar a vida. São larvas a chispar efêmeras.

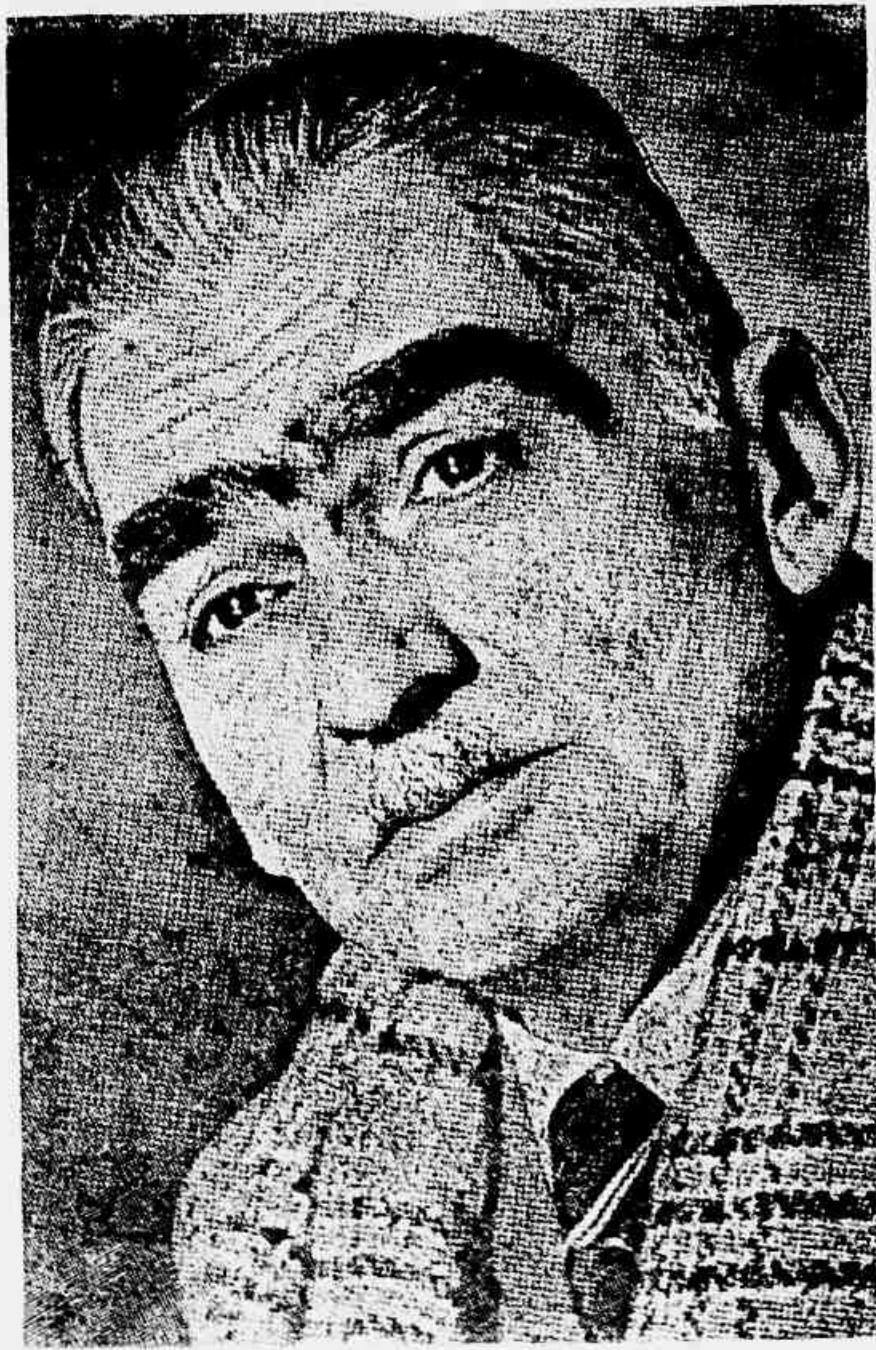


Belmonte, o autor do livro não publicado, "A Realidade Brasileira".

Alguns reagem. O sentimento da paternidade revela-se — e surgem albums onde suas melhores caricaturas são arrancadas ao olvido. Infelizmente, pouquíssimos — um em cem. Os noventa e nove restantes comportam-se como perfetos infanticidas.

J. Carlos por exemplo. Haverá pior pai? O número de efêmeras saídas dessa operosa larva de gênio é colossal. Inúmeras, pela própria natureza do assunto, tinham de morrer com o assunto. Mas as enriquecidas de universalidade? As que abordavam temas que não morrem? Tais filhas impunham-lhe o dever de abrigá-las em albums perpetuadores

Monteiro Lobato, o autor do prefácio, agora divulgado pela primeira vez. Está ausente do volume "Prefácios e entrevistas", de suas "Obras Completas", omissão, de resto, inexplicável.



— e J. Carlos não o faz. Deixa que se percam, como as outras.

Já Belmonte revela mais amor filial. Neste album irá salvar da destruição uma série de caricaturas que vivamente impressionaram os leitores da "Folha da Manhã" ao tempo em que foram estampadas. E constituirá com esse album um precioso subsídio para o estudo da imoralíssima moral da época. Seu humorismo, nada cruel, sempre bonalhão, é dosado de profunda filosofia. Belmonte mostra constantemente que a palavra foi dada aos políticos para despistar o povo. Outra coisa não fazem e quanto mais falsa se mostram mais sobem, mais os bafeja a vitória.

Os fatos culminantes da República Nova estão compreendidos nesta série de desenhos. Os atores surgem no palco, deslumbram o público por meio de belas palavras que lhes escondem o pensamento — e a rirem-se da ingenuidade humana vão fazer justamente o contrário. Belmonte insiste nesse tema, porque a política nacional é invariavelmente essa sordidez.

Temos o "Manifesto Ilustrado", em que o desenho comenta uma série de frases sonoras mostrando como a realidade é sempre o oposto do que a palavra diz.

Temos os "Filmes da Semana", de tanto sucesso quando apareciam a ponto de serem reestampadas em cartões postais. Neles Belmonte relaciona a fita política do dia com a fita cinematográfica da semana. Mae West, por exemplo, figurando a política, diz, piscando para Goes Monteiro, Ministro da Guerra: "Santa não sou" — e também piscando o general murmura babosamente: "Assim é que eu gosto".

Em "Belezas em Revista" o Napoleão do momento, montado num hurricão que só pode ser o povo, passa em revista as belezas do regime — o Deficit, o Câmbio Negro, os Casos a Bahna...

Na "Guardião da Lei" o Ditador monta guarda ressonando.

Na "Rainha Cristina", Greta Garbo, figurando a Presidência da República, baixa os olhos e retransa a testa, apertada por dois melistófeles que a induzem a casar-se com um pretendente risinho: "Vossa Majestade precisa fazer um sacrifício, diz um deles. E' apenas um casamento de conveniência".

Em "Idade Perigosa" a República Nova, ainda adolescente, desperta a libidinagem de três tipos de má cara — o Extremismo, o Fascismo e o velho Liberalismo. Como um deles a irá devorar a menina arregala os olhos, apavorada, incapacitada de escolher. Que diferença faz à menina da Capinha Vermelha ser comida por lobo velho, por um lobo russo ou por um lobo de blusa verde?

O povo, eternamente tapeado por essa associação de expor o Imposto chamado Governo tem nas caricaturas de Belmonte uma válvula de segurança por onde o seu rancor escapa. Aprende a desprezar os homens políticos de má fé. Pobre humanidade que só dispõe contra esses politiquinhos duma arma tão fraca...

Depois que Voltolino desapareceu, tragado ainda tão jovem pela sua incurável boemia, ficou Belmonte o caricaturista único de São Paulo. Convencidos da inutilidade de qualquer esforço no combate às nossas mazes, os que hoje vêm ao mundo com o dom da caricatura não o cultivam — preferem entrar para o campo do desenho comercial. Essa ausência cada dia maior, vai deixando Belmonte sózinho. Só ele mantém viva entre nós, de São Paulo, a tradição caricatural.

Mas a mantém com extraordinário brilho, porque além do dom natural do desenho humorístico, possui uma coisa rara entre artistas: cultura e sólido bom senso. Belmonte é um artista integral. Tanto caricatura com o lapis como por meio da palavra escrita. Quero dizer que é um escritor notável — desses cujas crônicas os jornais estampam em tipo de relevo. A mesma finura de humor que mostra no desenho resalta dos seus comentários escritos.

Isso lhe dá um acentuadíssimo destaque graças ao qual São Paulo, tida como a Fenícia do Brasil, prova que existem Fenícias amestigadas de Graças — tanto capazes de ganhar dinheiro como de cultivar com raro brilho a mais sutil manifestação da inteligência humana — a Ironia.

E ainda por cima de tudo bom pai. Não lança ao boeiro todos os filhos do seu excepcional talento... — Monteiro Lobato



MADRUGADA DE LONDRES

AS PRIMEIRAS HORAS DA GRANDE CIDADE QUE É O CORAÇÃO DO IMPÉRIO BRITÂNICO.

Por HERMAN LIMA

Autor de "Na Ilha de John Bull" e "Outros Céus e outros Mares"
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

COMO acontece com qualquer cidadezinha sertaneja de tão ínfima categoria que nenhum mapa lhe mencione sequer a existência, Londres naturalmente também dorme um sono profundo e total, de que desperta laboriosamente e a contragosto, para o tumultuoso reinício da atividade habitual do resto do dia. Seis horas estão soando na torre de S. Paul's Cathedral, quando o bata-hão real que montou guarda a noite toda ao Banco da Inglaterra, no coração da City, deixa o posto e se recolhe, através dos quarteirões silenciosos e desertos, à Torre de Londres.

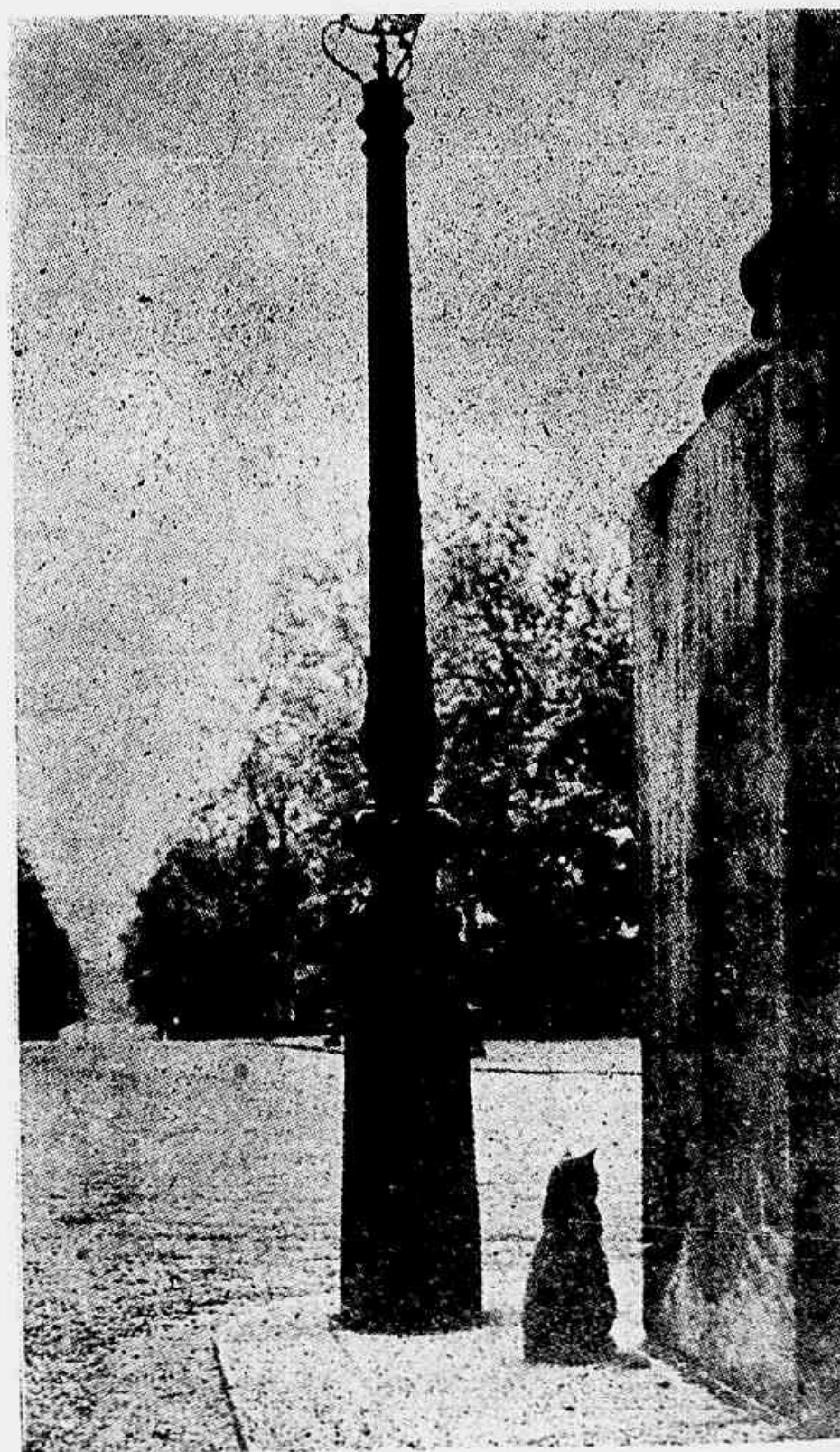
As ruas por onde rola durante o dia um interminável rio de humanidade a mais diversa feita de todos os povos da terra e de todos os interesses da mais variada marca individual, estendem-se agora aos soldados que ali vão no seu passo elástico, tão abandonadas como se um estranho cataclisma tivesse siderado integralmente o monstruoso viveiro de tantos milhões de almas, quadras e quæbras

ermas, estendidas a perder de vista, com o seu recorte de fluidos contornos ao lusco fusco da manhã nevoenta.

Sinete monumental da grande urbs a se perfilar por sobre os tetos e as fachadas negras de Cannon Street, de Queen's Victoria Street, de Cheapside a imensa mole da catedral de São Paulo, cuja nave uma bomba alemã não deixaria de violentar em certa noite de pávidas recordações para o povo inglês é um traço de grandeza romana trazido pelo arquiteto Wren, para o coração do Império.

Pelas ruas circunvizinhas, um que outro transeunte madrugador cruza com um ônibus solitário ou com um caminhão que vem de Billingsgate, do famoso mercado de peixe à beira do Tamisa.

Porque o ventre de Londres é mesmo o único centro de atividade regular, dentro do palor e da moleza da noite que se retira. Billingsgate, onde vêm descarregar todas



No alto da página: A cupola da catedral de São Paulo dominando a cidade. À direita: O gatinho filósofo e o lampeão solitário de Hyde Park Corner.



A esquerda: A guarda real deixa o Banco da Inglaterra e se dirige à Torre de Londres, que é a sede do Tesouro Nacional. À direita: Vista da Torre de Londres, com suas torres e muralhas.

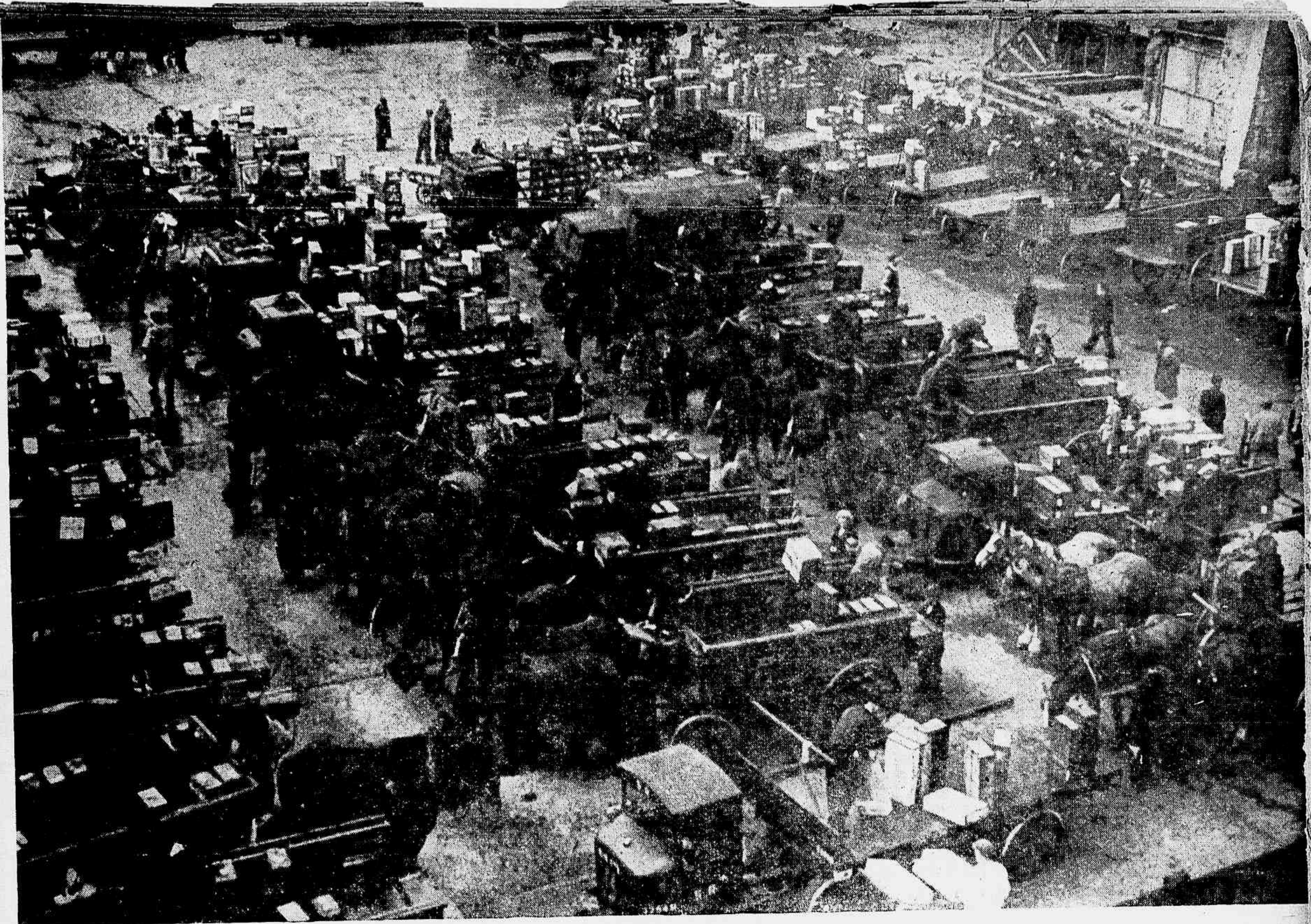


os barcos de pesca e donde partem para os quatro cantos da cidade as centenas de caminhões e carroças tiradas pelos colossais cavalos do Yorkshire; Smithfield Market, reduto da carne da Escócia, de que se nutre indiferentemente o sangue das "ladies" e o da "charwoman" — e o mercado de Covent Garden, na vizinhança da Ópera, com o seu bojo de pavilhão de vidro centralizando o negócio de frutas para toda a capital, há muito retomaram o bulício das suas grandes horas. São milhas e milhas de trilhos superpostos, donde pendem de grandes arcos os quartos dos bois das terras altas, sangrando e apetitosos na antevisão do "humpsteak" mais tarde assado espetacularmente à vista do freguês nas grelhas do "Coq d'or" ou do "Melba politan". São as pilhas de caixotes que o carregador de Covent Garden leva à cabeça, num jéu de torre de Pisa em miniatura, atulhados de peras e maçãs. E' o pequeno exército dos homens zarrões de capa de oleado e chapéu de clérigo, achatado no alto, para o transporte dos montes de "sole" ou de bacalhau da boja das barcaças, para os "boxes" das barcaças do mercado.

Uma confusa e pesada coletividade assim votada ao ritmo de suprir sem deficiência de tamanho nem de qualidade o estômago do povo, dos restaurantes do West End aos cortiços da orla das Docas, das fornos de Buckingham Palace às alegres cozinhas dos cottages suburbanos.

Da esquerda para a direita: Vista interna do mercado de Covent Garden, com as pilhas de frutas de Covent Garden. Num milagre de equilíbrio que tem sido a base da vida da cidade.





...se vê ao fundo. À direita: O mercado de peixe de Billingsgate, à margem do Tamiza, com as centenas de fileiras à espera da carga.

Tem assim qualquer coisa de alegórico, no alvorecer do dia londrino, este compassado e lento vai e vem de oficiais dum novo culto, afervoradamente entregue à sua ida, para que nada falte em febra e vitaminas ao apetite do monstro de oito milhões de fauces.

Mas, a cidade, pelo resto da sua fabulosa geografia, não despertou ainda de todo.

Nesse canto apaziguado de Constitution Hill, por onde ao correr do dia, se despejavam vagas de multidão apressada e multicolorida, nem boia agora um resto de brisa. Para diante, abrem-se as aléias de Hyde Park Corner, no rumo do Palácio do Rei. A lâmpada ainda lança o último clarão, no alto do lampeão pegado ao canto da casa rica. Nem viva-lma por toda a roda. Enquanto não surge outra coisa que o distraia, o gatinho filósofo, escorrido do alto do telhado vizinho, fica firme nas patas, maravilhado da solidão e da coçura da hora. E não longe daí, no Lido da Serpentina, quando os cisnes de plumagem sempre cor de neve ainda dormem, bico metido entre as penas, este banhista destemeroso aproveita a folga, a ausência do "policeman" e se aventura a um mergulho gostoso antes de retomar o seu posto, na colossal engrenagem do trabalho diurno da maior cidade do mundo, partícula infinitesimal que é do grande ritmo de sístole e diástole do coração do Império de S. M. Britânica.

...de caixotes de frutas de toda espécie. Interior do mercado de carne de Smithfield. Exterior do mercado de hábitos, este carregador leva à cabeça a torre de Pisa destes caixotes de frutas.





GIOTTO

A VIDA DE GIOTTO

(GIOTTO DI BONDONE — 1276-1337)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

— Ele é um tolo pretensioso. Pai. Foi-lhe oferecida uma grande oportunidade. E o que fez. Traçou um grande círculo vazio.

— Diga-me uma coisa — perguntou o Papa. — Teve ele muita dificuldade no traçar este círculo, sem o auxílio do compasso?

— Não, Pai. Sómente com um mergulho do pincel na vasilha e um traço displicente.

— Bem, bem. Não está nada mau este círculo. Na realidade, é um círculo bem redondo. Ele deve ter um bom golpe de vista e mão muito firme para fazer isso. Que tipo de homem é esse Giotto?

— Um camponês vulgar, Pai, e feio como Satanaz. Contam que sabe uma quantidade de anedotas pitorescas.

— E o consideram um artista?

— Dizem que pinta um carneiro ou um cachorrinho numa parede, num pedaço de cerca quebrada. E, como por milagre, a mancha imediatamente parece ter vida. Mas decerto somente os camponeses pensam assim.

— Os camponeses sabem o que falam. Eu próprio já ouvi histórias semelhantes sobre esse homem. Quando menino, não foi aprendiz do grande Cimabue? Dizem que uma vez, enquanto Cimabue saiu da sala, Giotto pintou uma mosca no nariz de um dos retratos do mestre. Cimabue tentou tocá-la, quando voltou. Você perguntou de que família é ele?

— É filho de um ferreiro, Pai. Pastoreava rebanhos de ovelhas, em Mugello.

— Essas colinas em Mugello são muito verdes, eu me lembro. E o povo de lá é um povo simples. Mas, de tempos a tempos, surge entre eles um homem de visão. Você compreende?

— Compreendo, Senhor.

— Esse homem poderá entreter-nos. Se não for com seu gênio, ao menos com seus gracejos rústicos. Traga-o a Roma.

Giotto di Bondone chegou a Roma em 1296 e pintou afrescos para o Papa. Pintou cenas da vida de Cristo. Enquanto pintava, em cima do andaime, uma multidão de homens simples e afáveis como ele próprio apreciava atentamente seu trabalho, seguindo cada pincelada sua. Ali estava um camponês que se colocara muito mais alto do que eles. Não se sentiria constrangido nessas alturas? Não desejaria estar em baixo, no solo, ao lado daquele povo a que pertencia? Não preferiria antes contar piadas em vez de pintar? Não sabia por que motivo tudo em que suas mãos grosseiras tocavam transformava-se num milagre de beleza. Estava certo de que era um louco em procurar desenhar. Mas durante muitos anos nunca levava a sério seu talento. Quando tinha nove anos, e guardava seu trabalho, nos campos da Toscana, aproveitava o tempo esboçando figuras grosseiras de ovelhas com um pedaço de calcário nas pedras. Um dia, um grande homem que viajava pela região, parou atrás dos ombros do menino e, tranquilamente, observou seu trabalho. Esse homem era Cimabue, o maior pintor da Itália. Parado ali, observando em silêncio o nascimento do gênio, quem saberia dizer que pensamentos lhe ocorriam? Talvez seu espírito recordasse a estrela que guiou os magos a Belém, para assistir a outro simples nascimento, mil e duzentos anos antes.

Cimabue persuadiu o pai de Giotto, ferreiro da cidade, a que deixasse seu filho aprender o ofício de pintor. E levou Giotto para sua oficina.

No início da Renascença Italiana, a pintura de quadros era mais uma indústria como a de polir lentes ou remendar sapatos. O mestre pintor vivia das encomendas que recebia dos papas, dos bispos e de retratos para a nobreza leiga. Afrescos murais, confecções de esmaltes e bronze. Tinha um grupo de assistentes

treinados que preparavam as cores e executavam os detalhes nos quadros depois do mestre haver traçado o esboço geral.

Foi para a oficina de Cimabue que Giotto entrou, deixando a herança que lhe fora transmitida através de muitas gerações: o trabalho sob o ardente sol italiano. Antes de sua morte, toda cidade grande, toda igreja importante da Itália guardou o testemunho de seu estranho gênio. Foi o primeiro gigante que apareceu na escala dos pintores imortais em mais de mil anos.

★

A época em que Giotto viveu teve anos tempestuosos e violentos. A península italiana era constituída de pequenas cidades independentes que não reconheciam outra autoridade a não ser a de sua própria soberania. Lançavam suas pequenas frotas, exércitos e marinhas uns contra os outros, numa quantidade de lutas para maior glória dos sindicatos de comerciantes que controlavam a vida cívica do povo. Além das constantes guerras do comércio, bandos de ladrões profissionais, ou "condottieri", desciam as montanhas e saqueavam a riqueza dos viajantes. Estava-se numa época de anarquia social e política. Comparativamente, o feudalismo havia feito pouco progresso na península italiana. A Itália era, no mais largo sentido, uma terra de homens livres, "bondone", dos quais a família do próprio Giotto descendia. Giotto tinha orgulho de sua independência política. Certa vez foi chamado a Nápoles a fim de pintar alguns quadros para Sua Majestade, o Príncipe Roberto, um dos poucos tiranos da Itália. Giotto pintou, entre outros assuntos, um painel que anunciou como sendo uma representação do reinado de Nápoles. Desenhou um asno com uma sela nas costas, cheirando outra sela, a seus pés.

Da esquerda para a direita: "Prudência" — afresco de Giotto, na capela Arena em Pádua. "Esperança" — afresco de Giotto, na Capela Arena, em Pádua. "Justiça" — afresco de Giotto, na Capela Arena, em Pádua.



— Que significa este quadro? — perguntou-lhe Roberto.

— Vosso reinado em miniatura, Senhor, — respondeu Giotto. — O asno com a sela representa seu povo. Não há ninguém sobre ele, porque escolheu seu cavaleiro. E, veja, cheira a sela do chão, à procura de alguém para conduzi-lo. Palavra de honra, Senhor, tudo poderá acontecer se não tirar o selim do asno e o tratar como um homem.

Giotto era mais corajoso com o pincel do que com a língua. Seu gênio criava asas e voava em mensagens de cor a todos os cantos e esconderijos da Itália. Quebrou o silêncio de séculos e começou mais uma vez a reconhecer as aspirações do homem comum. Esmagada pelo atropelamento das hostes bárbaras que haviam surgido no Império Romano, durante o período de sua decadência, o homem comum fora escravizado ao solo. Sob a instituição do feudalismo, tornara-se um escravo com inteligência limitada, mas com ilimitada capacidade de sofrimento. Vivia no domínio de seus senhores, lavrando sua terra, aumentando sua colheita, pagando seus impostos. Não tinha direito pessoais e legais. Era um bem móvel, com tanta dignidade como uma peça dos acessórios de família. Imaginava, de um modo vago, que os anjos habitavam o céu e os demônios viviam no inferno. Estava certo de que esse céu seria alcançado por ele, no fim, se fosse paciente, bom, e não se queixasse. Por isso, colhia o trigo para seu senhor e puxava seus bois até que ele próprio, como um animal arreado dos campos, caísse morto de cansaço.

Contudo, essas massas inarticuladas formam o corpo da verdadeira cristandade. E um dia apareceu um Messias para representá-los. Esse homem era Francisco de Assis. Renunciou aos prelados e aos príncipes e colocou-se à frente dos desfavorecidos. E assim despertou uma grande revolução, sem derramar sangue. Na realidade, em alguns aspectos Francisco não foi maior do que sua época. Era caracteristicamente medieval em sua profunda crença nos milagres, por exemplo, em seu penoso ascetismo, em sua fé infantil nas qualidades antropomórficas dos pombos, aos quais pregava como a um irmão. Mas por seu espírito humanístico, por sua habilidade para reconhecer a verdadeira dignidade de seus companheiros, foi um dos príncipes da raça humana. Enquanto os outros líderes religiosos contentavam-se em cantar a glória de Deus, Francisco elevou um hino à dignidade do homem. Enquanto outros se concentravam no reinado do céu, Francisco dedicou-se a construir um reinado do céu na terra. O santo de Assis tornou-se o primeiro capítulo na história social da Europa Ocidental — uma completa reconstrução no plano material da existência humana.

Em consequência, houve também grandes mudanças da velha ordem no plano artístico. Mas quem poderia continuar o trabalho deixado por Francisco? Agora que as massas estavam começando a acordar de seu sono, quem abriria seus olhos para as belezas do novo dia que estava surgindo no mundo?

★

Giotto de Bondone veio para a Igreja de São Francisco de Assis com a incumbência de pintar uma série de afrescos ilustrando a vida do santo. Parado na capela, sobre as cinzas desse homem sagrado, decerto estremeceu ao pensar nessa grande responsabilidade. Ia pintar um grande assunto sacro, e ainda não fora iniciado nos rituais da arte eclesiástica. Seus motivos inatos eram o solo, o céu, os campos onde as ovelhas pastavam, e não os rígidos prateados e dourados dos painéis bizantinos. Sentia-se mais vivo quando contava anedotas grosseiras a seus companheiros rústicos. A semelhança de nosso Lincoln, Giotto tinha um talento incomum para as histórias grosseiras. Tudo vinha a seu cérebro sob a forma do concreto, do pictórico, do dramático. Era uma alma simples, firmada numa profunda fé religiosa. Ninguém estava melhor qualificado para interpretar a legenda de Francisco de Assis. Sómente ele poderia realizá-la. Por que todo esse receio,

quando parava ali pronto para pintar? Por algum tempo estivera sózinho com Francisco, e Francisco ficaria pronto para ouvi-lo, para fazer amigos com ele — se soubesse contar a anedota apropriada à ocasião. E súbitamente a anedota lhe ocorreu. Como Francisco teria rido ao ouvir essa história do porquinho rústico. Uma ocasião em que Giotto, parado, conversava com vários amigos, um porco surgiu entre eles, empurrando o artista até a sargeta. Giotto pegou-o lentamente pelas pernas e perdoou-lhe a insolência. Durante toda sua vida, usara cabelos de porco para os fios de seu pincel, e agora, afinal, a dívida estava paga. Para o homem que conversara com os pássaros e compreendia a alma de todas as coisas vivas, essa era uma história apropriada. Agora, enfim, a tensão se quebrara. Giotto tomou do pincel e traçou na parede a primeira larga pincelada. Na verdade, a Renascença havia começado.

★

Giotto pintou vinte e oito afrescos sobre a vida de São Francisco. E nesses afrescos revolucionou a arte. Até então, os artistas não haviam pintado homens, mas gravado imagens. Giotto introduziu nas telas homens e mulheres que sentiam, odiavam e amavam. Até então, era considerado sacrilégio, para um artista, introduzir na pintura religiosa uma árvore, uma flor, um regato, ou qualquer outro objeto do cenário natural. Mas Giotto usou constantemente a natureza como fundo em sua série de afrescos. São Francisco não se sentiria mais à vontade cercado de ricos dourados e prateados do que o próprio Giotto. Porque Francisco também fora um pastor. O pintor teria violentado o espírito do santo se não houvesse rompido com a arte convencional da época e utilizado sua índole simples para interpretar esse companheiro, artista na simplicidade humana.

Passo a passo, Giotto interpretou os mais importantes incidentes da vida de São Francisco. No primeiro afresco o jovem Francisco está diante de um homem idoso que se atira a seus pés e profetiza que algum dia se tornará um santo. No segundo, Francisco dá suas roupas a um mendigo e aceita em troca os andares do pobre. A partir daí compreende que deve alistar-se como soldado no grande exército da Paz. Entrega ao pai seus bens do mundo e declara que renuncia a toda proteção paterna do lar e da Igreja e que se recomenda somente à proteção de Deus. Em um belo afresco, o Santo é mostrado numa atitude de oração, batendo no peito e murmurando ao Senhor: "Eu sou o mais indigno dos pecadores". Ajoelhado junto a Francisco está um de seus discípulos, Fra Leone, que olha admirado para o céu, onde vê, suspensos no azul, quatro tronos dourados. O trono do centro, maior do que os outros, resplandecente, está vazio. Um anjo, olhando para Leone aponta com uma das mãos o trono vazio e com a outra, Francisco. O trono pertencera anteriormente a um arcanjo rebelado, e agora esperava a chegada do humilde Francisco. Todos os afrescos tão tocantes pela simplicidade e profundos pela fé religiosa. Francisco de Assis e Giotto — dois dos mais amáveis irmãos do homem comum.

Com a introdução da paisagem na pintura, Giotto deu sua primeira grande contribuição à arte moderna. Usando a paisagem como fundo, conseguiu o primeiro esquema geral da perspectiva tridimensional. Substituiu as grotescas representações bizantinas, de uma anatomia plana e sem vida, por homens e mulheres sólidos e vivos. Certamente as cores carecem das sutis graduações da Renascença posterior. Giotto ainda não se havia assenhoreado dos problemas da luz e da sombra. Seus pigmentos são ricos e simples, massas de tinta que "saltam diretamente de sua origem". Tinha um sagaz sentimento do dramático, dos gestos animados, dos atos impulsivos. Pintava



"A Visitação" — afresco de Giotto, na Capela Arena, em Pádua.

como vivia — saborosamente, vigorosamente, espontaneamente, com cada uma das fibras de seu ser. O gênio de Giotto, como o gênio de Abraão Lincoln, cresceu num corpo sadio e atlético, enrijecido por um perpétuo contato com a natureza. Em suas veias pulsava o ritmo do bater de um machado. Todos os seus painéis, mesmo os das cenas de morte, estão cheios de movimento. Contam histórias vivas de um modo concreto. Em cada painel, cada figura tem sua parte na narra-

ção da história. E o quadro possui sempre unidade dramática. No afresco da morte de São Francisco, por exemplo, o principal é a cabeça de Francisco, em seu sono de morte. Há três grupos de monges reunidos, afilados, em torno do leito. No primeiro desses grupos estão cinco monges, rígidos e em pé, como uma fileira de álamos. Forma muma sólida armação atrás da querida cabeça, um baluarte para proteger o corpo das profanações. Os outros dois grupos colocam-se em vá-

"São Francisco expulsou os demônios de Arezzo". Afresco de Giotto, na Igreja Superior de Assis.





O NOVO PRESIDENTE DA CAMARA DOS DEPUTADOS

A MIGOS, conterrâneos e admiradores prestaram uma homenagem ao senhor Samuel Vital Duarte, no dia 22 do mês próximo findo, por motivo de sua eleição para o alto cargo de Presidente da Câmara Federal dos Deputados. Essa homenagem consistiu de um almoço no Restaurante do Aeroporto, nesta Capital, onde foram colhidos os flagrantíssimos que estampamos nesta página, num dos quais aparece S. Excia. agradecendo a demonstração de estima e confiança que acabava de receber.



A VIDA DE GIOTTO

rias atitudes, de cada lado do leito. Alguns monges estão ajoelhados reverentemente, um beija os pés do morto, outro beija-lhe as mãos sem vida, outro ainda contempla fixamente o rosto, como para desenhar a alma, quando iniciasse seu vôo. Um dos franciscanos segura a bandeira da ordem, levemente inclinada, numa saudação ao morto. Em torno da cabeça de Francisco há uma auréola que forma o centro da composição. Os monges ao lado do leito são simplesmente temas subordinados ao climax da auréola. E logo depois há um epílogo, pintado numa linha dirigida diagonalmente do corpo para o alto do quadro. Quando os olhos do observador chegam à cabeça de São Francisco, seguem a diagonal que traça a ascensão da alma para o céu. Um ardil muito simples da parte do artista orienta os olhos, irresistivelmente, para essa visão de São Francisco, como se ele estivesse arrastado por quatro anjos. A direita do corpo está ajoelhado um monge com olhos voltados para o céu, num fascinado assombro pela transfiguração do homem de Assis. Todo o painel reproduz um momento dramático — a ascensão de uma alma humana.

Para Giotto, nenhuma idéia parecia bastante abstrata, relativamente à representação pictórica. Na série de afrescos de São Francisco, pintou um episódio do casamento do santo com a Senhora Pobreza. Esse quadro é um estudo em que a idéia moral adquire uma forma material. A Senhora Pobreza aparece sob a figura de uma mulher triste, que anda sobre espinhos, com a cabeça coroada pela fragrância de um florescente ramo de roseira. No início, Francisco está penosamente embaraçado com o encontro, mas Jesus lhe sorri e o entrega à mulher, num matrimônio sagrado. Dois malévolos meninos, no primeiro plano, atiram-lhe gravetos e pedras. Mas atrás dela, no fundo, um homem dá seu casaco a um mendigo; e no alto, nos céus, um anjo o encaminhava às portas de São Pedro, trazendo nas mãos o casaco. Esse quadro constitui um dos mais tocantes elogios da pobreza na história da arte. No entanto, antes de sua morte, bastante irônicamente, o artista compôs um poema satírico sobre a pobreza, caracterizando-a não como a noiva da santidade, mas como a amante do desespero. Giotto viveu o suficiente para reconhecer tanto o verso quanto o reverso da misteriosa moeda do destino humano.

Felizmente para Giotto, seu conhecimento da pobreza, sobretudo em seus últimos anos, foi menos objetivo do que subjetivo. Observou-a do lado de fora. Porque prosperara na arte que escolhera. Viajou por toda a Itália, e conseguiu uma excelente fortuna com seu trabalho. Aprendera a dupla técnica de fazer pintura e fazer dinheiro. Compadecia-se de seus companheiros artistas que careciam de argúcia nos negócios, e dos homens de negócios que careciam de visão artística. Como essa visão lhe viera, a ele, um dos mais humildes servos do Senhor, não podia compreender. Mas possuía esse dom. Era-lhe tão fácil pintar um grande quadro como assoblar uma canção qualquer — façanha que assombrava mesmo os mais entendidos de seus amigos. Uma vez, quando era ainda um esforçado jovem artista, saído havia pouco tempo da oficina de Cimabue, pintou uma cena do "Paraíso", de Dante, na capela de Podestà, em Florença. Dante, um oficial de

Florença, admirado por todo o mundo literário, oferecia-se como tocha flamejante no altar da linda Beatriz. Giotto encontrou Dante em Florença e pintou-lhe o retrato — o único em que se percebe o encantamento por Beatriz nos olhos de Dante. Dante interrompera a rotina de sua próspera vida política para dar ao jovem e esforçado artista conselhos sobre sua arte. Tornaram-se grande amigos. Giotto deixou Florença e viajou, à procura de fama e de fortuna. Casou-se com uma camponesa inculta e auxiliou-a a criar seis incultos meninos camponeses. Construiu uma confortável casa e divertiu seus vizinhos com suntuosos banquetes. Ai, em 1306, chegou um solitário e triste exilado, pedindo abrigo. Era Dante, próspero e orgulhoso antigamente, acusado de corrupção política por seus inimigos, que fora banido de sua cidade natal. Como eram inversas suas posições, quando se sentou à mesa de Giotto. Ao partilhar o pão de seu amigo, olhou os restos que o cercavam, lembrando-se de sua própria casa e de sua própria hospitalidade naqueles grandes dias, em que os mais lindos rostos da terra prestavam-lhe homenagem. "Como é possível", deixou escapar involuntariamente, "que um homem com uma família tão simples encontre inspiração para pintar tão lindos quadros!"

★

O último testamento de beleza de Giotto, realizado exatamente antes de sua morte, em 1336, mandou-o, por assim dizer, ao próprio céu. A Campanile de Florença, mais conhecida como a Torre de Giotto, é um milagre de arquitetura, levantando-se a duzentos e noventa e dois pés acima do solo — um monumento de mármore colorido sob o azul do céu italiano. Porque Giotto, como vários outros artistas da Renascença, era um arquiteto tanto quanto um pintor. Tinha talento para dar volumes tanto quanto superfícies de beleza. A Campanile consiste em quatro andares. Não há janelas no primeiro e no segundo andares. No entanto, há uma fachada com admiráveis baixo-relevos. Os dois andares superiores têm janelas góticas separadas por cadeias de mosaicos. Giotto sentia-se inteiramente à vontade quando parava no mais alto de seus andaimes, sob o céu aberto, para pintar, no alto dessa torre, seu hino final à glória de Deus. E esse painel, como todos os seus outros trabalhos, é uma mistura de rústica simplicidade e humor realista. Em um dos baixos-relevos um cachorrinho guarda um rebanho de ovelhas que passa a seu lado. Uma ocasião, Ruskin mostrou uma fotografia desse cachorro a uma classe de estudantes, de que era professor, na Inglaterra. Ai estava um desganhado e enlameado pequeno Sócrates do mundo canino, fitando de um modo louco, através dos séculos, desde as névoas da Idade Média. Esse quadro fez com que os alunos de Ruskin dessem vivas, numa alegre admiração, e o próprio Ruskin chorasse.

O cachorrinho ultrapassava o esplendor de toda a arte medieval que existira antes de Giotto. Porque iniciava uma nova época. Abria os olhos do mundo para uma nova espécie de beleza — a beleza das coisas comuns.

(Do livro "Vidas de Grandes Pintores")



Apresentamos aqui Diana Lynn, a encantadora estrelinha da Paramount, intérprete da película "A espera de um milagre" (Easy Come, Easy Go), para desejar aos fans uma feliz Páscoa.

O uso do perfume se remonta às mais antigas épocas; nos tempos dos gregos, tiveram um papel importante e as tendas dos perfumistas eram lugares famosos onde se reuniam as pessoas elegantes da república. Estes hábitos foram seguidos pelos romanos e dizem que Nero, nos funerais de Pompéia consumiu a produção de muitos anos. Com a queda de Roma, decalou também o uso do perfume que voltou novamente na época das Cruzadas.

Na França, a moda foi lançada por Catarina de Medicis alcançando, porém, o seu ponto culminante nos tempos de Luis XV quando a corte prescreveu o uso de um perfume diferente para cada dia. Versalhes recebeu então o nome de "corte dos perfumes". Hoje existem livros dissertando sobre o exato emprego do perfume, como por exemplo o livro "O sentido sutil" do professor Ralph Benfang, da Universidade de Oklahoma. Desse livro extraímos os dados abaixo, bastante interessantes, nos quais o professor Benfang nos diz onde o perfume "não deve ser usado"...

1º — Sobre o vestido. Não pelo receio de manchá-lo, mas porque o perfume se perde no tecido. Está exposto ao ar sobre uma superfície grande, e o álcool se evapora rapidamente. Porém, como alguns dos elementos contidos no perfume se evaporam antes do que os outros, o perfume, consequentemente se descompõe e, em certos casos, de maneira desagradável.

2º — Sobre as palmas das mãos. Não compreendo, diz Benfang, porque é que existem tantas mulheres que dão preferência a esse lugar. E' horrível, porque deixa o perfume na comida e a tudo o que se toca e, ainda, quando elas dançam, deixam o perfume nas mãos do homem, o que nem sempre lhes agrada.

3º — Sobre os cabelos. Primeiramente, porque exposto ao ar, o perfume se evapora com muita rapidez, tal como acontece à roupa. Além disso, a cabeleira possui um odor especial que, misturado com o perfume nem sempre resulta numa combinação agradável.

4º — Sobre as peles. Pela mesma razão exposta ao que se refere aos cabelos. Acresce ainda que as peles devem ser limpas com frequência e a mistura do perfume com os produtos de limpeza resultariam num cheiro forte e desagradável.

5º — Sobre os pulsos. E' uma forma muito "pessoal", mas está muito próximo das mãos e o resultado também não é agradável.

Onde então? E, é ainda o professor Benfang quem responde: "O lugar do perfume é nas orelhas. Na parte de trás, ou sobre o lóbulo. Ou ainda, no caso de se usar um vestido muito decotado, sobre os ombros e costas. Ali, a fragância do perfume se mistura rapidamente com o odor da pele em condições muito mais favoráveis".

Ai têm vocês, minhas amigas, os conselhos de um "técnico" no assunto... Agora é só experimentar para ver se a razão está realmente com o professor Benfang.

KITTY

NOS BASTIDORES FEMININOS

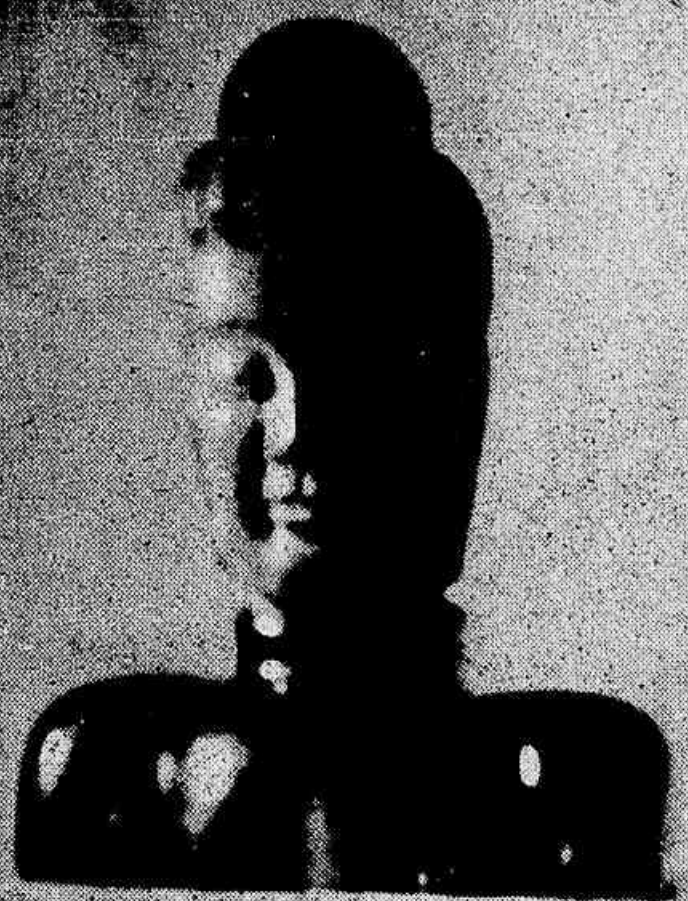


INSPIRAÇÃO ORIENTAL

BUSCANDO inspiração nos trajes usados no filme "Ana e o Rei do Sião", foram criados estes interessantíssimos modelos para as diversas horas do dia: Da esquerda para a direita, modelo para jantar em seda preta. O talhe, as mangas, lembram as figuras do oriente. A saia tem franzidos na fren-

te. Original e elegantíssimo é este traje para a noite, executado em cetim preto. A blusa tem gola alta, mangas raglan e é aberta na frente. A saia é franzida, formando uma só peça, isto é, inteira, com aberturas para as pernas, dando idéia de pijama. Faixa franzida na cintura, com fivela dourada. Pijama

para receber em casa, tipicamente oriental. E' feito de pesada seda preta, com "vivos" dourados na gola, manga, cintura e tornozelos. O pijama é inteiriço, fechando na frente com "eclair". As mangas são "raglan", muito acentuadas. Punhos justos. Gola redonda, calças folgadas ajustadas nos tornozelos.



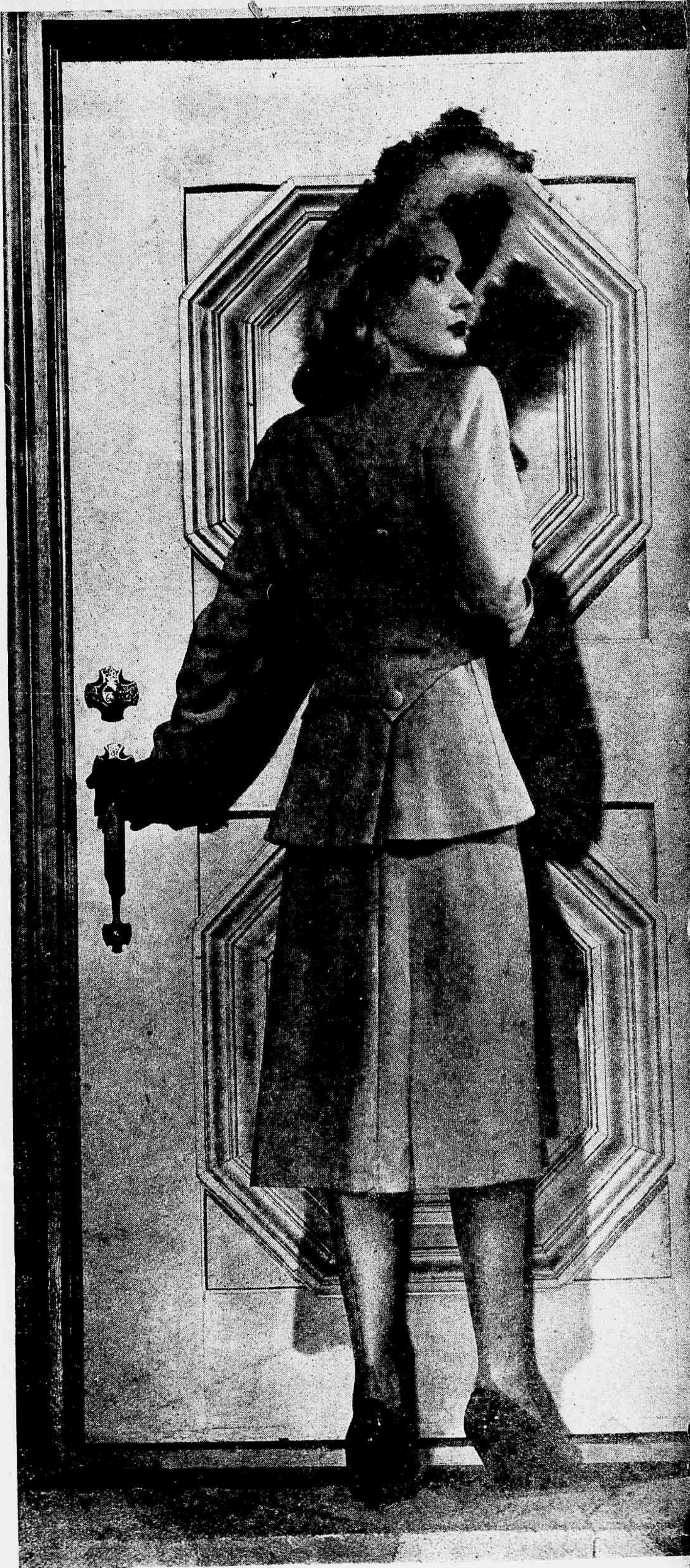
روح مطهره
اندر
سرور





ELEGANCIA DE OUTONO

N ESSA meia estação, pouca gente sabe como se vestir; umas usam ainda os vestidos claros e alegres do verão, contrastando com o céu nublado e cinzento, outras metem-se logo em pesados "cobertores" transpirando e tentando, com que sacrifícios, manter a "linha". No entanto, o meio termo não é tão difícil, como vocês poderão verificar por estas fotografias. Na página à esquerda: Audrey Totter, da MGM, usa esse "tailleur" criado por Irene, em dois tons de lã cinza. A lã é bastante leve, e o "tailleur" pode ser usado sem blusa. Em baixo: Agora é Alexis Smith da Warner Bros., quem sugere este "tailleur" de casemira listrada, sem gola e com aplicações enfileiradas sob os ombros e nos bolsos. À direita: June Vincent, da Universal Pictures, sugere este "tailleur" de gabardine, com recortes nas costas, botões do mesmo tecido e "machos". A saia é "godet". Ao alto: Mas se o frio apertar de repente, aí está a sugestão de Alexis Smith: casaco de lã felpuda branca, cinto pespontado atrás, gola alta e mangas raglan".





CHAPÉUS PARA A NOVA ESTAÇÃO

A PRESENTAMOS hoje às nossas leitoras, alguns modelos bastante elegantes, para a próxima estação. Os chapeleiros, quer os de Paris, quer os de Londres ou de Nova York, estão fazendo uma grande "força" para convencer as mulheres do mundo inteiro a voltar a usar chapéu. Vejamos se o conseguem... Enfim, com sugestões como estas que aqui apresentamos, talvez já se dê um passo à frente... Ao alto à esquerda: Irene, famosa modista da MGM, criou este "turban" em cetim e seda fosca, para ser usado à noite. O "modelo" é a encantadora Frances Gliford. Em baixo: Outro "turban" criado por Irene. Este é de lã preta, enfeitado com tafetá preto e branco, combinando assim com o restante da "toi'ette". A seguir: Finalmente, Rosalind Russell, "estrela" da RKO Radio, sugere este gracioso modelo de lebre rosa pálido com a aba toda coberta de rosas de tafetá também rosa pálido. Na página à direita: A belíssima Ava Gardner, da MGM aparece nos com este elegante chapéu de lebre preta, de aba bastante larga e tombada para um lado, enfeitada com "aigrettes" pretas.







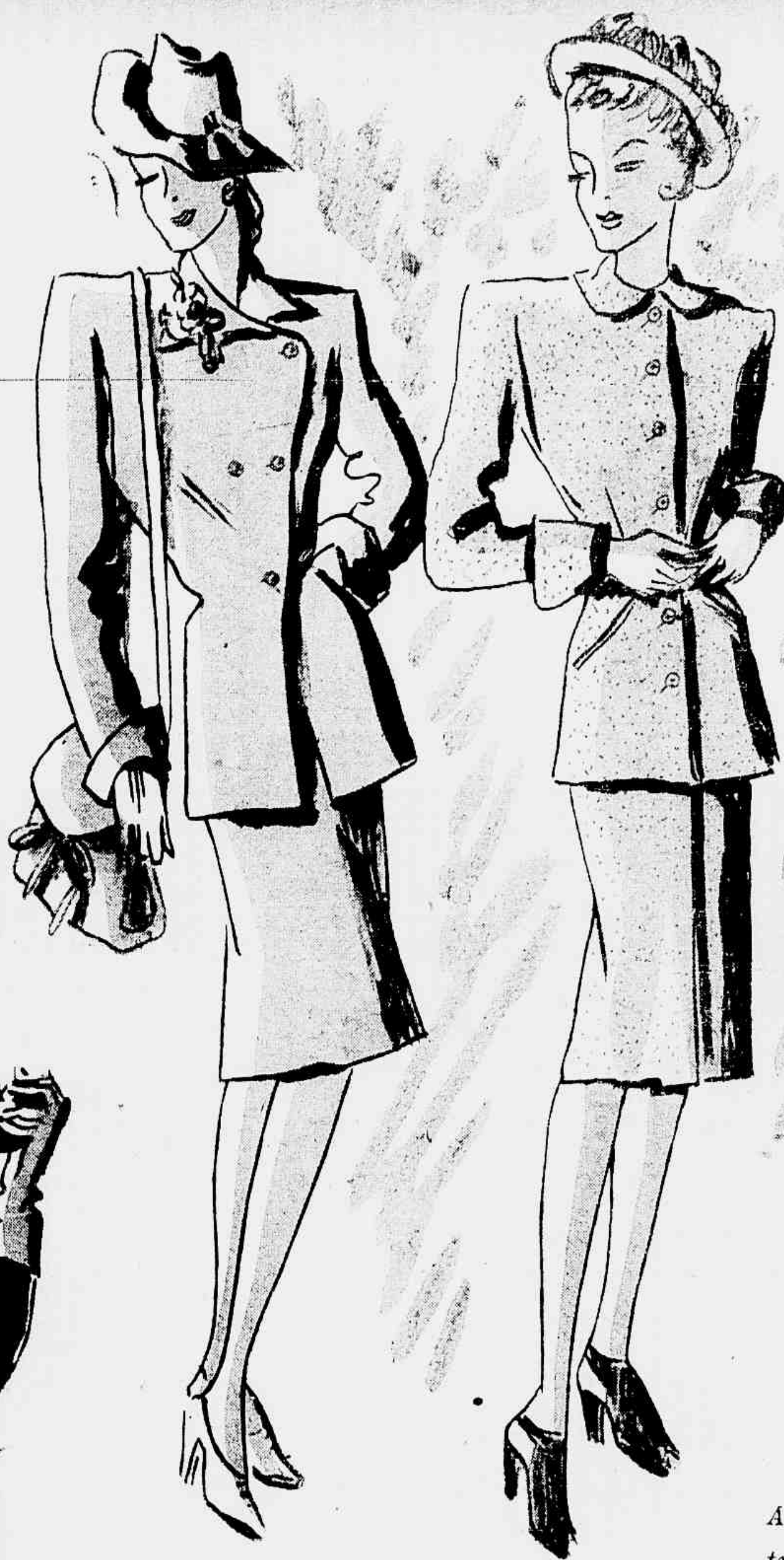
DOIS MODELOS

Na página ao lado: "Duas peças" de muita originalidade e elegância, executado em lã cinza. Os ombros são arredondados, obedecendo à nova "linha" lançada por alguns dos maiores costureiros franceses. A cava da manga é mais baixa do que comumente se usa. De cada lado, partindo dos ombros, três "pences" que terminam com uma "mosca" bordada. Ao alto: Muito gracioso e elegante este modelo de seda azul marinho com grupos de nervuras abrindo-se em pregas dos quadris para baixo. Gola de "piqué" branco. Botões também brancos.

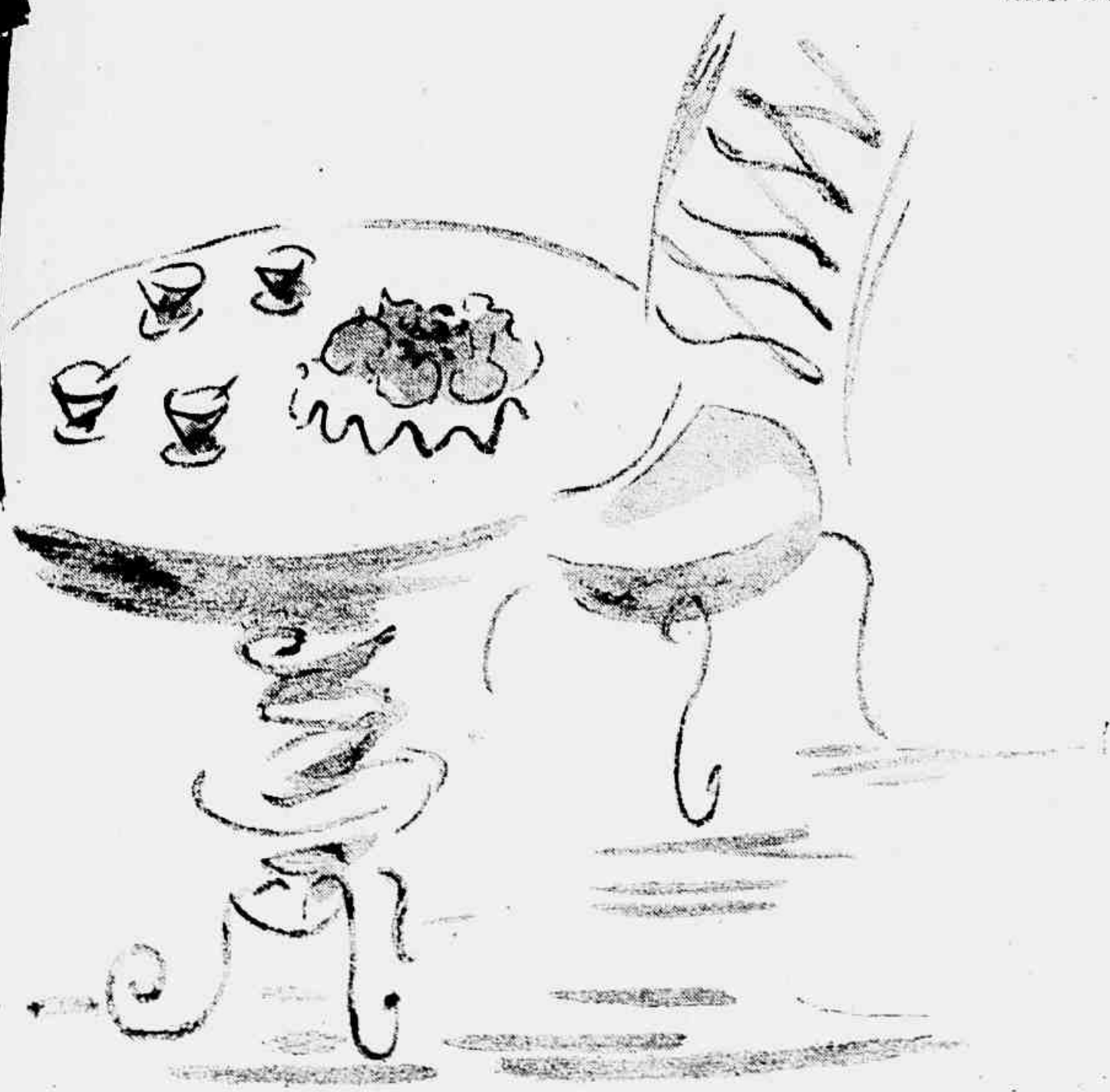
Costume em lã cinza para dias frios. Botões formando triângulo. Mangas terminando em fardos punhos, casaco três-quartos.



Em fina lã bege este costume com gola arredondada. Botões em todo o comprimento do casaco. Bolsos embutidos.



A esquerda: interessante costume em pesada lã azul-marinho. Botões em losango no alto e na cintura.



Moda



Costume em lã marron escuro.
Interessantes pregas dos dois
lados terminando em bolsos.
Duas carreiras de grandes
botões.



Costume de linha esportiva, em
fina lã azul ou bege. Punhos e
gola com debrum de veludo.



Costumes de linhas simples,
sem gola, bolsos embutidos, pes-
pontos em linha de cor. Echar-
pe de seda branca.



A NOVA LINHA

Saias mais longas, ombros arredondados, mangas trabalhadas, são as últimas novidades da moda francesa, conforme vemos aqui nos modelos de Alex e Jacques Griffe. O primeiro tem uma sobre-saia dupla, abotoada do lado direito. Recortes na blusa, grandes botões também na gola. Mangas "presunto" ajustando do cotovelo para baixo. O segundo é em jersey de seda preto, gola alta com ligeiro drapé. Mangas japonesas drapeadas na altura do cotovelo. Corpo longo. Saiadrapeada



Um espetáculo de rara beleza, o que vemos acima. Crianças ao sol, povoando os verdes gramados do hipódromo, alegres e saudáveis, compondo um quadro oculto aos aficionados nas horas de reunião, mas que se repete diariamente naquele trecho encantado da Cidade Maravilhosa.

ELAS PRECISAM SER TRATADAS ASSIM

Um pedaço do céu nos jardins do Hipódromo da Gávea — A natureza emoldurando um quadro vivo de rara beleza : crianças felizes e saudáveis pulando ao sol — Onde a cozinha tem as primícias de uma visita — Comer bem, cantar, brincar e aprender brincando — E tudo de graça ! — Quando terão os nossos meninos o aspecto saudável do Egberto ? — Os clubes esportivos poderiam colaborar — Isto é um apelo aos homens de boa vontade !

Reportagem de ADALBERTO MENDES

QUEM visitar, pela manhã, o belo hipódromo da Gávea, e se dispuser a um passeio pelos jardins do peão do prado verá que uma nota palpante de vida e alacridade invadiu os verdes gramados, oferecendo aos nossos olhos um espetáculo agridoce e emocionante, oculto aos aficionados nas horas de reunião porém repetido diariamente nas manhãs quietas da Lagoa. Ouvimos falar da existência desse núcleo infantil, pomal encravado naquele encantador cenário com que Deus e os homens dotaram a Cidade Maravilhosa e para lá a REVISTA DA SEMANA rumou numa bonita manhã de sol indo surpreender em plena atividade o jardim de infância do Jockey Club. Dezenas de crianças robustas, saudáveis, vivazes, espalhavam-se nos gramados em grandes rodas guiadas pelas amáveis preceptoras ou se jogavam no tapete verde em piroetas e acrobacias, haurindo ao sol as energias indispensáveis aos seus organismos em formação. Em volta, as dependências do hipódromo a cadeia de montanhas dominadas pelo Cristo Redentor as águas mansas da Lagoa Rodrigo de Freitas. — Bela moldura para um grande quadro, dissemos conosco. Realmente era com emoção que a nossa vista abrangia o conjunto destacando do todo aquelas crianças felizes, tão felizes e saudáveis como deveriam ser as crianças do Brasil.

Enquanto o fotógrafo se preparava para bater as primeiras chapas fomos gentilmente recebidos pela diretora, srta. Mauricéa Felix da Silva.

— Ah!, a REVISTA DA SEMANA. Muito prazer. Estou às suas ordens.

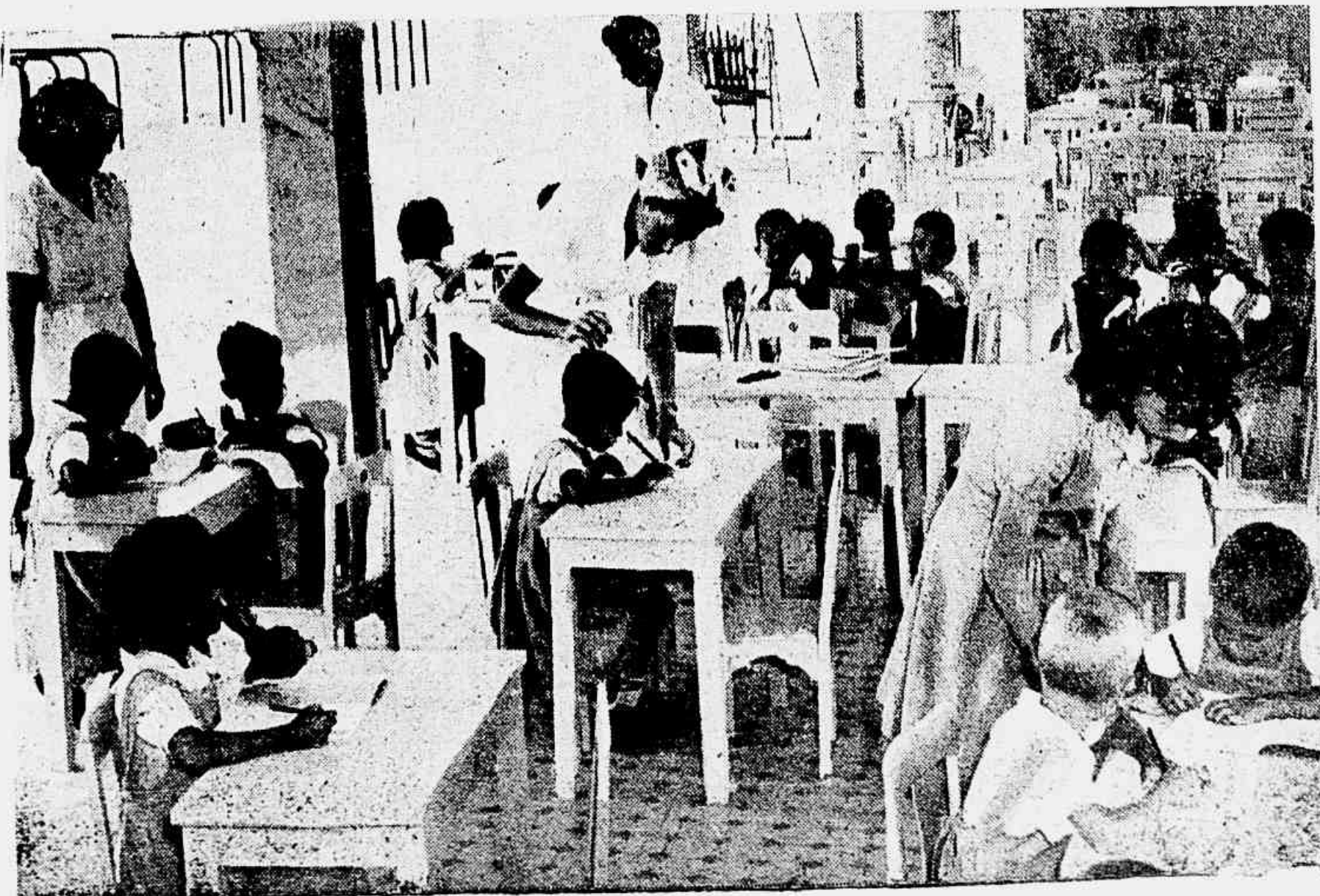
Ao lado — Os maiores se familiarizam com as primeiras letras, sob as vistas atentas e pacientes das preceptoras. Não comente brincam, como se vê.

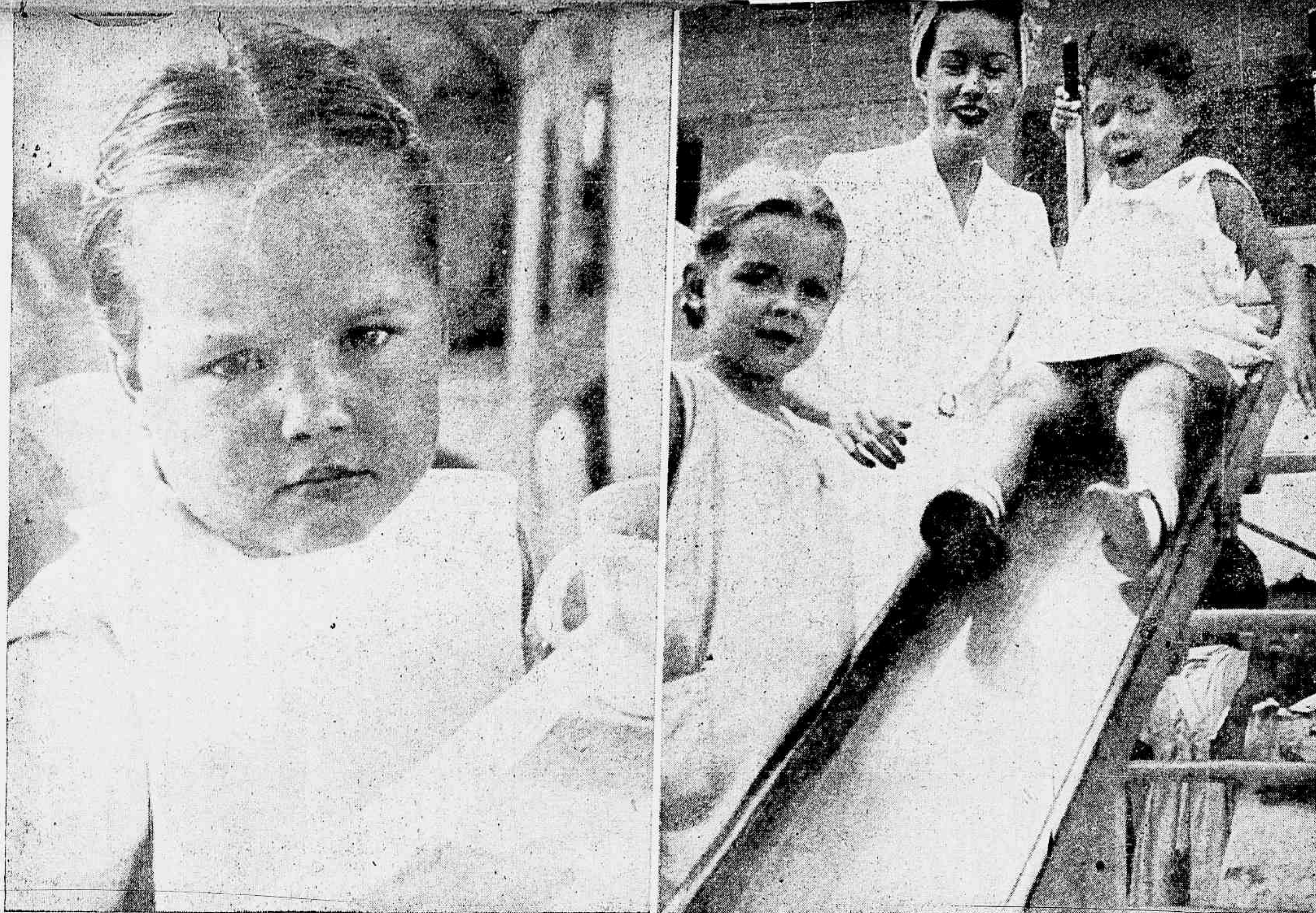
Dissemos dos nossos propósitos.

— Com imensa satisfação. Vou mostrar ao senhor o que é esta benemérita realização. Refiro-me a ela com o sincero entusiasmo que devem ter pelas coisas boas e grandiosas.

Fotografias de ARNALDO VIEIRA

Esclarece-nos que o jardim de infância que dirige foi criado e é mantido pela tradicional sociedade turfista que fornece desde o vestuário à alimentação e é destinado aos filhos dos seus empregados sem distinção de cargo ou categoria. O filho do cavalariço ou do mais graduado





A esquerda: Poderiam ser assim, como Igberto Thomaz de Oliveira, todas as criancinhas do Brasil. Bastaria para isso que os homens de governo e as entidades particulares imitassem o que se faz ali no Hipódromo da Gávea. A direita: Vamos escorregar! E a garotada se diverte, feliz e confiante, sob as vistas carinhosas da professora Mauricéa, diretora do Jardim.

funcionário são recebidos da mesma forma. Ali todos são iguais.

— Procuramos inculcar nas crianças um salutar sentimento de igualdade, tratando-as com o mesmo carinho, prodigalizando-lhes idênticos cuidados e atenções

★

Havíamos parado frente a uma dependência em cujo interior ia grande atividade. Olhamos curiosos pela porta aberta.

— Pode entrar, não faça cerimônia — falou a nossa interlocutora, rindo à idéia de iniciarmos a visita pela cozinha.

Manifestamos à diretora a convicção de que era aquela uma das mais importantes secções da escola.

— Sem dúvida. Como o senhor verá, preocupa-nos sobretudo a nutrição das crianças. Aqui temos tudo o que é preciso para uma alimentação sadia e farta — disse.

abrindo de par em par as portas de uma grande geladeira e de um armário ao lado.

Com efeito, vimos com fartura frutas frescas, legumes, ovos, leite, queijos, aveias, biscoitos, farinhas, azeite de oliva, chocolates, toda uma provisão de alimentos a tamente nutritivos, enquanto a cozinheira ia e vinha na azáfama de preparar o "lunch" da meninada.

— Essas crianças, na sua maioria, chegaram aqui desnutridas. Rápidamente adquiriram peso, tão logo foram submetidas ao reforço alimentar que lhes ministramos.

Deixando a cozinha, de onde recolhemos agradável impressão de asseio e abundância, percorremos o ambulatório de urgência. Além dos mais, ensinamentos de higiene são ali dados aos petizes. Diz-nos a senhorita Mauricéa:

— A maior parte destes meninos desconhecia o que seja limpeza corporal. Aqui recebem mais este benefício, que procuramos estender aos seus lares, mediante conselhos aos pais.

Dali rumamos à sala de música.

— Também damos aos petizes lições de canto que aprendem com relativa facilidade. Procuramos discipliná-los os sentidos na harmonia dos sons.

A professora Marina Saro di Azevedo mostra-nos então o copioso e moderno material didático, das melhores procedências. Jogos e livros coloridos, petrechos para labores manuais os mais curiosos e atraentes objetos para a faina educativa dos primeiros ensinamentos.

A professora Lida Salão Lobato vem nos chamar para assistirmos à merenda da petizada. Sentados em suas mesinhas, muito em ordem, os garotos serviam-se de chocolates e biscoitos que as monitoras lhes traziam em louças adequadas.

— Cada dia tomam alimentos diferentes seguindo regime dietético pré-estabelecido, de acordo com rigorosos preceitos. Resulta daí essa robustez e boa disposição que o senhor pode observar.

Pouco depois nos misturávamos àquela sadia criança, que no "playground" do jardim se entregava aos folguedos infantis vigiadas de perto pela dedicação das professoras, que se desdobravam em zelo materno.

Antes de deixarmos aquele pedaço de céu, ainda nos dizia a senhorita Felix da Silva:

— Isto dá trabalho. Muito trabalho e preocupações. Mas acredite que nos faz um bem enorme este sacerdócio. Fora daqui, onde estariam agora essas crianças? Quase todas filhas de pais pobres sem a assistência que o Estado lhes deveria proporcionar, encontraram nisto o refúgio e o amparo que as leis não lhes concedem.

— E quantas são presentemente?

— 120. Por enquanto.

— Há propósito de aumentar a capacidade do jardim?

— Acredito que farão tudo o que for possível. Este jardim de infância é a menina dos olhos dos seus realizadores que nos dispõem todo o apoio moral e material de que necessitamos. Nada nos falta. Tudo o que pedimos nos é dado. E do melhor conforme o senhor viu. Assim estimuladas, nos entregamos de corpo e alma à nossa tarefa, que tem um encanto todo especial, pode crer.

Efetivamente tinha razão a gentil informante. Aquele jardim de infância como iniciativa particular, ultrapassa tudo o que no gênero se conhece — e que é tão pouco infelizmente. Pela organização, pelo aparelhamento e cuidados de que cerca os seus pequeninos papilos.

Despedimo-nos das amáveis e dedicadas professoras e saímos dali confortados com o comovido espetáculo que acabávamos de presenciar, pensando como seria útil e bom para a nossa infância desamparada que se multiplicasse aquele exemplo por todos os bairros da cidade que se instalassem por toda parte jardins de infância bem appare-



A esquerda: A cozinha do Jardim é provida abundantemente de alimentos frescos e saudáveis, essenciais a uma boa norma dietética infantil. E o resultado é a esplêndida robustez daquela petizada.



Depois da merenda farta e succulenta, a meninada se entrega aos folguedos mais variados. Estamos no pátio do Jardim, e as vozes se levantam em modinhas de roda enquanto os cavallinhos, as gangorras, os escorrega-manteiga são assaltados pela garotada. E' a alegria de viver que se manifesta sem peias nas criaturinhas bem tratadas de corpo e de espirito. Bom alimento. Ar puro. Sol vivificador.

lha:os e inteiramente gratis como o que enfeita os prados do hipódromo da Gávea. Foi quando nos ocorreu que se as nossas entidades esportivas, e temolas tantas e tão poderosas, construissem cada uma um centro infantil semelhante, já avançaríamos alguns passos nesse caminho que lamentavelmente palmilhámos com inacreditável lentidão. Seriam novos títulos de glória de infinita benemerência a acrescentar aos seus lauréis, tanto mais expressi-

ves quanto é certo que, proporcionando à infância uma sã formação moral e física, concorrendo para fazer saos de espirito e de corpo aos homens de amanhã poderiam contar mais tarde com uma pujante e vigorosa juventude a enriquecer suas legiões de atletas.

Fica este apêlo aos homens de boa vontade. O que existe na Gávea é um exemplo de compreensão e generosidade a imitar. E' um aceno aos corações bem formados

e às consciências tranquilas. Imitem-no, senhores, pelo que temos de mais valioso, pelo nosso patrimônio de esperanças que são os nossos filhos, os filhos dos nossos semelhantes. E que a tradicional sociedade turfista prossiga sem desalecimentos na obra encetada, ampliando-a para que possam todas as criancinhas da Gávea povoar os seus jardins, o que lho custará pouco pelo que encerra de grandioso e belo.

Em baixo, à esquerda: A professora Marina Saroldi de Azevedo pede a Maria Nilce que mostre ao reporter as suas habilidades. E sem se fazer de rogada a garota escreve com desembaraço. Ao início do curso primario esta menina já estará capacitada para um melhor aproveitamento. A direita: Quase ao terminar a merenda, fisionomias satisfeitas, sintoma de um estômago bem forrado.



QUEREMOS OUTRO BODE

CARLOS fora criado no convívio de sua família; seus companheiros de brincadeiras eram a irmã, Adélia, de seis anos de idade, e Luiz, filho do vizinho, este quase um ano mais moço que Carlos e aquela dois anos. Seus folguedos prediletos eram as bonecas e as brincadeiras de "pegador".

Ao contrário da meninada da vizinhança, não vadiava na rua e não sabia dizer palavras porcas.

Andava, ultimamente, muito entusiasmado com a idéia que lhe dera seu primo Fernando, no domingo, ao percorrer o quintal de sua casa, até mesmo comprara, com suas economias,

Cr\$ 20,00, um caixote e alguns pregos.

— Será que o zangado aguentará puxar nós três no carro? — perguntou Carlos.

— Não sei... — respondeu Luiz.

— Por que não "se" unes ao Fernando? Na casa dele tem outro bode e ele bem que podia nos "imprestar" — ponderou Adélia.

— E' mesmo! — acudiu o irmão, aplaudindo a idéia — Mas o carro tem que ser maior, senão não "podemos" os quatro dentro dele.

— E' melhor comprar outro caixote.

— Bem, eu vou pedir mais dinheiro ao papai. O meu já acabou.

— Eu tenho Cr\$ 10,00 em casa. Vou buscar. Telefonem para o armazém e peçam outro caixote, que eu já volto — disse Luis.

"Seu" José não gostava de contrariar os filhos, por isso logo que soube do que planejava Carlos, dispôs-se a ajudá-lo no quanto pudesse. Para dizer a verdade, foi ele quem acabou por fa-

zer todo o veículo, pois seu filho jamais tinha pegado em um martelo ou em um serrote.

O carro passou a ser assunto das visitas e das recepções.

— Já sabem, o meu Carlinhos e a Adélia, em companhia de um filho do vizinho, estão construindo um carrinho para o bode lá de casa puxar.

Alguns achavam, o Carlos maravilhoso.

— Aquele menino é muito vivo.

— E' um futuro engenheiro.

Outros limitavam-se a ponderar:

— E o senhor não tem medo que as crianças tomem uma chifrada do animal?

— Não, eles são muito espertos e o bode é manso, apesar de ter o nome de Zangado.

— E' mesmo, talvez fosse perigoso os meninos, que nunca brincaram com animais, lidarem com o Zangado.

— Mas não há perigo, eu mesmo amarrarei o bode ao carro, quando eles quiserem andar. Além disso, passearão somente pelo pomar, que, graças a Deus, é bem grande.

Duas semanas depois da visita do Fernando, a viatura estava concluída. Era quase uma caruagem, toda azul, quase preta, donde se destacavam as taxinhas douradas, formando desenhos rudes, brilhantes ao sol; com dois bancos acolchoados no assento e no encosto, ambos com braços de madeira bem lixada; quatro portas pequeninas, cada uma correspondendo a um lugar; coberta por uma capota aranjada com forro de guardachuvas velhos e duas lanternas laterais.

"Seu" José estava satisfeito por ver seus filhos alegres e estes, encantados. Fernando, ao saber que sua idéia tinha sido posta em execução, veio pedir ao Carlos para tomar parte na brincadeira.

— "Puxa" que teu carro está um "bucado" bonito! Quando é que "você" vai "istrear" "ele"?

— Não sei, talvez tenha que "isperar" "nacer" outro bode. O Zangado sózinho não aguenta

— "Si" "você" deixar eu andar no teu carro, eu peço ao papai para "imprestar" o Barbudo

— e assegurou com decisão — e o ha que ele é um "bucado" forte.

— Está bem. Eu "tava" mesmo "cum" vontade de comotar isto "cum" você.

— Eu não disse que ele "concordava" logo?! — gritou o Luis, cheio de contentamento.

Fernando voltou para casa radiante, ele poderia também andar no carro de Carlos. O Barbudo era bravo e ele seria, por certo, quem guiaria.

Chegando em casa, correu ao pai e pediu o bode para puxar o carro que Carlos tinha feito.

— Mas por quanto tempo que rem vocês o Barbudo emprestado?

— E' para ficar lá, "purqué" o Zangado sózinho não aguenta.

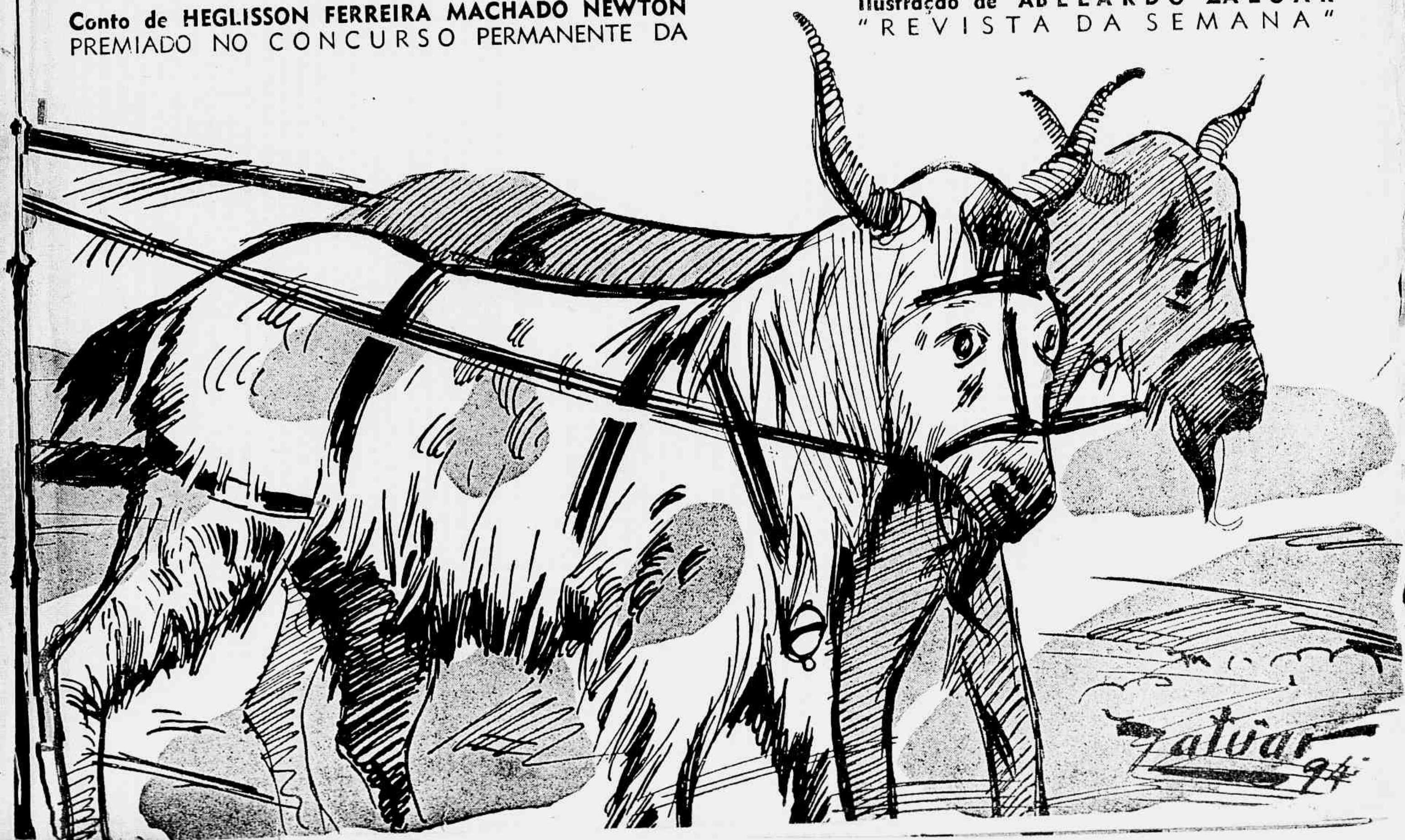
— Por uma semana eu empresto. Por mais tempo, não.

Foi uma festa quando o Barbudo chegou, conduzido pelo Pedro, empregado da casa de Fernando. Atrelaram logo o bicho ao veículo, juntamente com o Zangado, tomaram os lugares na viatura e começaram a bater nos animais para os fazer andar.

(Continua na pág. 55)

Conto de HEGLISSON FERREIRA MACHADO NEWTON
PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DA

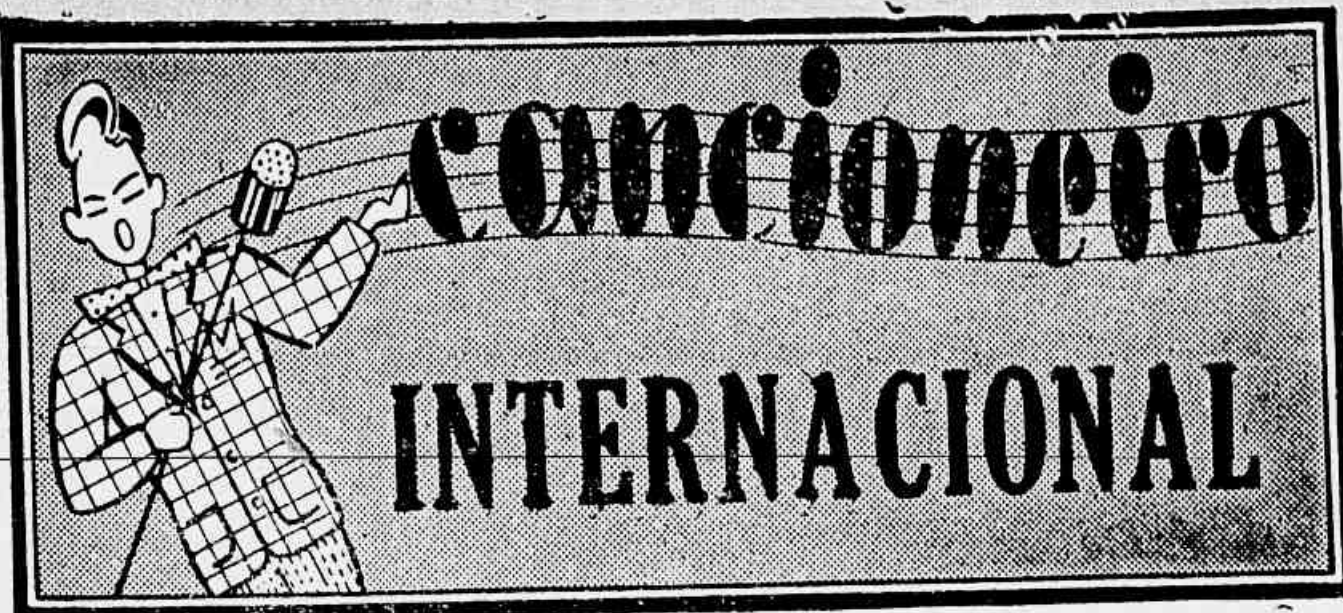
Ilustração de ABELARDO ZALUAR
"REVISTA DA SEMANA"





NOITE

Modelo de Jean Farell para grandes cerimônias. É executado em seda preta, com recortes e drapeados na blusa e na saia. Faixa na cintura presa com nó e nas pontas e larga franja preta. O segundo é de Agnès Drecoll, para a noite, executado em tafetá estampado com fundo branco. Blusão com grande "godet", decote em "V" na frente, grande decote nas costas. Saia formando cauda atrás.



E o código de direito autoral?

COMO resultado prático do Congresso de Radiodifusão, há tempos realizado nesta capital, a ABR (Associação Brasileira de Rádio), acaba de lavrar um tento espetacular, conseguindo que o projeto do futuro Código de Radiodifusão, por ela elaborado e encaminhado à deliberação da Câmara dos Deputados, fosse subscrito por uma grande maioria de membros daquele ramo do legislativo federal, seguido do seu imediato encaminhamento à Comissão competente. Ao tempo em que a Confederação Brasileira de Radiodifusão pretendia representar o pensamento do nosso mundo radiofônico, acontecimentos como esse seriam impossíveis, porque lhe faltava a vibração e o dinamismo da turma que está à frente dos destinos da ABR. Ai está um exemplo palpável dos novos e seguros rumos a que ela está conduzindo a grande família que condignamente representa. Enquanto isso, autores teatrais e compositores de música continuam perdendo um tempo preciosíssimo, empenhados numa luta estéril, fomentada pela vaidade de uns, pelos interesses inconfessáveis de uma meia dúzia e pela inconsciência de todos. Sucedem-se as sociedades de autores, que logo se empenham num prêmio de vida e de morte, para logo em seguida, se acomodarem nos acordos mais ignominiosos. As diretorias se eternizam nos cargos, formam-se os grupinhos de privilegiados ante a impassibilidade geral, deixa-se ao desamparo a produção nacional, permite-se covardemente a intervenção estrangeira e consente-se assiladamente numa escandalosa evasão de rendas para fora do país. Eis o triste panorama da planície autoral onde, por mais que se queira adubar estas "plantas": SBAT, ABCA, UBC, SBACEM, chega-se fatalmente à conclusão de que ali só vingam... o "capim". Porque, então, fazer inútilmente a pergunta que encima esta nota?

F. CORREIA DA SILVA

BODAS DE PRATA

VALSA

Roberto Martins e Mario Rossi

I

Beijando teus lindos cabelos
Que a neve do tempo marcou
Eu tenho nos olhos melados
A imagem que não mudou:
Estavas vestida de noiva,
Sorrindo e querendo chegar
Feliz... Assim...
Olhando para mim,
Que nunca deixei de te amar.

II

Vinte cinco anos vamos festejar
de união
E a felicidade continua em meu
coração,
Vai crescendo sempre mais o meu
amor por ti,
Eu também fiquei mais velho e quase
não senti.
Vinte cinco anos de veneração e
prazer,
Pois, até nos momentos de dor,
O teu coração me faz compreender:
Que a vida é bem pequena para
tanto amor.

JAMA'S

Canción-Bolero de Gabriel Ruiz y
José A. Zorrilla

Quise tener um beso y no quisiste
Entregar-me tu boca, tu calor...
Quise tener tu alma y te ofendiste
Por que te la pagaba con amor...

El oro pudo más que mi cariño...
Pero a su vez el tiempo pudo más
Hoy te puedo pagar cualquier capricho
Pero quererte como ayer jamás!

TIMONEIRO

Valsa de Herivelto Martins e Humberto Porto.

Timoneiro que estás dormindo...
Sobre o barco, olha a alvorada!... BIS
Desperta que o sol vem saindo...
Nos lábios da madrugada!

Já vem surgindo a manhã,
ha uma festa no céu
num delírio de luz
Põe tuas velas ao vento
F vai mar adentro
Buscar ilusões!

(Timoneiro que vives perdido
BIS (Num mar enganoso
(De mil traições!...

PASSE'

Fox de Eddie De Lange, Carl Sigman
e Joseph Meyer

Can our love be Passé
when you seem kind of lost without me

And I've that lonely look about me,
How can it be?
Can our love be Passé
when you still haunt familiar places
And ev'ry dream of mine embraces
your memory?

You try to dance with someone new,
Darling I do too but we're bereft
to tears.

Why are you and I only passers by,
wasting precious years?
Why can't we start over,
Oh, heaven knows there must be
some way.

A love like ours just can't be Passé,
Sweetheart!

HAY QUE SABER PERDER

(Bolero de Abel Dominguez)

Cuando un amor se va que desesperación
Cuando un cariño vuela nada consuela mi corazón.
Dan ganas de llorar no es fácil
olvidar
Al querer que nos deja y que se aleja
sin compasión.

No puedo comprender que cosa es
el amor
Si lo que más quería si el alma mi
abandona.
Pero no hay que llorar hay que
saber perder
Lo mismo pierde un hombre que
una mujer!



GRIPES RESFRIADOS NEURALGIAS



DÔRES
de CABEÇA

TRANSPIROL

A MULHER SABE ESCOLHER

Na escolha da fazenda para o seu vestido, na escolha do seu sapato, da sua mala, do seu chapéu, dos produtos destinados à sua maquiagem, enfim, na escolha de todos esses mil e um objetos que formam o cabedal de uma mulher elegante e moderna, ela põe toda a sua atenção, todo o seu cuidado e medita às vezes por vários dias. Põe muito maior cuidado, muito maior desvelo, muito mais atenção do que deve merecer a escolha do remédio para os seus males íntimos, porque aqui se trata de sua saúde sem a qual a sua boa aparência e a sua beleza não subsistirão, por mais belas que sejam as suas vestidas, por mais belas que sejam os seus objetos de adorno e por mais eficazes que sejam os seus cremes, batons, rouges etc. Os males femininos são de duas naturezas diferentes: os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta ou diminuição de regras. Por isso existem dois remédios diferentes. Esta a razão pela qual o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 e o N.º 2. O Regulador Xavier N.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes e hemorragias. E o Regulador Xavier N.º 2 só se aplica nos casos de falta ou diminuição de regras. Ao adquirir, pois, o remédio para os seus males, veja o Regulador Xavier — o N.º 1 ou N.º 2 conforme o seu caso — e escolha certa de que fez uma escolha sábia e feliz. O Regulador Xavier combaterá com eficácia os seus males e os afastará de maneira definitiva, garantindo-lhe assim a perpetuação da sua saúde e que equivale a dizer a conservação de sua alegria e seu bem-estar, da sua mocidade, da sua beleza. Não se esqueça, pois, escolha bem os seus vestidos, os seus sapatos, enfim, todos os objetos destinados a realçarem a sua beleza, mas escolha melhor o remédio capaz de garantir-lhe a permanência eterna do REGULADOR XAVIER.

Irmã Florinda

(Continuação da pág. 21)

— Dê-lhe este meu cartão, ela compreenderá.
Dei uma olhadela ao cartão enquanto fazia-o entrar no parlatório e sentar-se numa poltrona.
Correu-me um calafrio pela espinha: Celso Andrade! Sim era este o nome que eu tinha entre os dedos. Então era o pai de Rubens! Que desejaria de Irmã Florinda? Que o teria trazido ao convento?
Vislumbrei, não sei como, uma oportunidade de esclarecer aquelas interrogações que pairavam em torno da freira.
Minutos depois, Irmã Florinda entrava no parlatório. Mostrara-se agitada quando lhe anunciei a visita; apressou-se por atender o homem que a esperava e meu deu ordem para descansar até sua volta. Ela mesma responderia pelos trabalhos da portaria.
Intrigou-me aquela bondade. Pareceu-me que Irmã Florinda queria ver-se livre de mim, de minha presença talvez indiscreta junto à sua entrevista.
Veloz como um rai de volta pelos fundos do pavilhão e alcancei o parlatório sem despertar a atenção do homem absorto em pensamentos. Pulei uma janela baixa que dava para o salão e movi-me com passos de seda ao longo das tapeçarias fofas que decoravam aquele recanto. Refugiei-me atrás de um reposteiro pesado que me escondia totalmente e fiquei palpitando de inquietude, admirada de tanta ousadia.
Quando Irmã Florinda chegou fez uma parada súbita e simultaneamente o homem levantou-se. De meu canto eu não perdia uma palavra, um movimento.
— Eugênia... — murmurou ele num tom carinhoso. A religiosa empalideceu e deu dois passos à frente como se fosse deter-lhe as palavras.
— Por Deus, senhor! Peço-lhe que não esqueça quem sou atualmente.
— Perdão-me... Lembrei-me da mulher que muito amei, que ainda amo talvez.
— Esta mulher morreu, senhor. Se não para si, pelo menos para o mundo. É forçoso que compreenda isso.
— Pois bem, Irmã. E porque mandou me chamar?
Irmã Florinda ofereceu-lhe uma cadeira e sentou-se-lhe à frente.
— Precisei falar-lhe. É necessário que se evite uma tragédia com criaturas que nos são caras. Não desejo que mais outros venham a sofrer por causa de um meu pecado.
— Seu pecado?
— Sim — frizou ela — o nosso pecado.
— Explique-se então.
Irmã Florinda falava mais baixo e eu precisava apurar meus ouvidos.
— Trata-se de seu filho.
— De Rubens?
— Sim.
— Que tem ele?
— Desde junho passado namora uma de nossas internas e com tal insistência que chegaram a se corresponder secretamente.

— Bem, e que há de mal? Acaso o fato se propalou, foi ao conhecimento das Superiores?
— Não, isso não! eu mesma descobri e abafei tudo.
— A senhora?
— Sim. Seria péssimo para ela e para mim se descobrissem o que se passou.
— Péssimo para as duas? Mas porque? A senhora não deve desconhecer que Rubens já não é uma criança; ademais é meu único herdeiro, portanto plenamente capaz de encarar qualquer compromisso.
— Seu filho e esta jovem jamais poderiam casar...
Ele teve um sorriso irônico.
— Ora, Irmã; como pode tomar decisões sobre os destinos alheios?
— Sobre ela posso tomar qualquer decisão; seu destino me pertence.
Paiou um silêncio sobre os dois. Por fim brotou a pergunta que ele tinha receio de fazer.
— Queira me dizer, Irmã: quem é ela?
Houve outro silêncio. A resposta pareceu mais custosa que a pergunta.
— É a nossa filha, senhor.
Não sei o que senti no meu esconderijo. A princípio tive a impressão de perder os sentidos. Então ali estava a história toda, saltando aos olhos, esclarecendo tudo. Mafalda era filha de Irmã Florinda. Irmã Florinda amara Celso Andrade mas este era casado e tinha um filho; depois a entrada da moça no convento; Rubens era o filho de Celso e consequentemente irmão de Mafalda. Era atordoante! E pensar que se fazia tanto silêncio à volta de um abismo tão gigantesco onde os dois jovens estavam presas a cair!
Abandonei minhas conclusões para ouvir o fim da entrevista. O homem pusera-se de pé, sobressaltado.
— Ela! e onde está? Como pôde ocultá-la tanto tempo?! Por Deus, deixe-me vê-la! ela é minha também!
— Calma, senhor; ela já não nos pertence, nem ao senhor nem a mim.
— Quem a tem? Quem a criou?
— Foi criada por Roberto Viana, aquele que um dia, apesar de tudo quis me desposar. Eu mesma a entreguei a seu carinho, pois tinha certeza de que ele me amava e teria desvelos por tudo que fosse meu. Roberto Viana hoje é rico, ela é feliz e poderá ser mais ainda se a livrarmos do perigo que corre. Devemos afastá-la de seu filho antes que tenhamos de enfrentar maiores desgostos.
— Rubens deverá partir em janeiro para terminar o seu curso na Universidade de Londres. Ficará cinco anos longe do país.
— É preciso antecipar a viagem. Mafalda entra em férias em dezembro e não devem tornar a se ver. Seria doloroso ter que falar a Roberto e explicar o perigo que a menina corre. Mafalda é jovem, logo não lembrará do rapaz.
— Este é o seu nome?
— Sim, chama-se Mafalda.
Houve um breve silêncio. Irmã Florinda também pôs-se de pé e aguardou a última palavra.
Pois bem, Irmã. Logo que chegue a primavera Rubens deixará o país; não torne a se preocupar.
Brilhou nova luz nas feições da religiosa.
— Obrigada, meu amigo; muitas vezes obrigada.
Enquanto Irmã Florinda acompanhava-o até a porta saí do parlatório como um pé de vento. Só parei de correr quando havia atravessado dois ou três pavilhões para além da portaria. Cheguei ao parque central afogada de susto e pasmada de surpresa. Sentei-me num banco de plantas e fiquei pondo em ordem as minhas idéias.
Estive sózinha longo tempo, acalmando os nervos, sossegando o coração que saltava no peito.
Meditava sobre o caso quando pousei-me no ombro uma mão de veludo. Voltei-me. Era Irmã Florinda.
— São seis horas, minha filha; não vai à capela fazer as orações da tarde?
Olhei-a bem dentro dos olhos.
— Já mesmo para lá, Irmã. Apenas achei aqui o lugar tão bonito que senti um pouco para pensar na vida.
Seus lábios tiveram um triste sorriso.
— Não pense na vida, minha filha. Ela é como um rio profundo que tem a face assetinada. Se pensarmos que no fundo acharemos pedras e logo teremos medo de mergulhar.
— E não há forma de viver sempre na tona?
Ela riu da minha ingenuidade.
— Pode ser, pode ser — depois piscou-me o olho maliciosamente e terminou — mas volta e meia todos nós vamos ao fundo. Agora apressemo-nos, minha filha; já é tarde e devemos orar.
Nossos vultos seguiram juntos. Eu e ela donas do mesmo segredo, apenas nós duas compreendendo as mesmas emoções como se tivéssemos espíritos gêmeos.
Somámos entre a quietude das oliveiras atendendo ao apelo da terra branca que nos oferecia um refúgio de sombra.

Ingrid Bergman, grande...

(Continuação da pág. 13)

com a visão de um mestre do drama, não diretamente mas através de seus personagens, nesse exame da vida edificante da camponesa de Domremy. Para isso, trouxe Maxwell Anderson à cena uma comunidade de ato-

INSTITUTO ROENTGEN

RADIOLOGIA SUPERFICIAL E PROFUNDA
DR. ALVARO FORTES — FERNANDO AZZI
RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 - São Paulo

res e atrizes, preocupados com problemas de ordem material, ensaiando uma peça sem teatro certo em que estreia-la, com o alugador do teatro na cadeia por ter emitido um cheque sem fundos, com o guarda-roupa ainda por fazer, com os cenários ainda incompletos, — e, além de tudo, com uma atriz que não se limitava a representar os seus papéis, mas ainda queria discutir a peça, contestar as idéias do autor, sabe o "porquê" das coisas que dizia. E através desse recurso, que em condições ordinárias, seria um simples truque teatral, — e talvez mesmo um truque mediocre, — esse autor de excepcional talento consegue estabelecer uma ponte entre o passado e o momento presente, mostrando existir uma correlação entre os ideais de Joana D'Arc e os ideais da nossa época. Ingrid Bergman faz o papel da atriz central da companhia, a opiniática e valorosa Mary Grey, que reage com verdadeira obstinação contra as alterações que, pouco a pouco, vão sendo introduzidas no texto em enaios, de modo a desvirtuar-lhe as intenções primitivas dando-lhe um sentido que, no seu entender, não é o da "resistência", mas o da "transigência". Entende ela que Joana D'Arc com a sua pureza moral, não poderia ter sido uma acomodaticia, participando de conchavos, acumpliciando-se em cambalachos. E a verdade é que, baseando-se em grande parte sobre o texto clássico de Michelet, Maxwell Anderson consegue nos infundir a convicção dessa extraordinária pureza de coração e de pensamento da donzela de Orléans, da puríssima camponesa da Lorena. Maxwell Anderson dá-nos as mais belas e admiráveis cenas da vida familiar de Joana, da sua chegada a Chinon e dos seus primeiros contactos com o Delfim covarde corrupto e comodista, até atingir o climax da vida da donzela, com a derrota dos ingleses e o seu julgamento, posteriormente, como herética. Representada praticamente sem cenários, sem luminárias e sem guarda-roupa completo, mesclando-se os atores vestidos à antiga com outros vestidos à moderna e alguns, ainda ecleticamente, como o arcebispo de Rheims, Regnault de Chartres, que ostenta apenas a mitra na cabeça, essa obra prima do teatro moderno, despojada, como é, vive apenas da força do seu texto e da poderosa interpretação dos atores entre os quais, ao lado de Ingrid Bergman, se destacam Sam Wanamaker, no papel do empresário Jimmy Masters, diretor de cena e intérprete também, do Inquisidor-mor, e Romney Brent, famoso no teatro e no cinema inglês, no papel do debochado delfim Carlos. No seu texto, Maxwell Anderson se permite ironizar Bernard Shaw, para demonstrar que o dramaturgo inglês não interpretou fielmente a psicologia de Joana D'Arc e que a peça deste, sobre o assunto não passa de uma ridícula pilhéria... Só um grande talento, na verdade, pode se permitir um pouco de polêmica, num terreno perigoso como esse. A verdade, entretanto é que Maxwell Anderson estava certo. A crítica reconheceu que sua peça nos

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 15 — 2.º Lda

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX
produto do laboratório de GUARAMIDINA

PRÍNCIPE DE GALLES

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!

Produto COSTA PENNA BAHIA BRASIL

conter-se. A notícia voou rapidamente pelas salas.

Todo o mundo correu ao bar-racão.

E ninguém, ninguém dizia nada com a boca. Ouvia-se apenas o clamor dos olhares.

A Vanda sentiu-se mal. E achou que devia explicar o caso:

— Veio-lhe o colapso às oito da noite. Não havia mais tempo de transferir a festa.

A Lazineha achou insuficiente a explicação e acrescentou com a sua linda voz, a voz mais fresca e musical deste mundo:

— Morreu em cima da hora. Vovó foi sempre o tipo da errada.

Queremos outro bode

(Continua na pág. 51)

Que alegria. Os caprinos pacientes tirando o carro, que rolava pelo grande quintal da casa de Adélia, com "seu" José ao lado, cheio de precauções, enquanto a gurisada pulava e gritava dentro do veículo. No meio do vozerio, uma voz esganiçada dizia:

— Avante Barbudo, "pra"

certo. A crítica reconheceu que sua peça nos dá a melhor versão da vida de Joana D'Arc, dentre todas quantas foram escritas desde que William Shakespeare a pôs em cena pela primeira vez... Ingrid Bergman, com toda a certeza, ficará afastada da tela pelo menos durante um ano ou dois, tal o êxito de "Joan of Lorraine". A menos que mais tarde, ela venha a ser substituída, na peça já famosa, por outra atriz de grande talento. Porque a verdade é que "Joan of Lorraine", fazendo receitas assombrosas, fará companhia, decerto, aos grandes êxitos do teatro americano, desses que, como "Tobacco Road" e "Life with father", ficam durante oito ou nove anos no cartaz...

Duas irmãs fascinadoras

(Continua na pág. 27)

Voltámos para a festa. O Barreto era homem que não sabia

Mitigal



acaba com as coceiras

Perfume

Orbleu

de

BAZIN

O ouro sobre azul dos perfumes!

- Água de Colônia • Brilhantina
- Extrato • Loção • Óleo perfumado
- Pó de Arroz • Sabonete • Talco

À VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

DEPURE O SEU SANGUE

Salsaparrilha de Bristol é uma excelente medicação auxiliar no tratamento da sífilis. Depurativo vegetal, sem contra-indicação, seu uso é de efeito benéfico a todo o organismo.

SALSAPARRILHA DE BRISTOL

(Medicação auxiliar no tratamento da Sífilis)

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

REGULA



a Beleza do Cabelo

**augmenta a
atração pessoal**

Para assegurar a vitalidade, o brilho, e evitar queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos, não há melhor meio do que o uso diário do Tricófero de Barry.

Loção revitalizante, Tricófero de Barry tem a sua ação comprovada através de mais de um século de uso.

Dê aos seus cabelos o tratamento e o cuidado que merecem.

*Tricófero
de Barry*

EM USO DESDE 1801

A Beleza e Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O vivo e brilho de uma pele viva, adquire então a imperiosa com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

frente Zangado... — era o Fernando, que na boléia, mais parecia um fidalgo, guiando cupê de princesa.

Esta alegria era todas as tardes, durante uma semana. O Fernando, agora, visitava o primo todos os dias e o Luis, às oito horas da manhã, já estava, em companhia do Carlos, limpando o carro e observando se os pneus de bicicleta, que lhe serviam de rodas, estavam cheios.

Passada a semana, o Pedro veio buscar o Barbudo.

Foi uma tristeza.

— Ah! deixa mais um dia... — exclamava a Adélia.

— Só hoje!... — pedia o Luis.

— "Num" posso, o "seu" Vicente "mandô" "buscá" o bicho e "si" eu "num" "levá", ele briga "cumigo".

— Mas pede a ele, pelo telefone, para deixar — pediu o Carlos.

— Eu não, "porque" "num" pedem "ocês"?

— Ó Luiz, pede você, "cum" quem ele faz mais cerimônia.

Luiz correu ao telefone, fez a ligação e esperou.

— Alô, donde fala. A senhora pode me dizer "si" o "seu" Vicente está? Obrigado.

Voltou triste e anunciou:

— Pessoal, ele não está em casa.

— Bom, "intão" eu tenho "memo" de "levá" o bode.

As crianças consentiram, demonstrando no rosto uma imensa tristeza. E Pedro levou o animal para a casa de Fernando, que ficava distante da moradia de Carlos, cinco quarteirões.

A noite, quando "seu" José chegou, ainda se falou no Barbudo.

Fernando visitara os primos na tarde daquele dia e prometera dar um jeito.

No dia seguinte, "seu" Vicente viu, com grande espanto, que os meninos traziam para sua casa arrastado pelos chifres, um bode.

— Que querem vocês com esse animal, meninos?

— Nós precisamos ter dois bodes. "Intão", resolvemos trazer, para cá, o Zangado — respondeu o Luis.

— E que pretendem fazer? Trazer o carro também?



à venda em todo o Brasil por

Cr \$ 12,00. Pedidos à COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Rua Maranguape, 15. Rio. Atende-se pelo reembolso postal.

— Não senhor, nós queremos é casar o Zangado.

— Mas vocês poderiam casar o zangado na própria casa dele, pois lá têm até mais cabras que aqui.

Então o Carlos, como quem vai dar um quinal:

— Mas nós não vamos casar o Zangado com cabra, não senhor...

— Com cabras quase sempre "necem" outras cabras — acudiu o Fernando.

— Pois é, nós queremos que "naçam" só bodes. Por isso vamos casar o Zangado com o Barbudo.

PO DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA PARTE

Música

(Continuação da página 18)

já esta secção, modesta, porém com a mesma firmeza que decorre de sua posição essencialmente afirmativa, divulgara a profunda impressão que me causou a audição de obras suas, como a previsão de que ele viria, fatalmente, a ocupar o posto que, agora, efetivamente ocupa.

Num esforço para justificar as primitivas restrições, com margem para as incoerências, aqueles que acertaram o passo pelo pronunciamento do juri da Guggenheim, dão a Claudio Santoro, agora, todo o crédito por uma completa formação técnica e recriminam uma suposta ausência de "sentimento" em suas obras.

Ora, se por "sentimento" se entende o "tremolo" das emoções afetadas, as charlatanices de um Brailowski, entre os intérpretes, menos música do que encenação, nesse caso falta, deliberadamente, sentimento a Claudio Santoro. E graças a Deus por isso! Mas sómente quem vai com o espírito preparado pode deixar de notar, por exemplo, que a sua "Música 1946" tem um tom de profunda dramaticidade, que, na utilização das cordas, revela uma comoção máscula, uma força de desespero lancinante indescritíveis.

Não é aqui o lugar para tentar explicar essa qualidade da música de Claudio, que já interpretamos em outras ocasiões. Mas convém lembrar que a tensão de sua arte é um reflexo dessa tensão do nosso tempo e a expressão poderosa revela uma profunda perplexidade diante dos rumos incontrolados do mundo contemporâneo.

FEMININAS

O pêlo de castor é indicado para embelezar as pestanas. Escove-as diariamente aplicando na escova um pouco daquele produto.

★

Se você procura uma base nova para o colorido tostado da sua pele, experimente misturar uma "base" incolor com uma pequena quantidade de "rouge" em pasta ou líquido.

★

Para que o "rouge" tenha uma aparência mais natural, misture-o na palma da mão com um pouco de pó de arroz, estendendo depois a mistura cuidadosamente sobre a pele.

★

O "rouge", o "baton" e o esmalte das unhas deverão ter o mesmo colorido. Há pessoas que usam cada coisa em cor diferente, resultando daí ficarem com aparência artificial e ridícula.

★

Se você não sabe fazer uso do pincel para pintar os lábios, procure fazê-lo com um pau de laranjeira. Espalhe bem o "baton" para que fique igual e procure não "avancar" muito na linha natural dos seus lábios...

★

Não deplie as suas sombrancelhas deixando apenas um fiosinho imperceptível que você depois completa com o lapis. O aspecto que isso dá, nada tem de distinto. Deixe que as suas sombrancelhas mantenham a sua espessura natural e limpe apenas os pêlos que estejam "sobrando"...

★

Para preparar um creme de "chantilly" perfeito, adiciona-se ao creme de leite uma colher de sopa de água, batendo-se em seguida muito bem.

★

Os ovos fritos devem ser feitos em fogo lento. Assim cozinham uniformemente as claras e as gemas.

★

Para que as claras cresçam mais rapidamente, experimente juntar uma pitada de sal.

★

Das costas de camisas de homem já velhas, podem ser feitas blusinhas para os meninos ou aventais para cozinha.

★

As carnes estofadas têm um sabor melhor se, ao começar a cozinhá-las juntar-se um pouco de açúcar.

★

Pode-se evitar que a "mayonnaise" talhe, intercalando o vinagre com o azeite, pingando aos poucos e mexendo sem parar.

ROUGE LIQUIDO
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA PARTE
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARÁVEL
RAINHA DA HUNGRIA

DOCES GOSTOSOS

BOM-BOCADO DE QUEIJO

1 côco ralado, 1 pires de queijo ralado, farinha de trigo, uma colher de sopa de manteiga, 8 ovos. Faça-se a calda com cravo e canela. Mistura-se todos os ingredientes e leva-se ao forno quente em forma untada.

★

PUDIM DE QUEIJO

Bata-se 6 gemas com 400 gramas de açúcar, juntando em seguida 100 gramas de manteiga 1 pires de queijo ralado, 4 colheres de farinha de trigo, cravo e

uma pitada de canela. Mexe-se muito bem. Leva-se em forno quente, em forma untada.

★

DOCE DE LEITE

Dois litros de leite, 1 quilo de açúcar. Vai ao fogo, mexendo bem até formar massa. Quando estiver no ponto, retire-se da panela e estenda-se sobre uma tábua, cortando em quadradinhos depois de frio.

"A BATATA PERFEITA"

LONDRES — Em busca da "batata perfeita" os cientistas britânicos da Universidade de Cambridge, cruzando uma batata nativa do México com variedades nacionais de batata produziram uma nova batata híbrida, que agora está para ser submetida a experiência de campo.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Esse tipo de batata resiste à geada retardada, que tanta devastação causa na Grã-Bretanha.

Desde o começo deste século que os cientistas britânicos trabalham por conseguir um tipo de batata que conquiste o mercado e que ao mesmo tempo resista à geada. Esses estudos estão sendo continuados agora em Cambridge.

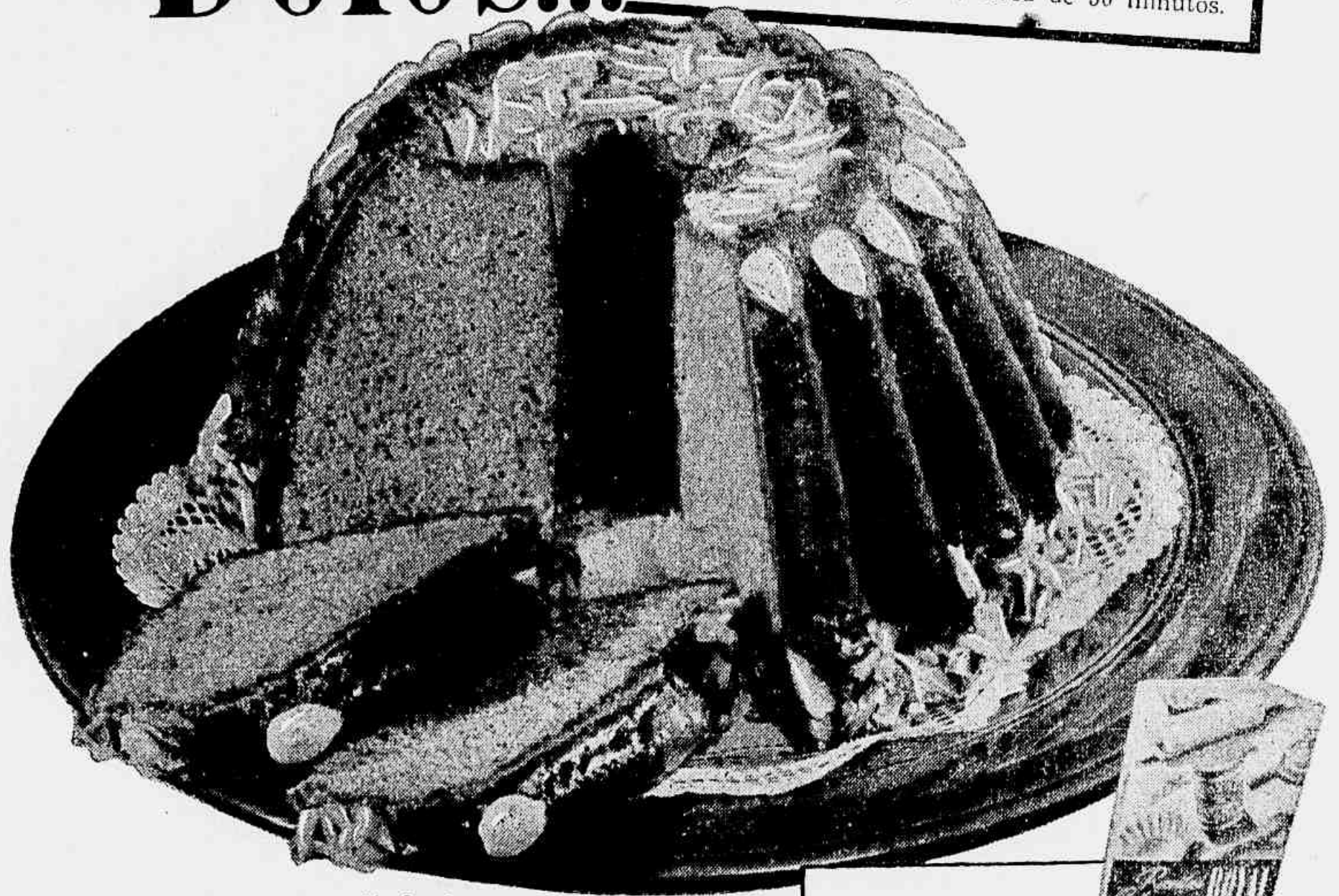
Cerca de 3.000 variedades diferentes de batata são cultivadas todo o ano — e, destas geralmente mil se revelam imunes à geada. Poucas, entretanto como o cruzamento de batata mexicana com a batata inglesa, se revelam imunes aos três tipos de ação da geada.

Faça Bolos...

BÓLO DE ESPECIARIAS

1/2 chic. manteiga (ou outra gordura)	1 colh. (sopa) Royal
1 1/3 chics. açúcar	1 colh. (chá) sal
1 colh. (chá) essência	1 1/2 colhs. (chá) noz moscada
3 ovos	2 colhs. (chá) canela
1 1/2 chics. farinha	1/2 colh. (chá) cravo em pó
1/2 chic. araruta	2/3 chic. leite

Amasse a manteiga até ficar um creme. Incorpore aos poucos o açúcar. Junte a essência, depois os ovos inteiros, um a um, batendo bem. Peneire juntos 3 vezes a farinha, araruta, Royal, sal e especiarias. Junte-os aos poucos, à massa, alternados com o leite, batendo sempre. Use forma repicada untada, forno regular, cerca de 50 minutos.



...e seu marido "virá correndo" para casa!

A presença de bolos em casa tem inúmeros significados... Um deles, por exemplo, encantará seu marido... É que bolos constituem uma evidente demonstração de carinho... Por certo! Vale a pena fazer bolos! E nem há dúvida: de vez que dessa forma seu marido virá correndo para casa, por que fazer bolos somente nesta ou naquela grande data? Para garantia do êxito, utilize sempre o Livro de Receitas Royal, usando o produto de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!



Grátis!

Peça hoje ao seu fornecedor um "Cartão-Royal" com as instruções para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Ou escreva para: Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro.

FERMENTO ROYAL
— a chave de mil e um pratos deliciosos!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO

Será preciso outro 29 de Outubro?

(Continuação da pág. 10)

embora não podendo deixar de ser um conhecedor do assunto. Haveria com isso menas recalques.

A OPINIÃO DE CELSO KELLY

Celso Kelly, jornalista, cronista, amante e conhecedor das belas-artistas, foi o homem escolhido pelo ministro Clementi Mariani para substituir o senhor Osvaldo Teixeira como diretor do Museu, segundo dizem. Quando o abordamos perguntamos-lhe que havia de positivo sobre isso. Disse-nos ele:

— Consultaram-se a respeito. Uma simples consulta, que muito me desvaneceu, mas não foi um convite. Não me foi possível, por diversas circunstâncias, aquiescer a essa generosa intenção. Mas isso é um fato que já caducou e que não tem a menor importância para os meios artísticos. Pouco importam as pessoas. Necessário é que se produza com eficiência e probidade e nessas condições há muita gente que poderá ocupar a direção do Museu. Esta instituição precisa, realmente, melhorar.

Inquirido sobre o regulamento que o senhor Osvaldo Teixeira fez aprovar, disse-nos o cronista de "A Noite":

— O último regulamento representou um retrocesso. Foi urdido sem nenhuma audiência dos artistas. As conquistas principais desapareceram. Ao ser conhecido mereceu a mais impressionante repulsa, a que já assisti, nos meios artísticos. Essa repulsa foi de tal ordem que as pessoas que insistiram em organizar o "Salão" não o conseguiram. Foi deveras lamentável, porque não foram distribuídos os prêmios, especialmente os de viagem, os quais não são simples honrarias, mas pecúlios indispensáveis para o prosseguimento de estudos. Enfim, ainda há quem tente ser autoritário num mundo que lutou para assegurar a todos o exercício da liberdade.

CAMINHO ÚNICO: PEDIR DEMISSÃO...

Cândido Portinari, o modernista discutidíssimo no país e consagrado nos Estados Unidos e França, depõe também nessa reportagem, solidarizando-se integralmente com sua classe. Embora estivesse em Paris quando se iniciava no Rio o movimento contra a ditadura do diretor-perpétuo, acompanhou de longe as fases da luta e agora, diante de nós, expressa veementemente sua repulsa pela atitude desse diretor.

— Não posso compreender como Osvaldo Teixeira ainda se mantém como diretor do Museu Nacional de Belas Artes, depois que se vê repudiado por toda a classe que ele, mais que ninguém, deveria representar. A não realização do "Salão" no ano passado, devido à sua intransigência em não querer modificar o seu regulamento, apontou-lhe o único caminho que deveria seguir: pedir imediatamente demissão do cargo que ocupa, já que se vale dele para pretender dirigir todos os "Salões".

— Acha que seja o seu mérito artístico que o mantém nessa função.

Diz-nos Portinari:

— Embora moderno, eu admiro os verdadeiros acadêmicos, como, por exemplo, Amoêdo. Quanto à arte do senhor Osvaldo Teixeira acho-a inclassificável. Não é clássica, nem acadêmica, nem de qualquer outra Escola. Artisticamente eu desconheço esse senhor.

Antes de nos despedirmos Portinari acrescentou:

— Acho admirável o movimento de repulsa e de luta iniciado por modernos e acadêmicos contra a tirania que se lhes quer impor. E esteja certo que a vitória será nossa.

Será mesmo? O senhor Clemente Marini não terá sido fascinado pelo senhor Osvaldo Teixeira? Quem sabe se ele não está já pintando um retrato do novo ministro, afim de garantir-se na função que tão mal tem servido? O Narciso totalitário da Avenida Rio Branco é capaz de todas as proezas para não largar o galho. Mas, de qualquer

AOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

forma, o que está acontecendo é uma vergonha para o Brasil.

FALAM ALUNOS DA E.N.B.A.

Os alunos da Escola Nacional de Belas Artes, futuros candidatos aos prêmios de viagem, acompanham com particular interesse o movimento de libertação do Salão e de independência do nosso mundo plástico. O reporter escolheu ao acaso uma turma da seção de desenho para dar o seu depoimento. Renina Katz, carioquíssima apesar do nome verdadeira líder da classe, tomou a palavra. Julgou o senhor Osvaldo Teixeira como artista e como diretor do Museu, com frases brilhantes e comparações singulares. Diz-nos Renina:

— O senhor Osvaldo Teixeira é o pintor dos "nouveaux riches". Ao pintar, ele não possui a mínima preocupação plástica, pois sua preocupação é apenas vender as suas obras. A venda fácil de uma obra não é, absolutamente, índice de valor artístico.

— Que acha da sua atuação no nosso Museu de Belas Artes?

— Cabotismo e autoritarismo são "qualidades" que não pode possuir um diretor de Museu e de "Salões", principalmente quando o mesmo concorre aos prêmios da casa. Só possuindo aquelas "qualidades" se compreende como ele pôde conferir a si próprio a medalha de ouro pelo quadro "O pão nosso de cada dia", julgada por ele mesmo uma obra-prima.

A uma pergunta nossa — se o diretor do Museu interferiria nos assuntos da ENBA — respondeu a turma em coro:

— Graças a Deus, não!

Outro aluno da ENBA declara:

— A direção imposta por esse senhor para exposições particulares é incoerente. Indeferiram-se um requerimento no qual solicitava licença para expor no "hall" do Museu, sob a alegação de que ali só poderiam expor artista medalhados.

O estudante Murilo Pessoa apartela:

— Debaixo dessa condição quanta nulidade tem a exposição? Seria justo que os novos também tivessem direito a um lugar.

Pelo que o diretor-perpétuo pode ver, os pintores da nova geração (acadêmicos e modernos), os que ainda cursam as aulas da ENBA, não estão conforme a sua orientação no Museu. Só lhe resta mesmo um caminho: é pedir demissão — como lembrou Portinari. Ou será preciso um outro 29 de outubro para a libertação das artes plásticas?

Numeros atrasados desta revista no Pará

pedir a

Albano H. Martins & Cia.

Travessa Campos Sales, 85 -- Belem



Ginosedol
O "REMÉDIO DAS SENHORAS"

CUTIS

CANSADA



e sem viço

As perdas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME RUGOL
Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo

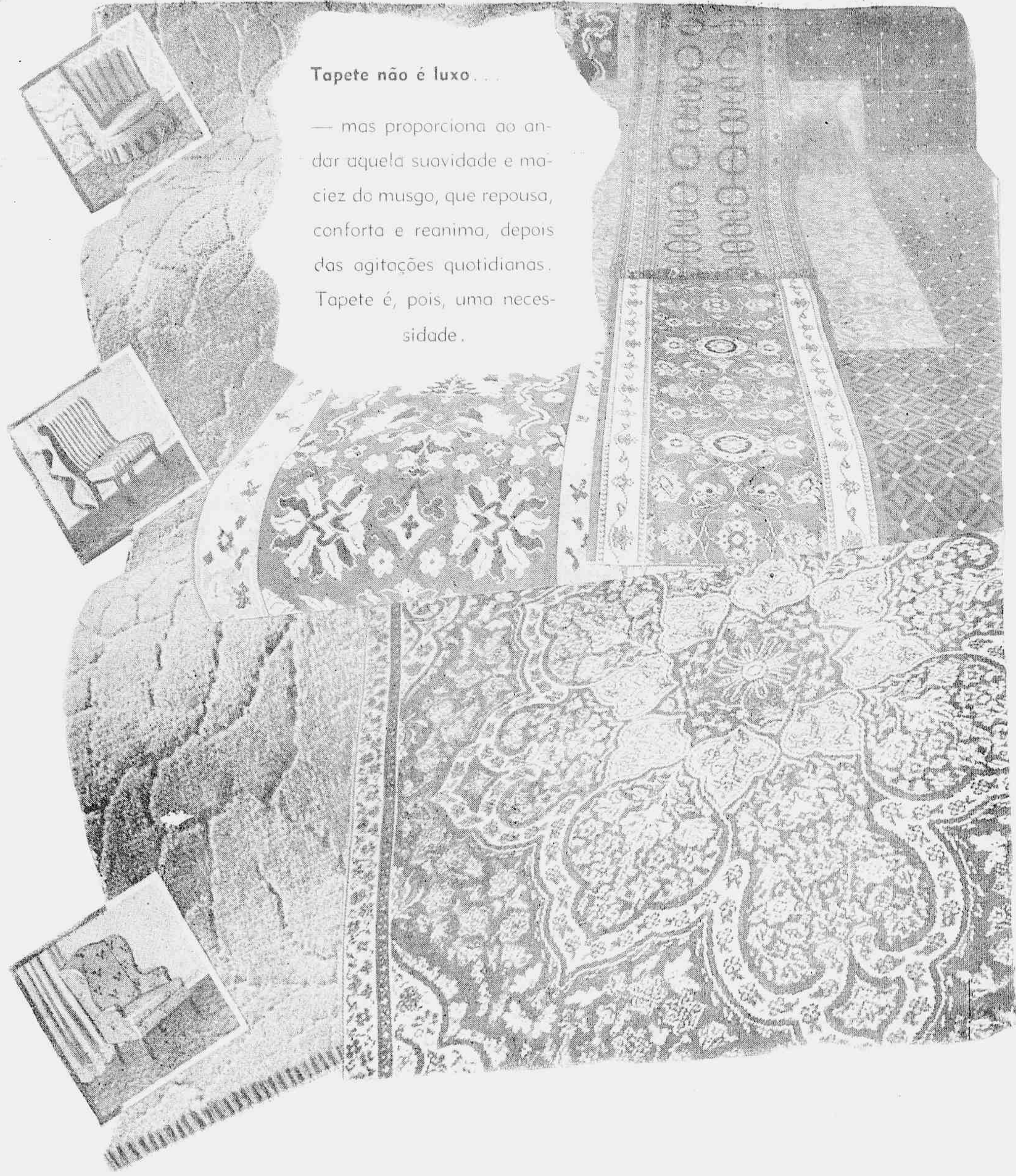
CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante



HEMORRÓIDAS E VARIZES
Hemo-Virtus
USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

Tapete não é luxo.

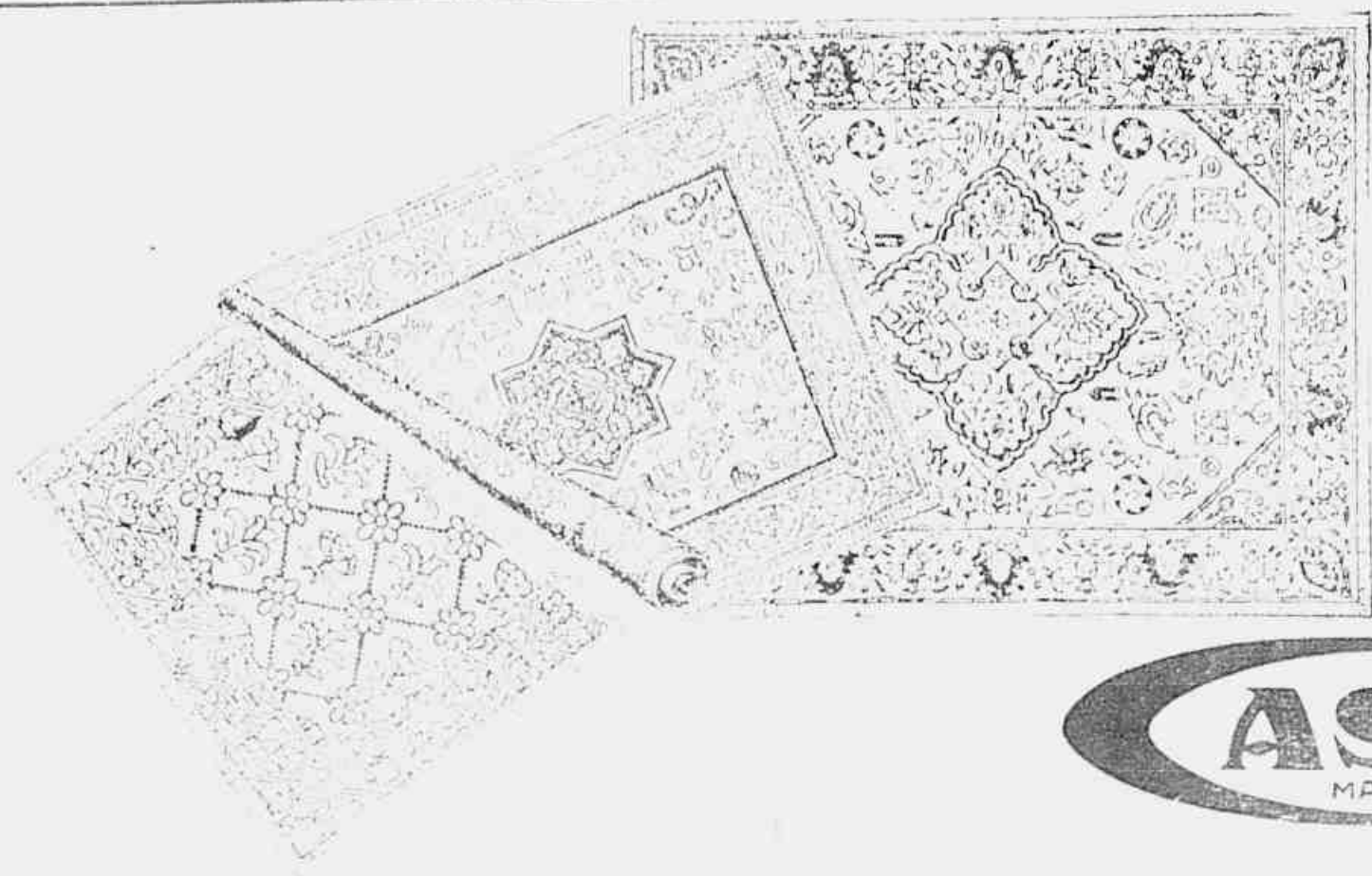
— mas proporciona ao andar aquela suavidade e maciez do musgo, que repousa, conforta e reanima, depois das agitações quotidianas. Tapete é, pois, uma necessidade.



Tradicional

“QUINZENA DOS TAPETES”

Grande exposição e venda de
TAPETES DE QUALIDADE
— recentemente importados —
GRANDES REDUÇÕES NOS PREÇOS
Ingleses, franceses, portugueses,
orientais, indianos, etc. — De-
senhos originais e exclusivos
Côres que agradam



Fundada em 1912

65 * RUA DA CARIOCA * 67



RIO

CIA. DE CIGARROS
SOUZA CRUZ

Epoca

Hollywood

CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz

